



**\* ANCESTRALIDADE \*  
AFRICANA NO BRASIL**



**MEMÓRIA DOS PONTOS DE LEITURA**

REALIZAÇÃO:

INSTITUTO DE POLÍTICAS RELACIONAIS

2014

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

PRESIDENTA DA REPÚBLICA  
DILMA ROUSSEFF

MINISTRA DA CULTURA  
MARTA SUPPLY

SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL (SEPPIR)

MINISTRA DE ESTADO  
LUIZA BAIROS

SECRETÁRIO EXECUTIVO  
GIOVANNI HARVEY

SECRETÁRIA DE POLÍTICAS PARA COMUNIDADES TRADICIONAIS  
SILVANY EUCLÊNIO SILVA

DIRETORA DE PROGRAMAS  
BÁRBARA OLIVEIRA

GERENTE DE PROJETOS ESPECIAIS  
LUANA ARANTES

GERENTE DE PROJETOS  
MARIA DO SOCORRO GUTÉRRES

EQUIPE TÉCNICA  
CRISTIANA LUIZ

SECRETÁRIA DA CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL  
MÁRCIA ROLLEMBERG

DIRETOR DA CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL  
PEDRO VASCONCELLOS

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL  
RENATO LESSA

DIRETORA EXECUTIVA  
MARISTELA RANGEL

DIRETOR DO LIVRO, LEITURA, LITERATURA E BIBLIOTECAS PÚBLICAS  
FABIANO DOS SANTOS PIUBA

COORDENADORA GERAL DO SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS  
ELISA MACHADO

COORDENADORA GERAL DE GESTÃO DOCUMENTAL E ADMINISTRAÇÃO  
TÂNIA PACHECO

COORDENADORA DE INFORMAÇÃO E GOVERNANÇA  
BIANCA LOPES

COORDENADORA DE RELACIONAMENTO E FORMAÇÃO  
VERIDIANA NEGRINI

INSTITUTO DE POLÍTICAS RELACIONAIS

DIRETORA GERAL  
DANIELA GREEB

DIRETORA DE PROJETOS E COMUNICAÇÃO  
VANESSA MARY LABIGALINI

COORDENAÇÃO DE PESQUISA DE CAMPO  
VILMA BARBAN

PESQUISADORA E ARTICULADORA LOCAL  
CINTIA ALVES SAMPAIO BRANDÃO

FOTÓGRAFOS  
BRUNO FERNANDES BARROS DE SOUZA (MACAPÁ, BELÉM, TERESINA E JOÃO PESSOA)  
GIDEONI SOARES ALVES JUNIOR (MINAS GERAIS, PARANÁ, RIO DE JANEIRO, RIBEIRÃO PRETO, PORTO ALEGRE E BRASÍLIA)

WEBDESIGNERS  
ANDRÉ DEAK  
FELIPE LAVIGNATTI

PRODUÇÃO  
ANA PAULA MALANDRIN  
RUTH EGAS  
SHIRLEI FIGUEREDO  
SILVANA LAMANNA CUPAILO  
VALERIA GRZYWACZ

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO  
GISELE BALESTRA  
PATRICIA GATURAMO

REVISORA  
MAITÉ RIBEIRO

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO  
ADRIANA FERNANDES

ILUSTRAÇÕES  
DANIEL KONDO

ORGANIZADORAS  
DANIELA GREEB  
ELISA MACHADO  
VANESSA LABIGALINI  
VILMA BARBAN

Ga. Et eos acimil molest ad quis rest aspient volorit atis erciminctium ut pliqui is est lignim quam que sed quam must arit et quaecesequo dolorionse eatia cum qui odicaes ciassinte quo bla ne eaturehendi dolupit atecum elias ipsunt aut andicime nus, utem dolor re possit, sam voluptas accuscil incipitatus ariasperro consequam quature ssenim es isque rae plandipid quos exerum et qui dollam evellorro teolor aliquo totaquam estiae et andae si cum es si aliam, vit untiaesto dolore, exerem aut ipit exeris earuntum eum fuga. Nem. Itaspici autas es velecat quasperferum volorep erspedi tiaspitat ilicidus ium volupta conseqe sint adis re, omnis et fugiam, si odit pliquas pienis eicil invelicitat alibus sum destentis ipicaturi des sus.

Agnamus, aut venempo rrovit plibeaquas nisserum elessitae nobis sequatum nectat que cus et litatis dusda numqui odit lanisci derunt a ducia con core por alique volesto tationestet excest aut undes nobite pore volorumquis exera et, omnis es eaquas num nes estibus ereped qui qui doluptata ped que qui omnihil latectiur, quias porerite voluptatus archil moluptae quati optaspi endictatem untur aut latur si berum fuga. Itatiist unti seque nestius escillo rrovit lam vid quo exped magnatur, torum que placeati antior ressus expland antibusa venimpo rporum corio. Et volorep erumqu ntempo estempo rpost, arum experor eperum ute cupiendunt, idit incideribus, cum facea porporerspic te lam sedi a pere velectorro ipsundende dolo molore volla aut omnis maionsequo omnimoditae vent quiasit at quatatem facessi berum volorro odignis assequam quide quia corporem evelitate mos quidunt acea di odigent resesequ ndenent es aligentior as molor se latet voluptatquia que prae dem id eatectat.

Eles maxim endae. Bitatur, volum et pre velit offictotas modit la quistor endusdam rersper epratur, iur? Quiam eos et occabor roratusdae volorem qui te consequo earcill orepta quisi doluptas ellaccum re niame magnatq uibuscenti di officat ecestrum voluptate nem volut omnienit ommoles sitasin rercimet aria vento temped quos molesciet quatiisinum restes dendame voluptas explatur? Roratquia adi repudictus voluptat.

Pereiur reium re voluptas ex et aut eate liquodi di dolupta tiorum int, senis earuntorum eos delibusae paritaque ent omnis elitia nis aut volupta dolorionsed ut presedion re volupie nimusa voluptate sedis comnis sinciantis porum ea ent occupatata dolorehendam abor magnis as estissi taspitiis nobitem fuga. Occusapero eatia qui sim faccabo riaeptae mil magnisitemod quasper uptassit et, quas is el et volo doluptatus sequo blam, tes sime pliquo maiore imi, que nobist, ariossi magnimene nulparum quamus aut quatinc totaqui ute platurem ium labo. In prem reperro bererov itatect empore que volore quis explaborum qui tem et harum et preperum sitiostiatet remporp oresequi omnim et lam quatum ande sant et quuntore esciis que vendem am enti am, sinvente aut et eatu erero est, to ex etus quates eati ulpa digenist quidigent vel eum expligni vel id qui dolo te atumetur? Di rerruptatur, ommolo voluptus audigent et eario voluptae. Et pro officid erumque perio quasint.

MARTA SUPPLY  
MINISTRA DA CULTURA

ANCESTRALIDADE AFRICANA NO BRASIL:  
MEMÓRIA DOS PONTOS DE LEITURA

MINISTÉRIO DA CULTURA / FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (FBN) / SECRETARIA DA CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL (SCDC) / SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL (SEPPIR) / INSTITUTO DE POLÍTICAS RELACIONAIS, 2014. 130p., COLOR

ISBN: XXXXXX-XXX  
1. ANCESTRALIDADE AFRICANA NO BRASIL 2. MEMÓRIA  
3. PONTOS DE LEITURA 4. QUILOMBOS 5. TERREIROS



## APRESENTAÇÃO

POR  
ELISA MACHADO  
COORDENADORA GERAL DO SISTEMA NACIONAL  
DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS  
DANIELA GREEB E VANESSA LABIGALINI  
DIRETORAS DO INSTITUTO DE POLÍTICAS RELACIONAIS

O projeto *Pontos de Leitura da Ancestralidade Africana no Brasil* é uma ação cultural, transversal, que tem por objetivo principal apoiar e estimular iniciativas culturais já em andamento, voltadas para a preservação e a difusão da cultura de matriz africana.

É resultado de uma parceria entre a Fundação Biblioteca Nacional (FBN), a Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural (SCDC), do Ministério da Cultura (MinC) e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR).

É importante registrar que, no ano de 2008, o MinC investiu na constituição de pontos de leitura no País apoiando 600 iniciativas da sociedade civil com a doação de um conjunto de equipamentos, composto por mobiliário, computador e uma coleção de 650 obras. Em 2011, a partir de uma reunião entre representantes da FBN, Fundação Palmares, SEPPIR e SCDC ficou evidente que precisávamos ampliar nossa ação e agregar ao apoio à implantação do ponto de leitura o registro da memória e do conhecimento dos integrantes das comunidades em questão, assim como o fomento à constituição de uma rede de pontos de leitura de cultura negra.

Partindo do princípio de que a socialização dos saberes é vital para a construção do conhecimento individual e social, demos início ao delineamento do projeto-piloto *Pontos de Leitura Temáticos*. A partir desse projeto foi possível estabelecer conceitos e metodologias de estímulo às práticas leitoras, de registro da memória de comunidades tradicionais afro-brasileiras e de criação e fomento à constituição de um trabalho em rede. Os resultados, depois de avaliados e adequados, estarão prontos para serem replicados em outros grupos e espaços.

O Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), órgão subordinado à Diretoria do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLLB), da Fundação Biblioteca Nacional, ficou responsável pela condução do projeto-piloto, visto que todas as iniciativas do governo federal que envolvem a constituição de novos pontos de leitura são de sua responsabilidade. Mas, cada uma das instituições envolvidas teve um papel determinante no processo de execução do projeto. A SEPPIR foi a responsável pela seleção das 10 comunidades que fariam parte do projeto e pela indicação da lista de 300 obras na temática da cultura negra. A SCDC foi responsável pelo repasse do recurso destinado à compra do acervo temático e o SNBP pela gestão do projeto e pela doação de um conjunto de equipamentos, mobiliários e acervo básico de literatura, composto por 650 livros, compondo assim os *Pontos de Leitura da Ancestralidade Africana no Brasil*.

Em abril de 2012, com a parceria do Instituto de Políticas Relacionais (IPR)<sup>1</sup>, demos início aos trabalhos com a realização de um encontro presencial de aproximação e formação, do qual participaram representantes das 10 comunidades de terreiros e quilombos selecionadas, integrantes do SNBP, da SEPPIR e do IPR. Foram dois dias de intensas atividades, palestras e debates, culminando com o lançamento oficial do projeto no auditório Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional.

O projeto contou com duas equipes, sendo uma de campo e uma de infraestrutura e logística. Enquanto a equipe de infraestrutura e logística, formada por cinco profissionais, organizava os contatos com os responsáveis em cada lugar que seria visitado, traçava o roteiro de viagem e cuidava do transporte e acomodação, a equipe de campo, composta por dois especialistas em pesquisas com comunidades e um *videomaker*, realizava o levantamento de dados sobre o território, sobre a comunidade e formatava os roteiros de entrevistas e, a distância, dava início à aproximação com a comunidade que receberia o ponto de leitura.

Foram feitas dez viagens, uma para cada comunidade selecionada. A cada retorno da equipe de campo, todo o material coletado passava por uma transcrição do áudio, edição do vídeo e escrita de um diário de campo, que imediatamente era publicado no site desenvolvido para o projeto. O resultado final congrega mais de 150 horas de gravação em vídeo, 300 horas de áudio coletado e um total de 1.200 fotos. Todas as informações e registros foram organizados e sistematizados em vários suportes, tais como: relatórios de campo de cada visita técnica, mapa do Google com referências geográficas e dados socioeconômicos de cada local, área, cidade e estado, biblioteca multimídia com fotos e vídeos, painel colaborativo, notícias, e uma biblioteca virtual de livros e textos temáticos. Todos esses registros e documentos estão disponíveis no site [www.ancestralidadeafricana.org.br](http://www.ancestralidadeafricana.org.br).

Durante sete meses, a equipe de campo foi de quilombo em quilombo, de terreiro em terreiro saber dos causos, das histórias, das gêneses e transformações da terra, da vida, do axé de cada morador, de cada pessoa que faz parte da construção da história da ancestralidade africana. Essa experiência ficará para sempre na memória de todos.

Entre um ponto de leitura e outro, muitas vezes não dava para a equipe de campo se despedir emocionalmente das pessoas e das inúmeras histórias que compartilharam. Por outro lado, a equipe de infraestrutura e logística, ao receber o material registrado, se imbuía da história de cada morador, de cada integrante do ponto de leitura visitado. Os pesquisadores de campo chegavam com uma peça de artesanato e uma geleia do local, para que a equipe de infraestrutura pudesse se nutrir e sentir um pouco do que havia sido vivenciado com aquelas comunidades. E assim foi até chegar à décima e última viagem, com um misto de missão cumprida, com gosto de “quero mais”.

Muitas vidas, muitos causos.

Todas as etapas desse projeto-piloto foram discutidas e acompanhadas pela equipe do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, assim como pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

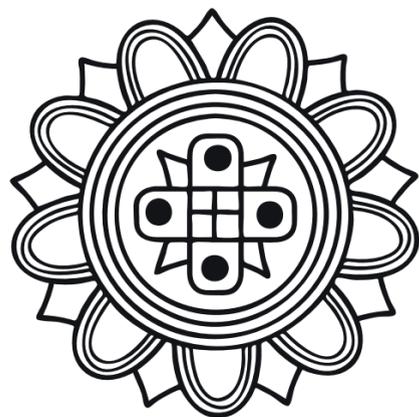
Entendemos que o projeto *Pontos de Leitura da Ancestralidade Africana no Brasil* pode ser multiplicado em todo o território nacional e pode ser considerado o ponto de partida para trabalhar outros grupos que englobam a grande diversidade cultural brasileira. Esperamos com isso ter contribuído para a implementação da Lei 10.639/03, que determina a inclusão desses conteúdos nos currículos escolares, bem como para o combate aos preconceitos e para a promoção de um pluralismo cultural compatível com a diversidade etnoracial do País.

Esses mesmos resultados estão aqui registrados e podem ser vivenciados na leitura de cada uma das falas que compõem este livro. Para nós, essas falas se configuram como uma grande contribuição para a construção de políticas públicas voltadas aos interesses reais da população negra de nosso País.

Para orientar a leitura, as falas estão organizadas por temas, como políticas públicas, racismo, religiosidade etc. Essas falas fazem parte do dia a dia da luta, dos sonhos e objetivos dos moradores e integrantes dos quilombos e terreiros pesquisados, e estão aí para serem vivenciadas pelo leitor deste livro, como se estivéssemos todos em uma grande roda de conversa. Basta escutá-las.

Boa leitura!

<sup>1</sup> Entidade privada sem fins lucrativos, selecionada por meio de Edital de Chamada Pública da Fundação Biblioteca Nacional (FBN).



# ANCESTRALIDADE AFRICANA NO BRASIL

POR  
SILVANY EUCLÊNIO SILVA  
SECRETÁRIA DE POLÍTICAS PARA  
COMUNIDADES TRADICIONAIS

*“A ancestralidade é a nossa via de identidade histórica. Sem ela não sabemos quem somos, nem o que pretendemos ser.”*  
Paulo César Pereira de Oliveira – “Contos e Crônicas do Mestre Tolomi: África Viva no Brasil”

O Brasil recebeu mais de 5 milhões de pessoas, na condição de escravizadas, entre os séculos XVI e XIX, originárias de diversas regiões e povos do continente africano. A despeito da violência do sistema escravista e, no pós-1888, do racismo, a descendência africana marcou de maneira indelével a cultura nacional. Atualmente, o País é considerado o segundo maior em população negra no mundo, constituindo 50,7% dos brasileiros e das brasileiras, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). Entretanto, quando analisamos as instituições nacionais, políticas, administrativas e socioculturais, é perceptível que o racismo é uma das suas variáveis estruturantes, constituindo espaços totalmente hegemonzados pela cultura eurocentrada.

O racismo também se manifesta no sistema educacional, cujos currículos e práticas pedagógicas, em sua grande maioria, ignoram solenemente a diversidade etnoracial do País, a despeito da Lei 10.639/03, que altera o artigo 26 da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e determina a inclusão da história da cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares. O mesmo ocorre nos meios de comunicação, que, quando não negam, estereotipam a população negra, sua cultura e seu modo de viver.

A seguir, trecho do discurso da Presidenta Dilma Rousseff, no dia 5 de novembro de 2013, na abertura da III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, em que a representante maior do Estado brasileiro afirma que o racismo é estruturante da sociedade brasileira:

*Nós sabemos que a nossa sociedade, a sociedade brasileira, tem de superar as consequências do nosso longo período escravocrata, que não acabam com a abolição, porque ressuscita um racismo como forma de hierarquização da sociedade, como forma de manter os valores de uma sociedade escravocrata. Constrói, de fato, essa hierarquização e é uma hierarquização social, e coloca, no nosso caso, as populações, vamos dizer assim, as indígenas e as populações tradicionais, e a população negra, na base da pirâmide, e por base eu estou dizendo o menor degrau da pirâmide.*

*Foi assim que a exclusão racial e a exclusão social se misturaram. Uma virou a outra, e essa é uma chaga que nós temos, e esse país tem, e tem lutado por isso, para estreitar, muitos lutaram para derrotar e para acabar com essa chaga que é essa mistura de exclusão social com exclusão racial, que leva a uma série de preconceitos (...)*

Historicamente, o racismo provoca efeitos nefastos na população negra, resultando na introjeção de estereótipos, na negação de si mesmos, na perda da identidade. Por outro lado, também possibilitou a formação de territórios negros de resistência, nas áreas urbanas e rurais. Esses territórios são espaços de promoção da cidadania, de preservação e produção da cultura e dos valores civilizatórios africanos.

Considerando a carência de materiais bibliográficos que tratem da temática do racismo, relações raciais, promoção da igualdade racial, história da cultura africana e afro-brasileira nas bibliotecas públicas e nas escolas, o Projeto “Pontos de Leitura da Ancestralidade Africana no Brasil”, assume importância singular, constituindo espaços de referência não apenas para a comunidade, como espaços de promoção da identidade e da autoestima dos afro-brasileiros, mas também para pesquisadores/as e professores/as.

Inicialmente, foram contemplados com o Projeto seis casas tradicionais de matriz africana e quatro quilombolas em dez estados da federação. A escolha das casas tradicionais de matriz africana e das comunidades quilombolas como os primeiros beneficiários do Projeto é estratégica e emblemática. Esses territórios tradicionais são, por excelência, mantenedores e produtores da cultura africana e afro-brasileira. Contemplar esses territórios é reconhecer sua existência, sua importância histórica e cultural e potencializar o trabalho dos multiplicadores e produtores de conhecimento.

O empoderamento dos territórios negros tradicionais é uma estratégia fundamental para a manutenção física e cultural dos grupos e para ampliar o conhecimento da sociedade nacional sobre a história e cultura africana e afro-brasileira. Nesse contexto, é importante destacar que os pontos de leitura da ancestralidade africana no Brasil, instalados nos territórios tradicionais, trabalham também com a população do entorno e com alunos e alunas de escolas públicas. A possibilidade de essas crianças e jovens visitarem esses espaços, conviverem com a diversidade e aprenderem sobre a história da população negra contada não só pelos livros, mas também pela boca das lideranças tradicionais, pode contribuir efetivamente para a construção de uma sociedade sem racismo.

A proposta de bibliotecas temáticas, como qualquer ação afirmativa, tem como objetivo principal reverter um prejuízo histórico provocado pelo racismo, e contribuir para a consolidação da democracia nacional. Haverá um tempo, e lutamos por isso, em que a diversidade etnoracial estará de tal forma incorporada às instituições nacionais e na própria sociedade brasileira que bibliotecas temáticas serão algo obsoleto.



# MEMÓRIA DOS PONTOS DE LEITURA DA ANCESTRALIDADE AFRICANA

POR  
VILMA BARBAN  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA DE CAMPO  
INSTITUTO DE POLÍTICAS RELACIONAIS

A história dos povos e comunidades tradicionais afro-brasileiras, em sua maior parte, se encontra na memória, na tradição oral, vivida e repassada pelas gerações desses povos. Visitamos dez comunidades em territórios habitados por Povos e Comunidades Tradicionais Afro-brasileiros, Quilombolas e de Terreiros, que se constituem nos primeiros “Pontos de Leitura Temáticos” em diversas regiões do Brasil – Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Goiás, Amapá, Piauí, Paraíba, Pará, Minas Gerais, Paraná e São Paulo.

Esta ação está voltada para o registro, divulgação e compartilhamento das histórias locais da cultura africana e afro-brasileira, com o interesse de colaborar para a preservação e maior visibilidade desses saberes, patrimônio cultural vivido e vivo, que transitam nas narrativas pelas gerações, na maior parte das vezes ignoradas pelos registros históricos.

*“A história de nossos povos nos tem sido contada a partir do olhar colonizador. Todo o restante tem sido invisibilizado, escondido atrás das paredes da desqualificação e da interdição, como ignorância, atraso, vulgaridade, ou das muralhas do preconceito.” (Ganduglia: 2010)<sup>1</sup>.*

É muito recentemente que se descortina a possibilidade de outros olhares e de outras versões sobre os fatos de nossas origens, das culturas que compõem essa mescla de povos latino-americanos, de outras versões da história. Particularmente no que se refere à história dos indígenas e dos afro-brasileiros, cujos braços construíram grande parte da riqueza deste país, e cujos saberes têm constituído o enorme colorido da nossa cultura, a beleza dos nossos traços, a nossa alegria.

Afinal, em 2010, o censo demográfico indicou que, na população brasileira, de mais de 190 milhões, 51% são pretos ou pardos (mestiços). Vale lembrar que os indígenas, sempre resistentes ao jugo da escravidão, foram praticamente dizimados, restando atualmente apenas 0,43% dos descendentes dessa população originária que já foi a totalidade deste país, e o pior, continuam a ser dizimados na atualidade. E, apesar dos direitos estabelecidos, as reservas têm sido alvo de disputa do agronegócio, da febre de construção de hidroelétricas e da especulação imobiliária.

Em nossa pesquisa observamos que o mesmo tem acontecido com as comunidades quilombolas e os terreiros.

Coletar (e registrar) histórias não é apenas uma entrevista, mas um compartilhamento de referências e experiências de vida e requer a empatia e a cumplicidade entre os envolvidos.

Conforme Benjamin (1993)<sup>2</sup>, *“A narrativa, na condição de modalidade específica de comunicação humana, floresce num contexto marcado pelas relações pessoais. O narrador é alguém que retoma o passado no presente na forma de memória; ou que aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. A narrativa sempre remete a uma distância no tempo ou no espaço. Essa distância é mediada pela experiência pessoal do narrador”.*

Como diz nosso amigo uruguaio, Néstor Ganduglia, *“quando a experiência vivida é contada ela se articula e se reelabora com o presente, ao qual inclusive lhe dá sentido. E mais, se chega ao ouvido do receptor é porque tem a ver com o presente e com a vida também*

*deste. O relato, a cada vez que acontece, é uma reflexão e elaboração. Assim vai se reelaborando continuamente”.*

Evidentemente cada narrador ou comunidade nos levava para outros horizontes, distintos dos nossos roteiros. E, embora tenhamos feito os registros em áudio e vídeos, muitas vezes, quando lembravam fatos ou faziam elaborações impressionantes e magníficas, não havia uma tecnologia à mão.

Reunimos muitas histórias contadas, das quais uma pequena parte toma forma neste livro. Nossa gratidão a todas as comunidades e pessoas, pela permissão do registro de suas memórias e pela generosidade com que nos receberam e o tanto que nos ensinaram.

1 GANDUGLIA, Néstor. País de magias escondidas: Montevideo: Ed. Planeta, 2010.

2 BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.





# POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICANA

## QUILOMBOS E TERREIROS

As comunidades quilombolas e os povos dos terreiros sempre foram formas de resistência: anteriormente, ao jugo da escravidão; atualmente resistem para conservação de suas terras e seus espaços de vivência e cultos, frente à voragem da apropriação indiscriminada movida pelo chamado ‘desenvolvimento econômico’, e à perseguição religiosa por parte de igrejas cheias de preconceitos.

## COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Quilombo é uma palavra africana originada do quimbundo (*ki lombo*), ou do umbundo (*ochilombo*), línguas faladas por povos bantos da região de Angola e designava *lugar de pouso ou acampamento*.

No Brasil, o termo passou a designar comunidades autônomas de negros, constituídas a partir de diversos processos.

Estudos históricos que reviram o período escravocrata brasileiro constataram que os quilombos existentes não se limitavam apenas à história de ‘negros rebeldes e fugidos’, como também não necessariamente se encontravam isolados e distantes de grandes centros urbanos. As comunidades quilombolas se constituíram a partir de processos diversos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e isoladas, as heranças, doações, recebimentos de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam, no interior de grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após sua abolição. Estes são os vários tipos de início de comunidade que encontramos na pesquisa.

Atualmente, a legislação brasileira adota o conceito de comunidade quilombola e reconhece que a determinação da condição quilombola advém da autoidentificação, ou seja, depende de como aquele grupo se compreende, se define. Este reconhecimento é fruto de uma luta árdua dos quilombolas e seus aliados, que se opuseram às várias tentativas do Estado de se atribuir a competência para definir quais comunidades seriam quilombolas ou não. Foi principalmente com a Constituição Federal de 1988 que a questão quilombola entrou na agenda das políticas públicas. Fruto da mobilização do Movimento Negro e seus aliados, o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) diz: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos.”

Estima-se que existem mais de três mil comunidades quilombolas no país.<sup>1</sup> Cada quilombo se organiza, em geral com os terrenos familiares, e tem uma Associação, entidade civil representante do conjunto e reconhecida juridicamente, que formalmente negocia e acompanha o processo de regulação e pode acessar programas governamentais ou projetos de financiamentos junto a outras instituições. Atualmente existe uma articulação nacional, a CONAQ – Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas, com representações em alguns estados, que se empenham na disseminação de informações, na organização dos quilombolas e dos debates e intervenções para o acesso aos direitos.

É um longo processo para obter esse reconhecimento legal como quilombo e mais ainda a obtenção de título definitivo de posse (coletiva) da terra, que demanda uma

quantidade de encaminhamentos burocráticos e há a sempre alegada falta de técnicos para dar conta de todos os processos. E ainda, no geral, envolvem inúmeros conflitos, pois as terras foram ocupadas por fazendas e empresas, ou são muito visadas pela especulação imobiliária.

Além disso, apesar de diversas políticas públicas destinadas a essas comunidades, as informações são fragmentárias, dispersas, e raramente chegam aos principais interessados.

## POVOS DE TERREIROS

Os terreiros são comunidades que preservam a visão de mundo africana.

Desde o século XVIII e principalmente no século XIX se tem registro de manifestações de terreiros no Brasil. Criados por negros que se reuniam para realização de seus cultos, também significavam um meio de confraternização, solidariedade e manutenção da memória coletiva, apesar da repressão imposta pelas autoridades reinantes.

Legalmente, os terreiros, além de espaços religiosos são reconhecidos por sua inserção e atividade social ampla.

“Os espaços de práticas das religiões de matriz africana são, no Brasil, não apenas locais de culto religioso, mas também instrumentos de preservação das tradições ancestrais africanas e de luta contra o preconceito e de combate à desigualdade social. (...) em sua maioria, estão localizados em área de vulnerabilidade social e caracterizam-se como espaços de solidariedade, acolhimento e promoção de ações sociais para toda a população que vive em seu entorno.” (MDS:2011, p.15)<sup>2</sup>

Os terreiros são espaços muito diversos, dependendo principalmente das condições de vida do responsável e dos participantes. Geralmente, quanto à parte religiosa, são constituídos com barracões e/ou salas, onde se realizam os cultos e práticas religiosas, jardins ou plantas em vasos, locais de assentamento dos santos etc.

Enquanto organização interna da parte religiosa há uma hierarquia que se estabelece conforme a responsabilidade e função, sendo a autoridade espiritual e moral concentrada nos chamados “Babalorixás” ou “lolorixás” (a palavra *lyà* do ioruba significa *mãe*, *Bàbá* significa *pai*).

Mais recentemente, com a maior participação política, os terreiros criam associações civis, centros sociais e culturais, reconhecidos legalmente, que possibilitam o acesso a políticas públicas.

Nas associações civis a vivência e as atividades desenvolvidas, como seminários, cursos diversos, história africana, dança afro, direitos humanos e religiosos, distribuição de cestas básicas, atendimento à saúde, campanhas de aconselhamento sobre aids, telecentros, orientação jurídica etc., são públicas, abertas a qualquer pessoa, independentemente de crença. Na parte social participam eventualmente os filhos da casa, mas agregam também simpatizantes, interessados, muitas vezes estudantes e intelectuais, professores etc., geralmente em trabalhos voluntários.

<sup>1</sup> Segundo o INCRA existem mais de três mil. A Fundação Palmares lista (até meados de 2013) 2187 comunidades remanescentes de quilombos, das quais 1845 obtiveram certidões de autodefinição. (<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2013/06/1-crqs-certificadas-ate-10-06-2013.pdf>)

<sup>2</sup> Em Brasil. Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Alimento: Direito Sagrado. Pesquisa Socioeconômica e Cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro. Brasília, DF. MDS: 2011, p.15.



## COMUNIDADES DE QUILOMBOS E TERREIROS

### COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA - ASSOCIAÇÃO RENOVADORA DO QUILOMBO MESQUITA

*Responsável:* Sandra Pereira Braga  
Caixa Postal 237 - CEP: 72880-990  
Cidade Ocidental / GO  
T. (61) 9964-0425 / 3500-4981  
T. (61) 9934-9374 (Célia)  
sandrabragatur@gmail.com

### QUILOMBO CURIAÚ - ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO QUILOMBO DO CURIAÚ

*Responsável:* Jozineide Araújo  
Rodovia do Curiaú, 3561 - Curiaú  
CEP: 68909-023 - Macapá / AP  
T. (96) 9111-4435 / 3251-6588  
quilombodocuriau@hotmail.com  
maryaraujo25@hotmail.com

### ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E PRODUTORES RURAIS DAS COMUNIDADES DE MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ - APRONPIG

*Responsável:* Itamar Alves de Souza  
*Presidente:* André Ferreira de Matos  
Rua Santana, 45 - Centro  
CEP: 39650-000 - Minas Novas / MG  
T. (33) 9199-7355 / 9198-5483  
iascultura@yahoo.com.br

### ILÊ IYABA OMI ACIYOMI (ASSOCIAÇÃO AFRRORRELIGIOSA E CULTURAL ILÊ IYABA OMI)

*Responsável:* Nalva Virginia de Almeida (Mãe Nalva de Osum)  
Rua da Olaria, 34 - Terra Firme  
CEP: 66070-710 - Belém / PA  
T. (91) 8199-4649 / 8735-2406  
aciyomi@yahoo.com.br

### ASP AJA - ASSOCIAÇÃO SANTUÁRIO SAGRADO PAI JOÃO DE ARUANDA

*Responsável:* Rondinele dos Santos (Pai Rondinele)  
Rua Francisco Maguinolia, 1971 - Santa Maria da Codipe  
CEP: 64012-470 - Teresina / PI  
T. (86) 8802-3047 / 9966-7297  
9436-2723 / 8838-7771 / 9925-7060  
redcultosafrospi@gmail.com  
agenda.rondinele@gmail.com  
http://aspajapi.blogspot.com.br/

### CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO

*Responsável:* Iyá Vera Soares Dyoyalajá  
Rua Prof. Oscar Pereira, 6969  
Bairro Cascata - CEP: 91712-320  
Porto Alegre / RS  
T. (51) 8490-0929  
verasoares-laja@hotmail.com

### EGBE ILE IYA OMI DAYE ASE OBALAYO

*Responsável:* Márcia Dória Pereira (Mãe Márcia D'Oxum)  
Rua Dalmir da Silva, Lote 8  
Sacramento - CEP: 24735-010  
São Gonçalo / RJ  
T. (21) 3605-1541  
matrizesquefazem@yahoo.com  
marciadoxum@hotmail.com

### ILÊ AXÉ OMI DEWÁ

*Responsável:* Lúcia de Fátima Batista de Oliveira (Mãe Lúcia de Oxum)  
*Coordenador de Projetos:* Leonardo Flari  
Rua Alvorada, 175 QD 67 lote 456  
Planalto da Boa Esperança (Valentina de Figueiredo) - CEP: 58.069-020  
João Pessoa / PB  
T. (83) 3212-7524 / 8724-7524 / 9827-6038  
omidewa@hotmail.com  
leonardoflari@hotmail.com  
www.omidewa.com.br

### CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ

*Responsáveis:* Paulo César Pereira de Oliveira (Pai Paulo) e Mãe Neide  
Rua Orûnmilá, 100 - Pq. Industrial Tanquinho - CEP: 14075-810  
Ribeirão Preto / SP  
T. (16) 3974-7478  
orunmila@orunmila.org.br  
orunmila@ibest.com.br  
www.orunmila.org.br

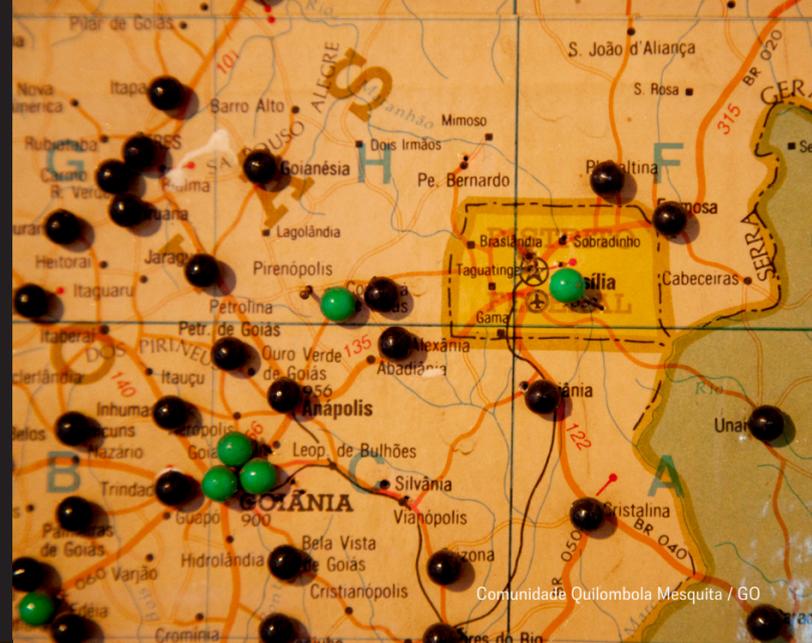
### COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO

*Responsável:* Rozilda Cardoso  
Localidade Serra do Apom  
Distrito de Socavão - Castro / PR  
T. (42) 9978-2713



## 16 REGISTRO DA MEMÓRIA

- 18 SER NEGRO, TORNAR-SE NEGRO
- 22 SER QUILOMBOLA
- 24 COMO VIVEM AS COMUNIDADES
- 28 ESPIRITUALIDADE
- 34 MEMÓRIA E IDENTIDADE



## 96 ATIVIDADES DAS COMUNIDADES



Centro Memorial de Matriz Africana  
13 de Agosto / RS



## 50 CULTURA E TRADIÇÃO

- 56 TAMBORZEIRO
- 60 COMUNIDADES DO TAMBOR *Por Paulo Dias*
- 66 AS ERVAS, AS CURAS, O AXÉ E A NATUREZA



## 104 RACISMO

ASP AJA – Associação Santuário  
Sagrado Pai João de Aruanda / PI

## 72 POLÍTICAS PÚBLICAS

- 80 PARTICIPAÇÃO POPULAR
- 86 CULTURA
- 90 DIREITO DA TERRA
- 92 REGISTRO OFICIAL DO QUILOMBO



Associação dos Moradores  
(Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá) / MG

## 112 PONTOS DE LEITURA

- 118 ACESSO À LEITURA E ACERVO TEMÁTICO
- 122 TRADIÇÃO ORAL
- 126 MEDIAÇÃO E LEITURA: TECER OS PONTOS  
*Por Francisco Gregório Filho*



Associação dos Moradores  
(Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá) / MG

# REGISTRO DA MEMÓRIA



Associação dos Moradores  
(Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravata) / MG

- TEM UMA DIVINDADE NO BANTO, DO POVO BANTO, QUE SE CHAMA "TEMPO", É "IN-TEMPO", E SÓ ELE TEM A SOLUÇÃO PRAS GRANDES PERDAS, PRAS GRANDES VITÓRIAS E PRAS GRANDES ESPERANÇAS, E É NELE QUE EU ENTRO NA "ONDA" PRA VER, EU QUERO VIVER BEM MAIS UM TEMPO VIU, PRA FAZER MAIS UM POUCO A DIFERENÇA.  
MÃE VERA SOARES,  
CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



Comunidades Negras Curais de Castro / PR



Quilombo Curiaú / AP

O TEMPO PEDIU  
PRA FOLHA DANÇAR  
PRA FOLWHA DANÇAR  
E NUNCA PARAR  
E SEMPRE CURAR O DIA  
DEMBWA,  
MÚSICA DE  
TIGANÁ SANTANA



# SER NEGRO, TORNAR-SE NEGRO

SABEMOS CANTAR E TEMOS A ALEGRIA QUE TALVEZ POVO NENHUM TENHA. Você passa na rua e vê aquela gente muito simples, muito negra na beira da orla marítima... E daí, muita gente pergunta assim, por que aquelas pessoas estão rindo? Sorrindo com a situação delas... é porque isso ninguém pode roubar da gente: a alegria, a felicidade, a dignidade. Ninguém pode tirar isso da gente.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE / RJ



A GENTE JÁ PENSA, “NÃO, O NEGRO NÃO CHEGA LÁ, não chega lá, não chega lá”, mas eu acho que tem que cair a ficha, igual muitas pessoas já sabem que o negro também pode chegar no mesmo lugar que o branco chega, não tem assim diferença. É mais sofrido? É, com certeza, mas que ele chega, chega. Quando o ministro (Edson Santos) apontou lá, tipo assim, quando eu vi ele, para mim era como se eu estivesse vendo tipo um irmão, uma coisa assim da família. Agora se fosse uma pessoa branca, toda assim, coisa assim, então, a gente tinha receio de chegar até ele. Mas, para mim, igual para muitas pessoas foi assim, mas para mim eu senti como se ele estivesse chegando em casa.

LENINHA (JUCILENE ALVES COSTA SOIER), ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



A GENTE É EDUCADO PARA NÃO SER NEGRO. No meu caso, eu fui educado para não ser uma pessoa negra. O que aparece na mídia? No livro didático? Vocês já viram algum livro didático que tivesse uma boneca negra? Aparece a figura branca, quando aparece uma figura negra é de porte subalterno e estão apanhando, estão sofrendo. É uma estratégia. Com esse processo da lei de (1888) começou a convencer eles e elas a dizer que é quilombola, então “eu sou quilombola, eu sou negro”, mas o que acontece conosco, negros e negras urbanos?

RUIIMAR BATISTA, ESCRITOR E PESQUISADOR, ASPAJA – ASSOCIAÇÃO SANTUÁRIO SAGRADO PAI JOÃO DE ARUANDA / PI



PELA HISTÓRIA QUE A GENTE CONHECE E VEIO A CONHECER DEPOIS, quando nós fundamos a associação, a gente nem sabia ainda que a gente era remanescente do quilombo. Depois, mediante as histórias, a gente disse “sabe de uma coisa, isso é o que nós somos, de onde é que nós viemos? Nós não somos portugueses, tem que ser índio ou descendente de quilombo, ou dos escravos”. Depois, com o andar da carruagem, a gente foi descobrindo, nós também viemos de lá, somos descendentes, somos remanescentes do quilombo; porque não somos índios.

SR. GERALDO BARROSO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



ENTÃO EU JÁ NASCI NESTE SEIO DA CULTURA NEGRA MUITO FORTE, com a iniciação dos meus pais e depois a gente veio com este trabalho cultural, que a gente tava aqui envolvida 100%, desde quando chegou a capoeira aqui. A gente foi entendendo a importância de participar, então foi tudo muito natural e a gente foi criando raízes também e hoje transmite um pouco do conhecimento que a gente teve.

RENATA RIBEIRO, COORDENADORA/PRESIDENTE DO CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP

“VOCÊS JÁ VIRAM  
ALGUM LIVRO  
DIDÁTICO QUE  
TIVESSE UMA  
BONECA NEGRA?”

RUIIMAR BATISTA, ESCRITOR  
E PESQUISADOR, ASPAJA –  
ASSOCIAÇÃO SANTUÁRIO  
SAGRADO PAI JOÃO DE ARUANDA / PI



UM PONTO CURIOSO É QUE ASSIM, nem na minha família tinha tanta vivência negra como tem hoje, hoje eu consegui incrementar mais, porque as pessoas se assumem negro, antigamente “ah, eu sou moreninho”, sou “meio branquinho”, hoje não, as pessoas da minha família não, falam: ” – Oh! Eu sou negro”.

MAICON, RÁDIO ORÛNMILÁ, CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



EU SOU ENGENHEIRO AGRIMENSOR, então eu ia fazer pesquisa em engenharia, cálculo numérico; de repente eu ia para a história, livro do Abdias Nascimento (...) Júlio Romão, descobri João Cândido (...) então eu descobri e foi sem querer, eu estava fazendo um estudo (...) eu também descobri o Zumbi – aí eu disse “ah, eu sou negro”.

RUIMAR BATISTA, ESCRITOR E PESQUISADOR, ASPAJA – ASSOCIAÇÃO SANTUÁRIO SAGRADO PAI JOÃO DE ARUANDA / PI



NÓS TEMOS QUE FAZER COM QUE ESTA SOCIEDADE RECONHEÇA quem realmente nós somos, oriundos, africanos que vivemos e nascemos no Brasil, mas temos a nossa etnia, temos a nossa história, temos a nossa origem e temos a nossa visão de mundo. Já nos apelidaram de “n” coisas, já fomos povo de santo, fomos afrodescendentes, nós fomos mãe de santo, sacerdotisa, sacerdote, pai de santo, cacique “não sei do quê”, qualquer coisa, menos o que realmente nós somos. A nossa fé é um valor civilizatório; não é uma religião, não é uma bíblia, uma hóstia, não é nem o símbolo de qualquer outra religião, mas nós temos uma maneira própria de viver e o terreiro é o que mantém isso, este espaço que a gente insiste, reafirma de chamar de terreiro.

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



ELES NÃO CONHECEM A HISTÓRIA DELES e isso me chamou muito a atenção, eles não sabem nada da origem deles, é tudo muito solto. Então eu tenho um grupo aqui em cima que digo assim: – Não! Mas é tua família, tá lá na Serra do Apon. – “Não, mas eu não conheço, eu nasci aqui em Castro”. Eles acham que nasceram aqui em Castro, mas eles não ligam as famílias, têm os mesmos nomes, os mesmos sobrenomes, mas eles não acham que são parentes e eu encontro a mesma parentela aqui do lado e do outro e na Serra do Apon e no Limitão, e, então pra gente fica até meio difícil porque eles não se reconhecem. Então, eles não têm uma coisa assim, eles não conhecem a história, eles não sabem, estão aprendendo a ser negro porque a gente tá dizendo: você é quilombola, você é negro, você é isso, e os negros faz isso, faz aquilo, mas eles cresceram é no meio dos holandeses, trabalhando pros holandeses. Estão naquela consciência de que você não pode nada e vocês só podem até aqui, e você tem, come o que tem ali, eles não têm uma comida própria, eles não sabem. A Dona Vani que conta do avô dela, mas nem ela lembra do que realmente eles comem, do que eles viviam, do que eles... então é a gente que fica criando a história pra eles.

PROFA. RIZALVA DE BARROS E SILVA, COLABORA COM AS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR

“EU SOFRI PRECONCEITO DENTRO DA ESCOLA, MAS NÃO SÓ POR SER NEGRO, SER DA PERIFERIA, MAS EU NÃO ME SENTIA ALI ACHADO COMO UM SER HUMANO, DENTRO DAQUELE ESPAÇO”

MAICON, RÁDIO ORÛNMILÁ, CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



Quilombo Curiaú / AP

EU TENHO CERTEZA QUE AQUI O AXÉ SÓ VEIO CONFIRMAR o que eu já nasci, porque minha mãe é negra e meu pai é branco, filho de italiano, bem branco mesmo. Sou crescido num ambiente que meu tio tocava, queria tocar samba. E teve uma época que eu era muito “fissurado” em carnaval e este meu tio desfilava, quando morava em São Paulo e meu avô e eu fui saber há pouco tempo atrás que a mãe dele era mãe de santo e que este meu avô era ogã. ... só vem confirmar o que já nasceu comigo, então eu nunca tive problema de aceitação, nunca tive problema nenhum, pelo contrário.

RAFAEL, MEMBRO DO EGBÉ AHÔ AŞÉ YÁ MESAN ORUN, CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



O QUE ME IDENTIFICOU MESMO, EU ENCONTREI MINHA ANCESTRALIDADE, foi aí que me marcou assim e eu falei: – “Nossa! Essa é minha vida, é assim que eu vivi, então é assim que eu tenho que viver”, e foi isso que me identificou. Então por isso que a gente está aqui até hoje. Eu vivia num espaço totalmente preconceituoso, que eu saí da escola na verdade por este motivo. Eu sofri preconceito dentro da escola, mas não só por ser negro, ser da periferia, mas eu não me sentia ali achado como um ser humano, dentro daquele espaço. ... tanto que quando eu voltei para a escola já cheguei questionando: – “Olha, por que não tem... a história dos negros aqui? Não é esta história dos livros”. Então a partir do Orûnmilá eu comecei a conhecer mesmo a minha verdadeira história, minha história negra e aí comecei a questionar, levei atividades negras pra escola...

MAICON, RÁDIO ORÛNMILÁ, CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP





Associação dos Moradores  
(Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá) / MG

## SER QUILOMBOLA

MEU NOME É JUCILENE ALVES COSTA SOIER, eu tenho vinte e oito anos, eu sou casada, eu tenho três filhos e eu moro aqui na comunidade do Macuco desde que eu nasci. Eu nasci aqui e moro aqui. Ser quilombola é assim, pode ser tanta coisa, poder a gente ter orgulho da cultura da gente, saber que a gente mora num território que foi o lugar, que foi onde começou a família, começou a era escrava (...) ser conhecido como quilombola, a gente não sabia esse termo ainda, “quilombola”, essas coisas. Mas já sabia que de uma forma ou de outra, vamos dizer assim, não vamos dizer que a gente é diferente, mas a gente já sabia que era de uma raça diferente do que a outra. Então, já sabia que a gente era quilombola, mas não tinha assim esse conhecimento e com esse reconhecimento mudou muita coisa porque, igual mesmo hoje, quando você vai fazer uma faculdade. Antigamente não tinha isso, agora hoje você já pode entrar nas cotas raciais, você já tem chance de conseguir vaga. Igual, vamos supor, se tem cem alunos, antigamente tem dois, três negros, com certeza aqueles negros não iam conseguir, e hoje não, hoje já têm aquelas vagas ali que já são reservadas para os negros. Mas assim, eu acho que essas cotas raciais, também é de uma forma ou de outra ainda está mostrando aquela diferença porque se dividiu – ali quer dizer que os negros não têm capacidade de, vamos supor, de disputar aquelas vagas lá, que são para todo mundo. As cotas raciais – é bom porque a gente tem aquele caminho ali que consegue, de uma forma ou de outra a gente acaba, ... mas, vamos dizer que ali a gente é menor, a gente tem menos capacidade.

LENINHA (JUCILENE ALVES COSTA SOIER), ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



SER QUILOMBOLA PRA MIM É UM MOTIVO DE ORGULHO que eu tenho, porque a gente conhece um pouco da tradição da história do Mesquita, eu acho que a pessoa que não quer ser quilombola, ela nunca tentou aparecer aqui, ela nunca soube realmente o que é um quilombo, o que é uma tradição do povo, a pessoa que não entende (...). Que a pessoa que sabe uma tradição, participa de coisas da comunidade, a pessoa fica mais ativa, fica mais sabida. Eu sou uma pessoa de pouco estudo, só fiz o primeiro ano do segundo grau, mas assim aqui a pessoa quilombola nem que ele não tem estudo nenhum, mas são pessoas de boa formação, pessoas educadas, porque naquela época os nossos pais não tinham estudo nenhum, mas eles educaram a gente, educação nossos pais deram pra nós. Eles falaram: “meu filho, eu não tenho condição de te dar um estudo, mas vou te dar uma coisa pra você, que vai transformar melhor do que um estudo, você tem educação, você sabe entrar, sabe sair de qualquer lugar, em qualquer país”. Nesta parte a gente agradece. Naquela época eu não tinha condição de manter um estudo, mas a educação era em primeiro lugar.

DIVINO XAVIER DA SILVA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO

“NÃO VAMOS DIZER  
QUE A GENTE  
É DIFERENTE, MAS  
A GENTE JÁ SABIA QUE  
ERA DE UMA RAÇA  
DIFERENTE DO QUE  
A OUTRA. ENTÃO,  
JÁ SABIA QUE A GENTE  
ERA QUILOMBOLA”

LENINHA (JUCILENE ALVES COSTA SOIER),  
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO,  
MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG





# COMO VIVEM AS COMUNIDADES



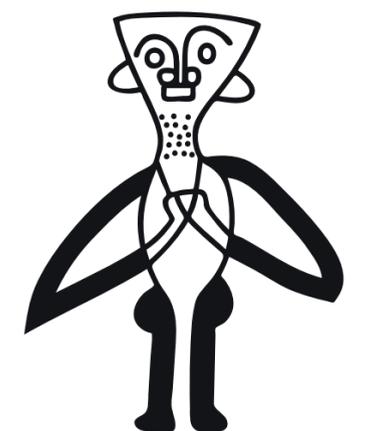
Fotos págs. 24 e 25:  
Comunidade Quilombola  
Mesquita / GO

A COMUNIDADE DE MACUCO É UMA COMUNIDADE muito próxima aqui da cidade e elas são praticamente, são quase 100% pessoas de pele negra, são negros. Porque a gente trabalha a questão das comunidades tradicionais não pela cor da pele, é pela identificação mesmo. Mas a questão da comunidade Macuco, como Gravatá, Pinheiro e Mata Dois, que estão ali no entorno, a maioria das pessoas são negras mesmo e isso é uma coisa que o nosso município aqui, por mais que tenha comunidade e tenha manifestações culturais fortíssimas com os negros participando, ainda há uma certa parcela da sociedade que ainda são racistas com as comunidades Macuco, aqui bem pertinho. O histórico da comunidade é o seguinte: quando a gente começou a trabalhar lá, eram cerca de sessenta, setenta famílias associadas a uma associação, poucas famílias participavam das atividades dessa associação. E a gente começou a trabalhar essa questão da importância da comunidade se autorreconhecer, a importância da comunidade quilombola, a importância dos programas também que tinham e o pessoal começou a entender que seria importante e começou então a participar muito mais. A partir daí a comunidade hoje é uma comunidade com mais de duzentas famílias associadas, são quatro comunidades na associação, que é Pinheiro, Macuco, Mata Dois e Gravatá. Benefícios, conquistas, além das pessoas tomarem mais consciência da importância delas, se identificarem como pessoas que tenham um pé no Brasil e outro lá na África, que nós somos negros mesmos, que nós somos afrodescendentes, que eles entenderem isso. Quer dizer, eles tinham vergonha da cor da pele e hoje já não têm mais, você pode perceber que eles já não têm mais essa vergonha de serem negros. Mas vieram as conquistas sociais, foi a própria organização da associação, é a única associação aqui que recebeu já dois ministros de estado, que já visitaram.

ITAMAR ALVES DE SOUZA, ASSESSOR DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG

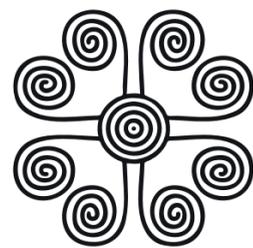


O CURIAÚ, QUE ERA A MATA DA PICADA, por causa da história de como surgiu, que quando os antigos escravos vieram pra cá, quando Francisco Inácio... vieram perambulando a cavalo e se embrenhou nesta mata e fez um pique pra varar do campo, que é o que a gente chama aqui pro lago de Marabaixo. Então era uma mata muito grande e ele fez o pique e a gente cresceu escutando a história que dobrava de picada. Isso era uma divisão natural porque existia uma mata que dividia o Curiaú de baixo e o Curiaú de fora. SR. SEBASTIÃO SILVA, QUILOMBO CURIAÚ / AP



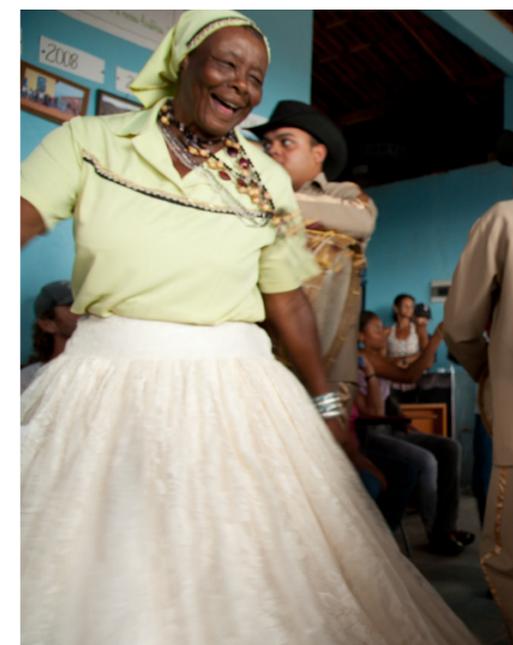


Fotos págs. 26 e 27: Associação dos Moradores (Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá) / MG



DIFICULDADES TODAS ELAS TÊM, mas assim a sobrevivência das pessoas nas comunidades, por exemplo, Serra do Apon, têm mais pessoas aposentadas, e os filhos, os netos vivem desta renda, também tem o bolsa-família, e trabalho da roça em geral, milho e feijão, é o que eles sabem fazer. Serra do Apon tem em torno de 60 famílias, 55 a 60 famílias cadastradas conosco, nem todas são remanescentes cadastradas nesta associação, nem todas. Às vezes a própria pessoa não aceita o cadastramento, nem todas – a gente sabe que são das famílias, mas nem todas estão cadastradas. Tem escolinha primária, mas vem pro Socavão, tem transporte escolar, só que a estrada, meio rural é de péssima, choveu, às vezes também fica sem transporte. As condições de água também é precário, Posto de Saúde também, é um posto central que fica no Socavão e lá tem uns minipostinhos que eles chamam de “Ponto de Atendimento Médico”, mas que vai uma vez por mês ou a cada dois meses que o médico vai. No Limitão é a mesma coisa, as pessoas são boia-fria, trabalho braçal. Tem 22 a 28 famílias cadastradas. No Limitão são mais aposentados e as pessoas trabalham na roça, escolinha também não tem pra comunidade, vêm pra São Luís do Machado. O transporte escolar se chover não vem, estrada ruim, também a água é precária, não tem poço artesiano é eles que puxam do jeito que dá, da nascente. Fica um núcleo no Socavão, no Serra-Azul e outro na Imbuiaú, são assim: Pinhalzinho, Pinhal Grande, Água-Morna, Imbuiaú, Barra. São cinco núcleos, em cinco localidades diferentes, bairros diferentes que ficam as famílias – território quilombola só o território de Água-Morna ou Ribeirão do Meio, Água-Morna (Comunidade dos Mamãs) é a mesma coisa. Hoje lá no interior tem umas 20 famílias, mas somando todas estas, os remanescentes, as pessoas que só vieram morar lá pra cidade, são umas 30 famílias. O quilombola trabalha pra comer, é o sustento básico e isso é o que a gente vem batalhando pra mudar esta história, pra poder ter mais, mais ânimo, mais local de plantação. Mora lá no terreno do vizinho, que morou a vida inteira, mas o vizinho comprou o terreno dele, trocou por abóbora, por porco ou por alguma coisa, o terreno é dele, e ele ainda trabalha para o outro.

ROZILDA CARDOSO, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR





# ESPIRITUALIDADE

NÃO ENTENDO QUE CANDOMBLÉ SEJA UMA RELIGIÃO. É uma visão de mundo, uma forma de ser colocada, de resistência, (...) um modo civilizatório.

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



OLHA, TEM MUITAS IGREJAS... as igrejas evangélicas nas comunidades estão influenciando bastante, são poucas as pessoas que falam assim: – “Ah! Eu sou macumbeiro!” Ninguém fala muito, nossa família é que fala mesmo e eu não estou nem aí para o que eles falem. A minha família ela é, ela tem uma árvore toda dentro da Umbanda, antigamente chamava de feiticeiro “Brache”, os antigos chamavam de feiticeiro, porque não sabia o que era Umbanda, se aquilo era ou não da religião da Guiana Francesa. Tem os “Tamaracas”, a Umbanda, os Curadores, que têm uma influência muito grande e mais o Preto Velho. O povo das comunidades discrimina muito, pois recebeu influência muito grande da igreja evangélica, dos católicos, transformando os Quilombos. Só tem uma comunidade que é de cabo a rabo, do menor ao maior, que é afroreligioso, que é da Umbanda, o Tambor de Mina.

NÚBIA DE SOUZA, CONAQ, SOBRE QUILOMBO CURIAÚ / AP



DA MINHA BISAVÓ, TEREZA. ELA TINHA UM TRAÇO MUITO FUNDAMENTAL que a gente percebia por conta até das coisas que ela usava. Ela fumava um cachimbo, alguns deles faziam cigarro de palha. Teve alguém da minha família que teve terreiro. Essa foi uma tia minha, chamava Luzia, ela era irmã do meu pai. Então são pessoas que tinham dom e ela chamava Luzia, eu conheci, ela tinha terreiro, ela formou um terreiro lá em Belo Horizonte e veio e montou ele aqui, nisso ela teve um bom seguimento de terreiro. Aí a família dela cresceu, andou morrendo alguns, ficou uma filha dela e aí resolveu não dar seguimento, pulou, passou a ser crente e aí acabou. Mas aqui mesmo em Minas Novas tem uns terreiros por aí.

MESTRE ANTONIO BASTIÃO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



HOJE EU ATENDO COMO MÃE DE SANTO, tenho meus clientes, eu faço algumas Bagé, Oyá, mas eu só faço interno, eu não faço publicamente. Hoje, o pessoal prestigia muito e me respeita graças a Olorun. Ultimamente eu cedi e abri o espaço pro Centro Cultural, então agora ficou tudo junto, a gente não tem outros espaços, então tudo acontece aqui, é tudo aqui e é permitido. Oyá que é a dona da casa permitiu, então tudo bem, eles entraram e eu fiquei mais acanhada.

MÃE NEIDE RIBEIRO, EGBÉ AHÔ AŞÊ YÁ MESAN ORUN, CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



O TERREIRO É UM ESPAÇO QUE ACOLHE, é um espaço onde a discriminação não pesa, onde o preconceito na realidade não existe; e também não tem aquele olhar especulador de quem tem dinheiro e de quem não tem. O terreiro é um espaço que recebe todas as pessoas, porém, até uns 15 ou 20 anos atrás eu não tinha essa consciência, fazia por instinto, fazia por tarefa, por amor ao próximo e porque tinha uma doutrina, tinha uma educação dentro da então “religiosidade”, de um passado, que hoje a gente reporta isso, enquanto um passado benéfico na nossa história e que nos fez chegar até



Mãe Vera Soares, Centro Memorial de Matriz Africana 13 de Agosto / RS



Centro Memorial de Matriz Africana 13 de Agosto / RS



aqui. E em muitos terreiros como o meu, até anos atrás não sabiam desse papel, não tinha consciência do que se faz para essa sociedade, quantas vezes nós fizemos papel de educadores, papel de médicos, psicólogos, psiquiatras, porque a gente lida com todo e qualquer tipo de pessoa. Mas os tempos e a própria orientação imaterial, ou seja, das nossas divindades vão nos estimulando e soprando através de fatos, que aquilo tem um papel, tem uma força e tem um nome, que são “as ações afirmativas”. Hoje se discute isso.

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



NOSSA RELIGIÃO, ELA É UMA RELIGIÃO QUE ACOLHE, ela é a que acolhe mais, porque quem chega na nossa porta, não estamos preocupado com quanto ganha, nem quem é e nem o que faz, mas vê ali o ser humano que chegou precisando de alguma coisa, precisando de alguma palavra, especialmente de uma palavra, de se sentir acolhido, que às vezes não tem na família. Chega aqui e às vezes não é nada, é só falta de atenção, de diálogo, de alguém para escutar aquela pessoa. Às vezes a pessoa está tão perturbada, só faz conversar e eu fico só escutando, porque está precisando que alguém a escute e também que alguém fale para ela. Então a gente tem que ter uma responsabilidade muito grande de saber separar quando é espiritual, quando não é.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



O CANDOMBLÉ É “ANTI” TUDO QUE NOS OPRIME. Apesar de ser uma religião hierárquica, essa hierarquia não faz com que se menospreze o outro. Então, o valor do abiã é o mesmo do ebomi, porque o abiã, ele se tornará um ebomi. O ebomi respeita o abiã que é a pessoa que ainda está dando os primeiros passos dentro do terreiro, como o abiã respeita o iaô e o ebomi e assim sucessivamente, porque a gente respeita o ser humano. Então, quando diz, “a minha casa é matriarcal”, certo, mas não deixa de respeitar o homem, os alabês os que tocam para o orixá, o éxogum que faz o sacrifício, a emulação, é um grande pai, os ogãs, – eles são nossos pais, a gente respeita como filho e como pai. Não existe a separação, existe o respeito, um respeito mútuo pelo sexo do homem e pelo sexo da mulher, a questão do gênero é respeitada dentro da nossa casa. Nós respeitamos todos, todas as pessoas dentro da religiosidade são importantes, não existe uma mais importante do que a outra. Dentro da hierarquia cada um está dentro do seu grau e sabe como se conduzir e fora da hierarquia sacerdotal são seres humanos que merecem respeito, merecem cuidados, merecem atenção.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



OS JOVENS NO TERREIRO NÃO SÃO IRRESPONSÁVEIS, porque desde cedo eles têm a responsabilidade com o divino, com o sagrado. Do zero ano ao fim da sua vida, em todas as etapas da sua vida, você tem algo a fazer no terreiro. Quando você é criança você brinca de ser grande, de ter a responsabilidade dos menores com os maiores. A gente entende que dentro do terreiro tudo é sagrado, o lavar, a terra, o passar, o arrumar os santos, o cuidar, o terreiro tem essa coisa do cuidar, do acolher. O trabalho que nós temos ultrapassa as portas do terreiro. Não existe “eu vim aqui orar e ir embora”, nós não fazemos uma “casinha” ali pra recolher 500 jovens, não, mas se nós podemos salvar 20, bem salvos até a escola, até a universidade, fazemos a nossa parte. Tem um aí e eu vi que

ele tinha mais tendência à musicalidade, os tambores faziam o efeito nele, e ele fica na conversa, ele não sai daqui, nós estamos aqui pra te ajudar, nós damos a casa pra ele – e não é uma casa separada para ele, não é uma casa de menores infratores, vão pra algum lugar, não. É a nossa casa. Por que que o terreiro não pode ter 3.000 fiéis, 4.000 fiéis? Porque a gente dá a ele comida, cama, abraço, beijo, a gente chama a ele de filho, ninguém olha diferente porque ele tava ali na rua. Não dá para fazer isso com todos. Um terreiro não tem condições de fazer isso com todos, mas com o que nós podemos, nós fazemos.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



ENTÃO EU ME LEMBRO QUE QUANDO EU COMECEI NUNS TERREIROS muito humildes, até a mãe de santo passava necessidade, mas no dia de festa, todo mundo se reunia para levar a sua contribuição, para depois da festa ter o que comer. Não só os orixás. A priori os orixás recebem as oferendas e a gente se alimenta da própria oferenda do orixá porque alimenta o corpo e a alma. O espírito se alimenta daquela oferenda, porque depois que aquela oferenda é sacralizada, ela passa a ser um alimento sagrado e é dividido com a comunidade. Então ela vai agir de duas formas: sagrado e também humano, é uma ritualística muito bonita, a nossa hóstia é um alimento oferecido ao nosso orixá; no outro dia está tudo bonitinho, tudo cheirosinho, o orixá divide o alimento dele com os humanos.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



COMEÇOU DESDE QUE EU NASCI, DESDE A MINHA AVÓ. Quando eu nasci minha mãe e minha avó já trabalhavam; cresci com isso, só que minha avó era aqui de “Pena e Maracá”, também dançava “Tambor de Mina”. Este terreiro é de lemanjá e é de herança e não é à toa que o nome é “Casa da Mãe das Águas”, por conta de lemanjá e de minha mãe Oxum, que acabou abrindo mesmo foi com o meu Orixá. Quando eu recebi meu Dekà eu dizia muito pra minha mãe de santo: – “Eu não quero ser mãe de santo, não quero”. – “Mas, minha filha, foi feita pra tomar conta das coisas da sua mãe, os orixás que determinaram assim, tá?” Quando aconteceu que não teve jeito, que eu recebi, eu me vi dentro do Ilê, mãe de santo, lalorixá mesmo, com toda esta responsabilidade, eu fui no pé da minha mãe Oxum e conversei com ela, eu chorei muito e disse: – “Minha mãe, a senhora não quer ver sua filha infeliz... eu não quero, eu não quero ficar, só isso, mãe de santo. Eu quero fazer parte desta sociedade, contribuir, de alguma forma, – contribuir era esta a palavra –, eu queria contribuir de alguma forma, eu não queria ficar só...” Assim eu era tola, uma mãe de santo nova mesmo. E com pouco tempo eu recebi um convite da Avelina, do Maranhão, se eu queria participar de uma oficina, e esta oficina era uma capacitação da Rede de Religiões Afro-brasileiras e Saúde. E eu fui e neste tempo ainda era um projeto, ainda não era a rede e depois cresceu tanto o projeto, que virou rede. Começamos, era tudo novinho, e daí trouxe pra cá, peguei, gostei e me senti útil e nem percebi que eu estava trabalhando para o povo de terreiro. Eu demorei muito para entender isso, eu estava fazendo um trabalho e pra povo de terreiro, e eu disse pra minha lalorixá: – “Minha mãe, nem sei o que minha mãe Oxum quer comigo!” – Porque eles brincavam que eu vivia muito nesta vida social. E assim meu trabalho era muito e tem que ir assim, buscando políticas públicas para o povo de terreiro e eu fui. A minha lalorixá tem sabedoria... A velha tem sabedoria, e eu disse: é verdade eu estou também prestando serviço ao Orixá quando estou prestando serviço à comunidade e ao povo de terreiro.

MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA

“ENTÃO A GENTE TEM QUE TER UMA RESPONSABILIDADE MUITO GRANDE DE SABER SEPARAR QUANDO É ESPIRITUAL, QUANDO NÃO É”

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA,  
ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB





Egbe Ilê Iya Omidaye Asé Obalayo / RJ



AS CRIANÇAS QUE NÃO SÃO DE CANDOMBLÉ, eu percebo quando elas chegam aqui, e talvez não de segmento nenhum religioso, os pais levam as crianças pra serem criadas pelo psicólogo, dão remédio antidepressivo, simplesmente eles não sabem educar: as crianças não chamam mais o mais velho de senhor, não pedem a licença. Veja se tem alguma criança aqui nos incomodando! Ele não está preso em algum lugar, ele está lá brincando com bonecas, porque ele sabe que é criança, a função dele é de criança. Mas eles sabem quando a gente chama e não precisa usar força para isso, isso é educar. O que é moderno? A pessoa não aprende isso quando ele vai trabalhar numa empresa e o patrão exige que chame de senhor, mas ele chama também você? Ele cresceu chamando o pai, a mãe, o tio e o avô de você, ele não tomou a bênção, ele não pede “- dá licença” na casa dele e obviamente vai replicar isso na sociedade, no trabalho. Agora, se ele é criado no terreiro, ele aprende isso como educação de base, olha quanto um terreiro pode ajudar uma escola ou os educadores que abriram mão disso tudo.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ

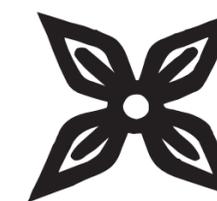
QUANDO EU CHEGUEI NA COMUNIDADE, NÓS TÍNHAMOS DIVERSOS JOVENS que eram do mundo da criminalidade, que usavam drogas e hoje eles não usam mais drogas. E aí o preto velho disse “vocês precisam ocupar a mente deles com alguma coisa” e nós criamos o grupo Afro Cultural (ABA). ABA significa esperança, na linguagem ioruba. A partir daí nós começamos a desenvolver este projeto de canto, dança, toque e percussão e, além disso, tinham as oficinas de estética negra, que era trabalhar a questão de trançados, as formas negras de se vestir, de amarrados, os colares, moda de pinturas negras, enfim, fazer esses adereços. Então tudo isso pra gente é trabalhar um pouco a sua identidade daquilo que combina com a negritude. Criamos o Movimento de Juventude de terreiro no Estado.

PAI RONDINELE DOS SANTOS, ASPAJA – ASSOCIAÇÃO SANTUÁRIO SAGRADO PAI JOÃO DE ARUANDA / PI

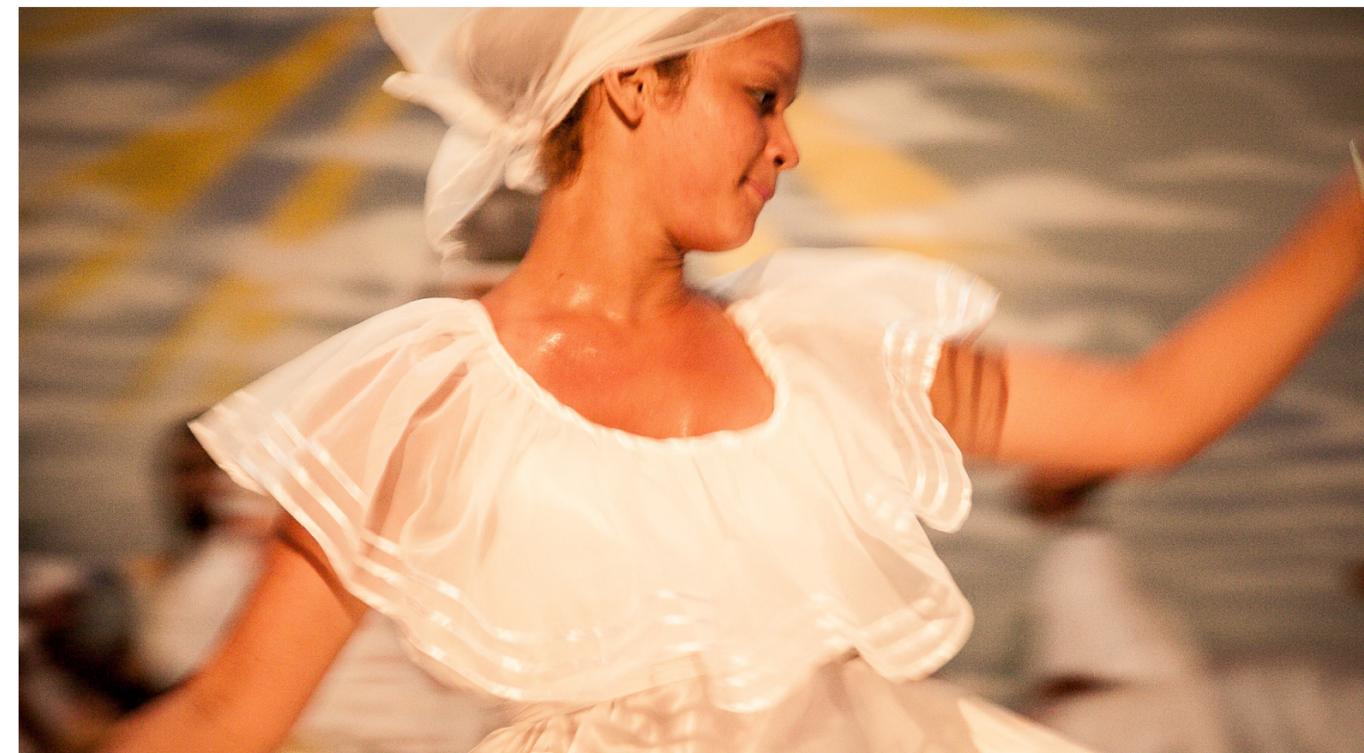


ENTÃO O QUE EU QUERO DIZER, É QUE O TERREIRO TEM UMA PARTE muito pesada na sociedade, que a sua experiência poderia muito ser replicada e as pessoas parecem não querer enxergar isso. Aqui em casa deve ter uns 30 a 40 jovens iniciados, dos 30 a 40 só nos anos que eu tomo conta da casa da minha mãe, ou até mais. Nós perdemos dois pra mortes, eu acho que é um índice bem baixo, em se tratando de jovens de comunidade. Um terreiro não consegue abraçar mais do que isso, da gente botar criança aqui que a mãe não consegue levar pra escola, ele dorme aqui e eu acordo ele seis horas da manhã, – pra escola – vem, faz a parte religiosa, volta e toma a bênção, não olha nem pro rosto e descer pra escola; e amanhã você volta depois da escola, ficar no terreiro. Quando eles chegam aqui eles não querem mais voltar.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



ASPAJA – Associação Santuário Sagrado Pai João de Aruanda / PI





Dona Josefa, Quilombo Curiaú / AP

# MEMÓRIA E IDENTIDADE

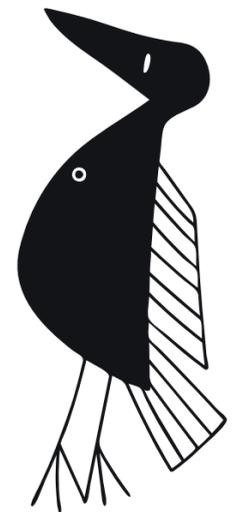
EU BENZO DESDE CRIANÇA. Eu trabalhei foi em roça mais em roça, trabalhei no Curiaú, mais em roça, os homens roçavam, derrubavam, aí (...), o mato secava, quando botavam fogo, aí cada um ia construir a sua roça. Eu tinha três irmãs, cada uma tinha seu pedaço pra morar e plantar. Ah! Trabalhava bem, em roça, tudo que a gente plantava, a gente tinha.

D. TEREZA DOS SANTOS, 107 ANOS, QUILOMBO CURIAÚ / AP



A GENTE FAZ SEGURANÇA ALIMENTAR desde que essa religião chegou ao Brasil, desde que os negros chegaram aqui foram criados inclusive pratos. Por exemplo, a feijoada era tudo aquilo que o senhor de engenho não comia. Então, as carnes de alta qualidade e a parte do boi toda ia para o senhor de engenho, mas as vísceras, as patas que a gente faz o mocotó hoje, foi tudo criado pelos africanos que chegaram aqui. Ele fazia do mocotó, não jogava fora nada, enquanto o senhor de engenho jogava no rio para alimentar os peixes, eles pegavam e tiravam para botar para cozinhar, para se alimentar, porque a ração que davam era muito pouca para a quantidade de trabalho que eles tinham. Então eles faziam aquele trabalho de matar o boi, entregar a carne para o senhor e as vísceras e o que o senhor não queria, a cabeça, as patas, eles usavam como fonte de proteína e de força para aguentar o trabalho do canavial, do cafezal. Nós não tivemos escravos, nós tivemos pessoas que saíram livres da África e foram escravizados aqui, na diáspora, foi no Brasil. Mas o Brasil, eu acho que foi onde foi feita a pior condição de escravatura foi aqui. Eu não sei porque a falta de humanidade aqui, o colonizador, ele foi muito ruim mesmo, perverso com o povo negro. Eles tratavam meus ancestrais como mercadorias, mas eles não tinham nem pena de perder aquela mercadoria por maldade mesmo, por instinto ruim mesmo. Isso me deixa triste. Algumas pessoas do movimento negro dizem que têm que esquecer isso, – nós não podemos esquecer, se esquecer a nossa história, vamos deixar que legado? Quer dizer, se não lembrar essas agruras, desse nosso povo ancestral que deu força a esse país, que fez esse país enriquecer com sangue, suor e lágrima, que legado vai deixar? Temos que estar lembrando isso sempre, lembrar com tristeza, mas ao mesmo tempo com orgulho porque foram pessoas fortes, se eles não fossem fortes não tinha negro no mundo, mas eles resistiram, eles fugiram, eles não se entregavam à toa. Eu sei de histórias que negros morreram porque não deram lágrimas, apanhavam trezentas, quatrocentas, quinhentas chibatadas, chibatada até morrer – entregavam o sangue, mas não entregavam a sua lágrima. Sua lágrima era a sua dignidade, o branco tirava o sangue, mas eles não conseguiam tirar a lágrima. Podemos até morrer no cativeiro, mas morriamos sem se entregar, morria lutando, morria fugindo, porque a fuga é uma forma de resistência, não é covardia fugir da agrura, não. É luta, é dignidade de ser humano. Ela começa a partir da sua resistência, da sua briga. Mas o povo africano ele é primordial, ele deu a origem da humanidade. A África não tinha certas coisas, então quando começou o cristão a botar tudo era pecado, tudo era pecado, para nós não existe pecado, existe a lei do retorno, a lei do universo mesmo, quem planta colhe. Quem maltrata vai ser maltratado, é assim, a lei da vida é essa, a lei do retorno. Se você planta amor, você não vai ter ódio, se você planta respeito, você não vai ter... eu digo que a intolerância gera intolerante, eu estou me tornando intolerante, eu estou me tornando, eu não era intolerante, mas a gente é tão desrespeitado que se torna intolerante. Por quê? Porque tem que se defender do intolerante, então também se torna intolerante para nos defender, é ação gera reação, a gente lê o evangelho, a gente lê a ação gera reação, é a Lei de Newton, né, então é isso.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÉ AXÉ OMIDEWÁ / PB



MAS O BRASIL, EU ACHO QUE FOI ONDE FOI FEITO A PIOR CONDIÇÃO DE ESCRAVATURA FOI AQUI. EU NÃO SEI PORQUE A FALTA DE HUMANIDADE AQUI, O COLONIZADOR, ELE FOI MUITO RUIM MESMO, PERVERSO COM O POVO NEGRO. ELES TRATAVAM MEUS ANCESTRAIS COMO MERCADORIAS, MAS ELES NÃO TINHAM NEM PENA DE PERDER AQUELA MERCADORIA POR MALDADE MESMO, POR INSTINTO RUIM MESMO.

ISSO ME DEIXA TRISTE

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



ELA (DONA ANTONIA) CONHECIA ASSIM AS HISTÓRIAS NO PASSADO da escravidão que era muito sofrido, que tinha o senhor do engenho, que os fazendeiros colocava eles pra trabalhar e tudo, não dava comida, não dava dinheiro e não dava nada, era uma escravidão mesmo assim; e depois os pais e os avós dela morreram tudo no chicote, tudo sofrendo, padeceu demais, sabe. Aqui, na época, o agrupamento era muito pequeno, era muito sofrido (...) caso da mãe dela, o pai dela que trabalhava nas fazendas só pelo prato de comida, que não recebia nada, não recebia salário e quando se cobrava alguma coisa era chicotado, tinha capanga nas fazendas e não deixava os escravos sair e então assim tinha uma história da Miniore e Luziane, que foi trocado pelos escravos e alguns, muitos deles fugiram de lá pra cá, de Luziânia pra cá, refugiado e fugiram do chicote. Porque lá, além de eles ter a exploração do ouro, ainda tinha o rio velho, que foi tirado ali perto do Valparaíso, foi tirado a remo da água, pra chegar até em Luziânia, pelos escravos. Então assim teve lugar que ele (o rio) passou pela altura desta parede, a terra era em declínio, – colocavam os escravos carregando terra pra bater naquelas gamelonas de madeira e outro no couro, colocava terra no couro e saía arrastando (...) e puxando pra poder fazer o aterro pra passar e a água foi parar em Luziânia, (...) até chegar na Igreja do Rosário, tudo pelos escravos. Então assim, o sofrimento deles foi muito grande nessa época e aí alguns deles que vieram, inclusive esses três negros que ganhou este terreno aqui do Manoel Pereira da Paixão e do João Mesquita que passou pra eles os direito dessas terras. Deixou a herança pras três escravas, então, era passou, passando (...) pra José Pereira Braga, pai do Aleixo Pereira Braga, e que vem a família dos Pereira Braga que começou a povoar, o povoado Mesquita. Aí Mesquita já não era mais fazenda, quando a comunidade foi crescendo, foi tornando o povoado Mesquita, porque era um povoado pequeno e aí foi crescendo aí, mudando, até porque a comunidade foi crescendo, evoluindo, aí já não era mais fazenda, já era povoado e este povoado que hoje se transfere (chama?) o povoado do Quilombo Mesquita.

SR. JOÃO ANTONIO PEREIRA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



NO CASO AQUI DO MACUCO, aqui mais recente, só que não é do meu tempo, quem era dono disso aqui era um padre, o padre Barreiro, esse que era o dono de tudo isso aqui, agora de que maneira que os outros herdaram, se apossaram dessa terra, se eles entraram e (...) os primeiros (...) dos tataravós do André e de outros é um pouquinho... no meu conhecimento é um pouquinho desconhecido isso aí, saber, só que o dono desse Barreiro aqui, que é a cabeceira do Macuco, era esse tal de um grande fazendeiro e um padre. Fazendeiro, chamado padre Barreiro, agora o nome dele completo eu não sei, o Barreiro deve ser uma assinatura, padre Barreiro. Mas isso também foi depois dos portugueses terem chegado até Minas Novas, Chapada no Norte e depois da saída deles, que ele veio apoderar desse local.

SR. GERALDO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



EU TENHO PENSADO MUITO NISSO desde que vocês (os pesquisadores) chegaram aqui. Agora eu não sei como foi que veio parar essas pessoas da África aqui, (...) o meu, da minha família moraram aí e o meu avô como ele comprou o que era do (...) dos filhos dele e ele comprou esse terreno e que os pais dele adquiriram esse mesmo terreno, que é aqui, que é do padre Barreiro, que os parentes dele quando eram vivos vendeu ele aqui e saiu (...) do Mata Dois que era da família dos (...) e uniam essas famílias. Misturou



ASPAJA – Associação Santuário Sagrado Pai João de Aruanda / PI

família. Os meus filhos casaram nas mesmas famílias, aquelas moças casavam com os rapazes do mesmo lugar e aí foi criando a família. Um certo tempo aqui que só tinha negro. Tinha negro por quê? Porque meu pai era negro e casava com uma prima dele que era negra também. O pai do compadre André, o pai dele era, o avô dele era irmão do meu avô. Mas tinha um certo tempo que os negros só casavam na mesma comunidade.

BETINHA (ELISABETE COSTA MACHADO), ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



LÁ CHAMAM MOCAMBO, MAS É QUILOMBO MESMO, segundo falam, quando eles iam com a jangada pegar pedra, lá no Rio Pedreira, aqueles que tinham facilidade se jogavam na água, nadava e iam embora, foi aí que surgiu o nome ladrão. Mar-acima ou Mar-abaxio, quer dizer, quando a maré enche, aí vaza. Tem rio que no meio tem um bom lago, de criar “Aú”, pega o lago pra criar “Boi Preto” (Búfalo), “Criaú”, aí já o pessoal diz: – “É Curiaú.” Nome original é “Criaú”, quer dizer, criador de boi preto. Você pode ver que os antigos lá de 70 a 81 anos não chamam de Curiaú, é “Criaú”. Ela (D. Teresa) me fala muito desse Mocambo, que quando ela começou a ter noção dela, já existia as coisas lá do local do Mocambo, e os escravos então já foram ganhando a vida e criando família. Tendo o que é seu e plantando, colhendo e criando os filhos. Porque eu creio que quando era para construir a fortaleza, não veio só de uma aldeia, vieram de várias aldeias diferentes: do Muzanga, do Quênia, a Etiópia, de Marrocos. Então aqui o convívio já foi se tornando a família deles. Eles iam para o Mocambo, ao que chegava lá, quem já estava lá aceitavam ele como um membro da família, eu penso assim.

SR. RAIMUNDO, NETO DE D. TERESA, QUILOMBO CURIAÚ / AP

ELES JÁ ESTAVAM AQUI ANTES DA CONSTRUÇÃO DA FORTALEZA. Então o comentário que os estudiosos falam é que se deu a origem é quando eles já estavam fugindo da fortaleza, é que vieram e se esconderam nessa região do Curiaú. De onde? Isso que é outra questão, se soubesse a data que eles chegaram lá, que primeiro vieram habitar o Curiaú, se soubesse a data, tempo, dia e horário, hoje nós tínhamos uma data que nós festejássemos, mas não tem. É como to dizendo, eram analfabetos e não se preocupavam e simplesmente queriam viver e não temos nada que possa se confirmar de onde eles vieram e quando. A gente tem, contado por eles, da onde eles surgiram e vieram de parte da região do Nordeste e entraram pelo Rio Pedreira, por aí é que nós temos conhecimento que já foi relatado no livro e circulado por aí, contado por eles – o único documento mais antigo que nós temos. Mas isso aí é o que já foi depois deles saberem que tava impresso, nenhum deles sabia escrever e ler. Tem outros fatos que se contam, mas é depois que eles já estavam com o documento na mão, é que teve outras e outras histórias, que já é em outras direções.

SR. SEBASTIÃO SILVA, QUILOMBO CURIAÚ / AP



QUANDO VIVIA SÓ OS SETE IRMÃOS ESCRAVOS, que eles viviam numa casa grande aqui, a família vivia tudo ali junto, e começou a se separar e cada um tinha a sua casa e começou a aumentar o vilarejo aqui como (...) e as casas aqui eram tudo de barro com as telhas de arame, de cipó, foram aumentando as casas e foram fazendo e até hoje a gente sabe pela tapera onde o antigo tinha a sua casa, e a vida dele era plantar... Então é outra coisa que eu digo, que aqui tem três versões, aqui tem uma área de quilombo, aqui tem área rural e aqui tem uma comunidade tradicional, são três coisas diferentes e eu explico se alguém precisar saber. E tem gente que fica até surpreso por causa disso. A criação de Alemão aqui era extensa de gado, cavalo, porco, enfim... não existia cerca, animal até hoje é um costume de animal andar perambulando por aí e indo comer as plantas do vizinho. E aí começa a destruir a plantação das pessoas e ninguém consente. Aí começa a brigar entre as famílias. Quando as coisas não conseguiam se consertar ali, aí teve a facilidade de se chegar mesmo a pé na cidade e começaram a levar o caso pra polícia. Naquele tempo era a ditadura e pior, rigorosamente, mas pra saber quem tinha razão e quem não tinha, veio daí a preocupação de procurar o documento das terras, pra tirar as terras. O documento das terras e você vê neste documento e quem conhece a razão e o fato, vê uma situação onde tá frisado uma situação, que até você leu e não percebeu, porque você não tem o conhecido da causa... Por isso to dizendo (...) e não observa certos pontos. Então a pessoa que foi buscar os documentos, ele não botou que os outros eram irmãos e que tinham os mesmos direitos, porque eles eram sete irmãos escravos. Ele sempre botou que eram vizinhos.

SR. SEBASTIÃO SILVA, QUILOMBO CURIAÚ / AP



“ENTÃO EU PENSO QUE ANCESTRALIDADE ELA É TODO ESSE CONJUNTO, QUE NÓS TEMOS DO ELO FAMILIAR E QUE A GENTE CONTINUE ELE, CONTINUE PERPETUANDO DE VÁRIAS FORMAS, SABERES, DOS COSTUMES”

SANDRA PEREIRA BRAGA,  
COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



Mãe Lúcia de Oliveira, Ilê Axé Omidewá / PB

OS PAIS NASCERAM AQUI, OS ESCRAVOS VEIO DA ÉPOCA DOS ESCRAVOS (...) eles nasceram por aqui, nessa regiãozinha aqui, escravos do Capão do Alto. E eles começaram a ser perseguidos e uma parte saiu, outros morreram aí, outros saíram, como meu pai, o tio Miguel (...) e bastante gente saiu daí, saiu tudo, agora quem tá vindo pra cá é eu e os meus filhos, a Vani (...) e aquele outro ali, aquela morenada tudo saíram, nasceram aí e estão aí. E uma parte veio aqui pro Apon, vieram sim pra esta região, eu só conhecia com a Noêmia, uma que era escrava, daí nós ia que é lá em Castro, com uma de suas herdeiras, ela era escrava e ela contava tudo pra nós, ela contava do tempo de escravidão, surravam e tem fazenda lá que eles amarravam os escravos do Capão Alto e (...) até surravam eles, – tá lá pra ver e ela contava...

SR. MANOEL PEDRO RODRIGUES DA SILVA, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR



A MINHA IDEIA DE ANCESTRALIDADE É TUDO ISSO QUE NÓS VIVENCIAMOS até hoje aqui, esta é a concepção pra mim de ancestralidade, porque você traz o elo familiar que veio se perpetuando de gerações em gerações, isso é uma ancestralidade, e é você reafirmar isso, enquanto eu aqui, Sandra Pereira Braga, eu tenho ancestralidade que vem dos meus avós, dos meus bisavós e dos meus tataravós, que aqui viveram. E eu continuo da geração ainda e como outros meus sobrinhos e os que virão também vão continuar. Então eu penso que ancestralidade ela é todo esse conjunto, que nós temos do elo familiar e que a gente continue ele, continue perpetuando de várias formas, saberes, dos costumes.

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



Associação dos Moradores  
(Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá) / MG

AGORA O QUE EU ENTENDO, A MATRIZ ELA VEM DE ÁFRICA, ela é a única, então todos os outros segmentos: candomblé, batuque e outros todos nomes que têm se originam dentro de uma essência chamada matriz africana e ganha vários nomes, de acordo com várias regiões. Não entendo que candomblé seja uma religião. É uma visão de mundo, uma forma de ser colocada, de resistência e colocação. Como o Batuque do Rio Grande do Sul, ele é uma visão de mundo, um modo civilizatório que tem tudo a ver com o modo civilizatório que o candomblé traz. A diferença do toque do tambor também tem a ver com a migração dos africanos, que lá chegaram, que lá conseguiram manter pelo processo e que eu não sei dizer qual é, mas com mais força, a língua, a linguagem e o toque do atabaque e que à medida em que ele foi descendo, chegando até o fim do Brasil, ele foi sofrendo modificações. E aqui nós ganhamos este nome de batuqueiros por causa disso que acontecia na Senzala e ficou: – “É o Batuque, é o Batuque”... No Rio Grande do Sul, Batuque era o barulho do tambor, então os capitães-do-mato, que tinha nas fazendas: – “Ah! É a negrada batucando lá em cima”, então gerou o nome do Batuque. Eu quero colocar com respeito a todos os olhares de todas as nações, de todos os povos. Mas eu vou falar do meu olhar, da minha maneira de entender: eu entendo que existe uma matriz, o nome já tá dizendo, matriz que vem de África, que é a matriz africana, ela ganha vários títulos e nomes de acordo com a questão regional, por exemplo, nós temos o candomblé que nasce em Salvador e se espalha para outras cidades. Nós temos em Recife o “Tambor de Recife”, temos o Xangô, nós temos em Natal o “Culto às Juremas”, aonde o “Zé Pelintra” é o grande mestre e nós temos a Umbanda Branca, que se miscigena com a matriz africana e nós temos no Rio Grande do Sul o Batuque. Agora, o Batuque pra nós é o barulho do tambor, a essência, a fé, o espaço da fé, a visão de mundo, a civilização e isso inclui a língua, o costume, o modo de andar, a harmonia do povo do terreiro, o povo que vem e tem essa visão de mundo é único, que é a matriz africana.

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



OS NOSSOS VELHOS SÃO SUPERVALOROSOS, todo mundo quer o velho do lado. No que eu conheço da nossa religião, nossos velhos todo mundo quer eles bem pertinho, porque eles são a nossa memória, nossa biblioteca e são tudo de saber e a gente quer ficar perto, absorvendo sabedoria. E tem isso, por isso que eu disse que o velho nunca fica abandonado, não fica. Ele é a fonte da sabedoria, nossa religião dá muito valor ao idoso.

MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA

O REGISTRO PAROQUIAL QUE EU JÁ CHEQUEI PORQUE EU QUERIA ENTENDER um pouco a minha história, a da família, eu queria entender um pouco esta ancestralidade familiar da comunidade. Então eu tive, sim, muita curiosidade de buscar este conhecimento, e aí eu cheguei ao meu tataravô que na verdade foi o registro de 1830, e desta data, quando eu cheguei, eu fiquei muito emocionada porque eu vi que o registro paroquial da época não se tinha cartório; então era registro paroquial, e aí eu fui buscar este registro. Eu me lembro como hoje o livro, assim que você tinha que ler com lupa, bico de pena ainda, eu fiquei muito emocionada porque eu queria entender, como que era esta família, a família que realmente nós pertencíamos e aí eu tive naquele momento assim um grande bálsamo pra entender, pra lutar, pra buscar o reconhecimento oficial da comunidade porque ali eu tinha encontrado um elo muito forte e não era ninguém que estava me contando, eu acho, não, existe de fato, estava lá o registro. Lá no registro, eu acredito que seja meu tataravô. Lá só diz que era um negro, e lá no registro tava e se tem isso até hoje, e quando eles começaram por aqui e daí a gente entende que com certeza era escravizado sim, e aí foi muito fácil entender e buscar o reconhecimento oficial dessa comunidade.

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



QUER DIZER, MEU AVÔ ERA O DONO, MEU PAI ERA A GALHA (galho) e nós era a pontinha da galha, do tronco. Aí eles vão morrendo e vai passando, ficando de geração. Eu herdei meu pai, meu filho vai herdar de mim, vai assim até (...) dele ali, vai fazendo assim.

BETINHA, ELISABETE COSTA MACHADO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



Manuel Pedro Rodrigues e Noêmia Maria da Silva, Comunidades Negras Rurais de Castro / PR

“É A HISTÓRIA QUE MUITAS DAS VEZES, COISAS QUE MUITOS NA MINHA IDADE ESQUECERAM QUE EXISTIU ESSAS COISAS, QUE É UMA CULTURA, É VIVA, UMA CULTURA VIVA, E A GENTE NÃO PODE DEIXAR DE FALAR SOBRE ESSA CULTURA, DESSE PASSADO DE MILHARES DE ANOS”

MESTRE ANTONIO BASTIÃO,  
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO,  
MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG

PELA HISTÓRIA QUE A GENTE CONHECE E VEIO A CONHECER DEPOIS que quando nós fundamos a associação, a gente nem sabia ainda que a gente era remanescente do quilombo, depois, mediante as histórias, a gente disse “sabe de uma coisa, isso é, o que nós somos, de onde é que nós viemos? Nós não somos portugueses, tem que ser índio ou descendente de quilombo, ou dos escravos”. E por aí foi levantando as histórias, de que maneira? Quando os portugueses trouxeram para o Brasil, então uma grande parte chegou aqui em Minas Novas e aí quando eles voltaram ficaram aqui e quem ficou? Foram os descendentes dos escravos que ficaram, os portugueses não ficaram. E aí têm vários locais que a gente vê, lugares que eles trabalhavam com garimpo, serra, montanha de pedra, quem fez aquilo? Foram os brancos? Não, o negro, o branco só mandava.

SR. GERALDO BARROSO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



EU FAÇO ESSA FALA DA MATRIZ ÚNICA, e estou me reportando aos três povos, nós sabemos que na África, são 53 ou 54 países, dentro do continente africano e que é dividido em regiões e vários dialetos e culturas, por exemplo, o Islamismo, as mulheres libanesas, tudo dentro do continente africano. A grande massa africana que veio pra cá foi o povo banto, o povo de queto, o povo Yoruba da região da Nigéria. O povo banto que vêm de Angola, eu aprendi e li um pouco que vieram alguns do Congo, mas foram poucos, e o povo Jeje. Foram os três povos que são os que se cultuam aqui no Brasil. Nessa coisa dos povos, ficou reduzido às nações. Por exemplo, eu falo de onde eu fui aprontada, da nação de Oyó, que vem do povo Yoruba; tem a Casa de Cabinda que fala do povo banto, e tem a Casa de Jeje, que fala do povo Fon, aqui no Rio Grande do Sul. Independente de dizer, essa Casa é Cabinda, é Oyó, essa Casa é Jeje, mas todas estas três essências mantêm uma matriz, porque todos cantam Yoruba. É uma especificidade de um período da história, mas foi a forma como foi construída enquanto tradição. Hoje a gente vem com uma vontade de desconstituir isso, mas vai levar mais 200 anos. Hoje, no séc. XXI, que é o que a gente coloca. Em vez de resistir enquanto processo do passado, que era se manter vivo e dizer que somos diferente, entendo que até o séc. XX a resistência foi essa. Hoje, nós existimos, estamos aqui, vamos superar e temos uma visão de mundo diferenciada, nós não acreditamos num único “deus”, nós temos as nossas divindades: aquela árvore ali, aquela pedra, aquela água, isso são as nossas divindades. Então nós temos uma matriz.

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



NO MEU CASO, EU COMECEI A COMPREENDER ESSE LADO, é até estranho falar isso, foi pelo esporte. Meus pais, minha família é budista, aí eu fui budista também então é aquela coisa de família, extremamente distante. Então é difícil eu falar, sinceridade, eu não tive outro espaço, a não ser esses com pessoas assim, aí tinha outro do basquete que também era envolvido com candomblé e que era um policial municipal, que jogava com a gente aqui na Vila Tecnológica e ele sempre ficava falando que eu tinha perfil de orixá, que eu era de Oxossi, meu nariz, meu dedo, essas coisas... Eu já tinha, em 2006, 25 anos. Então acho que resume tudo, então daí para frente eu falei: “Eu sou do axé, eu tenho que defender esta proposta dentro do que eu viver, se é dentro do Rap, se é cantando o Afoxé, dentro do Conselho Municipal de Cultura, – sou superinfluyente lá, – se é aqui dentro do estúdio, tenho que carregar esta ancestralidade comigo”.

ROBSON, RESPONSÁVEL PELO ESTÚDIO DO CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP

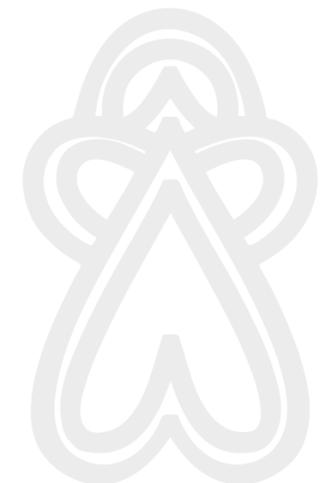


MINHA BISAVÓ, ELA ADIVINHOU O DIA QUE ELA IA MORRER, minha bisavó Tereza. Tem essa outra que é a Florzinha, essa daí (...) coitada, nem em casa ela morreu; foi, saiu para ir na casa de um compadre dela lá e ela morreu na casa do cara, nem ela sabia que ela ia morrer. Já minha bisavó não, minha bisavó mandou arrumar tudo, mandou a outra bisavó comprar fumo e cachaça, e mandou nós irmos buscar lenha para acender fogo. E como se fosse (...) cinco horas, ela foi, tomou banho, num córrego que tem lá (...) e voltou e (...). (...) nós estávamos chegando do mato com aqueles fecho de lenha, jogou lá no terreiro lá e ela falou assim, “a comadre Florzinha está demorando”, eu falei que é capaz de chegar mais cedo. Daqui a pouco minha avó pontuou do outro lado lá (...) e ela entrou para dentro para trocar de roupa, minha avó foi chegando e ela perguntou para a minha avó assim, “oh, comadre, a senhora trouxe a pinga e o fumo? (...) pica para mim e põe no pito aí”. Pito é aquele feito de barro, um cabo assim. E aí minha avó picou o fumo e pôs no pito, no cachimbo, uns falam pito e outros falam cachimbo, aqueles cachimbão de barro, botou fogo e acendeu e ficou fumando. Aí minha avó falou para ela assim, “oh, comadre Tereza, eu não estou entendendo (...) esses meninos buscar”, ela disse, “não, eu vou precisar hoje comadre, a senhora não está sabendo não? Para que essa lenha, vai vir gente aqui hoje?” E trouxe, – minha avó, ela acabou e morreu. E aí já saiu para chamar o pessoal e a lenha para acender o fogo à noite porque usa (...) até hoje a lenha ainda usa no (...); quando morre uma pessoa na roça, acende o fogo lá no terreiro. Esse fogo, ele é uma história, ele é uma cultura, é uma cultura do passado e da continuação (...), até aqui na cidade mesmo (...), mas é obrigado a acender o fogo. Em alguns lugares principalmente se esse fogo tiver assim uma pinguinha para tomar à noite, não manda ninguém beber não, mas tem que ter aquela pinguinha lá. Tudo isso é cultura do passado, tem que ter uma pinguinha lá. Porque antes, eu vou contar isso, porque o significado da pinga é porque antes, quando morria uma pessoa lá na comunidade, naquele tempo não tinha estrada, não tinha carro, não tinha nada, eles levavam, podia dizer, o cadáver para enterrar baseado no gole porque era muito pesado. Então aquela pinga Mará, aquela Mará que a gente tomava – tomei muito – aquela Mará dava uma energia, para você aguentar subir os morros, você está compreendendo? Então, é uma história que vem de um passado. Hoje (...) que acontece aí, “ah, não sei o quê, não pode beber pinga e não sei o quê”, não pode beber e nem dar de beber, mas tem que ter aquela pinguinha lá. Se alguém falar assim: “espera aí, põe uma pinguinha aí”. Porque essa história disso, acontece isso, – eu posso falar? – É um espírito que pede a pessoa para tomar, principalmente se aquele falecido tomava. Então é isso. É a história que muitas das vezes, coisas que muitos na minha idade esqueceram que existiu essas coisas, que é uma cultura, é viva, uma cultura viva, e a gente não pode deixar de falar sobre essa cultura, desse passado de milhares de anos (...). Então é muito longa a história, o cordão é muito comprido, é um laço e ninguém vê a ponta dele, não, você só vê o pé dele, mas a ponta está muito além.

MESTRE ANTONIO BASTIÃO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



Egbe Ilê Iya Omidaye Ase Obalayo / RJ (à esquerda)  
Centro Cultural Orùnmilá / SP (à direita)





Aspaja – Associação Santuário Sagrado Pai João de Aruanda / PI

MINHA AVÓ PATERNA ERA INICIADA, FREQUENTAVA O TERREIRO de Joãozinho de Bará, o terreiro chamado Terreiro de Exu, que era Exu Ana Ome Dei, Exu Dei, e lá eu comecei a minha caminhada dentro do terreiro. E eu sempre preservei muito a imagem do meu pai de santo, da minha Avó de Santo, que eu não conheci e da minha bisavó, que era Mãe Emília de lansã, de nação de Oyó, que foi alforriada, foi escrava, todas daqui do Sul. Hoje eu tenho um terreiro que tem 35 anos de vida, que é um terreiro de lansã, que nasceu em 1977, na Rua José Gomes, na Tristeza, nessa bandeira de Ivo de Ogum Onira. Ele veio na sua luta de resistência por nunca ter tido um território próprio, só posso dizer isso. E ele veio na luta de se manter aquele assentamento em nome e memória de alguém que fez isso com muito amor, muito carinho, dentro do que sabia, da possibilidade; e hoje se mantém e que me deu este legado, que nasce quando nasce este terreiro que nós botamos o nome de Centro Memorial de Matriz Africana. Ele é registrado e tem um CNPJ de 10 anos, e que na realidade não usou, e que vem nas lutas na frente de decisão, hoje aglutina 50 e poucos filhos de santo e quase todos são militantes.

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS

TUDO O QUE O MEU AVÔ FAZIA É O QUE EU FAÇO HOJE, quer dizer, ele também batalhava. Vovô Benedito Antônio foi uma das pessoas que lutou demais nessa comunidade, que tá aí meu pai que vai contar também pra vocês. É meu avô Aleixo Pereira Braga, foi o primeiro a trazer a escola pra comunidade, a escola que funcionava na casa do meu avô Aleixo. O meu avô Benedito Antônio ele ia buscar o professor a cavalo, no asfalto que ia de Luziânia a Brasília, que era pra dar aula aqui. A minha avó Paulina era quem preparava o lanche pras crianças, no salão da casa dela, ela oferecia a sala para administrar a aula, ela preparava o lanche pra esses adultos e crianças, tudo feito pelo meu avô, ele que oferecia o lanche, que era feito carinhosamente pela minha avó; e assim a família toda contribuiu muito pra essa comunidade. A igreja que se tem hoje na comunidade foi doação do terreiro do meu avô, doou pra construção da escola, doou pra construção da igreja. É uma família que tem muito contribuído pra comunidade. Então assim, quando meu avô me pediu para que eu voltasse, continuasse, eu não entendi muito, mas hoje eu entendo, porque hoje eu faço tudo o que meus dois avôs faziam e faziam com o coração, as minhas avós também faziam; daí eu vejo que é uma responsabilidade que eu carrego hoje muito grande, e intuitivamente eles estavam me preparando e eu não sabia. E vejo hoje que tem algumas pessoas que ainda não reconhece o quilombo, que tem muita inveja daquele trabalho; mas eu tive uma formação muito grande e da ancestralidade espiritual, formação de continuar esse trabalho e formação hoje de continuar com esses jovens e com essas crianças. E eu vejo que isso não é por um acaso que somos escolhidos e escolhidos pelo alto, a gente fala dessa perpetuação da ancestralidade, é isso, você faz algo que está além de você. E os quilombos todos, eu falo os quilombos todos do Brasil hoje, eles têm uma ancestralidade muito forte, muito forte, porque essas pessoas lutaram pela terra, essas pessoas lutaram pelo seu poder, o poder de reconhecimento, porque de fato é seu de verdade, então quando a gente fala da ancestralidade, é isso. É você estar lutando pelo que é seu de verdade e com dignidade. Ninguém deve nada pra ninguém, já é nosso, de fato, de herança, porque o próprio nome já vem da hereditariedade, herança que nós recebemos deles. Então é um dever nosso de continuar preservando, cuidando, zelando pelas plantas, zelando pelas matas, zelando pela cultura, pela história, isso é um dever, é uma obrigação nossa de fazer isso.

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



COMEÇAMOS NA COMUNIDADE DO PINHEIRO EM 1979, justamente, com o padre Pedro, com a chegada do padre Pedro, em Minas Novas, quando foram criadas várias Comunidades de Base. Reunir, unir e formar a comunidade, aí começou. Já falava muito a respeito das comunidades dos índios; com os quilombos, a gente ainda não tinha assim uma noção do que a gente poderia ser ou não. Inclusive, na minha família, uma tia que casou com um moço que a avó dele, eles contam a história, que a avó foi pegada no mato a cachorro, índios, então, virou essa mistura de negro com índio. Inclusive, o meu primo, filho dessa tia, está na cara que a maior parte do sangue deles são indígenas, de índio, cabelo, tem o cabelo espetado, liso e não tem sobancelha, são o verdadeiro índio. Então, a gente, dessas histórias, de ver os fatos, ler um livro, e aí a gente foi vendo que nós também fazíamos parte desse povo, igualmente Macuco, Mata Dois, Gravatá, Pinheiro ainda tem uma pinta maior de algumas mais, a pele mais clara, mas quando vai ver o sangue... Cadê a mãezona, saiu?

SR. GERALDO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG





Comunidade Quilombola Mesquita / GO

E AÍ ELA (A SUA FILHA DE SANTO) DISSE: “COMO NÓS VIVEMOS DE MEMÓRIA, tem que ser um Memorial, porque um dia nós teremos um memorial, um dia tu vai ter”. E eu quero deixar, essa coisa que minha Filha de Santo, Filha de Oxalá Bocum, Consuelo Machado, que mora no Recôncavo Baiano, na cidade de Cachoeira, disse há 10 anos, está se realizando hoje aqui. Ela dizia “um dia essa casa vai se transformar num memorial” e essa chegada desta biblioteca lança a pedra do Memorial. Já que a escola convencional e não negra nunca usou e pensou em botar nos seus currículos escolares nada que fosse nosso, por que não os terreiros ser estes espaços da sua própria identidade? Eu conheço, aqui tem escola israelita, adventista; quem sabe esse projeto das bibliotecas não sinaliza, se juntar a política do território, se juntar a política dessa cultura da leitura dos pontos de leitura e nós começarmos? A fome que as pessoas têm de se autoconhecerem porque nós não nos conhecemos. A verdade é esta, nós precisamos nos conhecer, esse autoconhecimento. Quem sabe um dia nós tenhamos uma universidade nossa, com a nossa visão de mundo, com a tecnologia que a África sempre teve?

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



E AGORA A GENTE QUANDO PENSOU NESTA SITUAÇÃO DESTE RESGATE da memória dentro do terreiro mesmo. Porque a gente vai querer fazer lá dentro do espaço do terreiro com a criançada, com a juventude que tá lá dentro do terreiro, que temos esta memória e a gente quer que isso vire um documento para mostrar a verdade, porque a gente não sabe se teremos os nossos mais velhos pra tá passando isso e de que forma será passado esta história da nossa religiosidade e da nossa ancestralidade.

EKÉDI RITA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



NAQUELE TEMPO, QUANDO EU ESTUDAVA, NÓS ÍAMOS PARA A ESCOLA era de a pé. Naquele tempo nós íamos lá no fim da Barra do Matador e ia a pé, não tinha nenhuma comida pra a gente comer, tinha vez que a gente ia até sem comer, muitas vezes ia até descalça, porque não podia comprar sandália. Era ou não era, Antônio? E a gente tinha que capinar também, capinar (...) carroça e tudo que o pai da gente fazia, era mais de quatro, era (...). A gente pegava e capinava antes da escola, chegava, só para tomar (...) nem roupa também tinha não, tinha vezes que você vestia um vestidinho uma semana, sem poder nem lavar ele (...). Fazia saia, fazia saia de guarda-chuva, e ainda achava que era bom, ia para a escola, quando você achava um pedaço de cana que os outros às vezes passava e catava aqueles (...) para matar a fome que a tripa estava fazendo assim. Aí tinha vez que a gente chegava e a mãe da gente ia e pegava beldroega, fazia uma saladinha, você chegava e comia só aquela saladinha de beldroega. No outro dia você tinha que capinar de novo. E fazer a mesma coisa, não tinha merenda na escola e hoje (...).

BETINHA, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



PORQUE QUANDO EU ESTAVA CRESCENDO, antes dos dezoito, dezenove anos para sair para fora, para a migração, os nossos pais, não só meus pais, mas da maioria trabalhavam para os fazendeiros que era... falava fazendeiro na época que hoje não é mais nada, mas tinha que plantar a roça deles primeiro, cuidar da roça deles para depois ir e plantar a da gente. E nesse momento, quando ia plantar outro lado já estava grande, plantava no meio do mato, quando você ia carpir já também tinha que carpir a dos fazendeiros primeiro, porque não tinha outra saída, chovia muito, produzia muito, mas o recurso financeiro não tinha. A gente era obrigado a trabalhar para eles para ganhar um quarto de rapadura, meia rapadura, um pedacinho de toicinho para trazer para a casa, para a família e voltar para trabalhar, para pagar aquilo e ficava a mulher com os filhos todos pequenos. Naquela época, o casal que tinha menos filhos eram oito, dez e a vida era mais apertada do que hoje. Olha, eu falo sem vergonha nenhuma, tinha dia que não tinha nem o que comer em casa, hoje está todo mundo aí escolhendo, os filhos escolhem “eu quero comer isso, eu quero aquilo, mas eu não quero aquilo e nem aquilo outro” e naquele tempo era comer o que viesse, no dia em que tivesse.

SR. GERALDO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG

Mãe Nalva, Ilê Iyaba Omi Aciyomi / PA





Comunidade Quilombola Mesquita / GO

SE EU FALAR QUE FOI BOA, A INFÂNCIA DA GENTE HÁ 41 ANOS atrás não foi de primeiro mundo, porque naquela época a gente vivia do que plantava, naquela época Cidade Ocidental tava em planejamento ainda, acho que nem tinha Ocidental. Brasília era uma cidade, aliás Luziânia era a cidade mais perto que tinha, minha mãe falava ainda, quer dizer, não foi bem na minha época, que foi bem mais pra trás; quando a pessoa adoecia aqui, a pessoa ia pra Luziânia de carroça, os doentes quando adoecia carregava no “bague” que era uma coisa que punha o pau na rede, e levava em duas pessoas, a pessoa deitava dentro da rede e duas pessoas levavam e ia trocando daqui pra lá. Já pensou, carregava um doente daqui pra Luziânia e (...) uma coisa assim parecida. Então naquele tempo as coisas era difícil e hoje está bem melhor e, mesmo assim, tem morador aqui que não aceita ser quilombola.

DIVINO XAVIER DA SILVA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



EU ME CRIEI, A NOSSA MERENDA ERA MINGAU DE FARINHA, AÇAÍ AZEDO. Tinha muito açaí, ela apanhava açaí, a mamãe amassava o açaí hoje e deixava e quando era de manhã, botava a panela no fogo, fazia um mingau e colocava o açaí: - “Oh! Psiu!” E criou tudo nós e até hoje eu to forte ainda. A merenda dos meus filhos era macaxeira cortada, secada para socar, banana açu ou aquela outra, cortadinha secava... Tinha carimã, feita da mandioca em três dias. A mandioca ela fica inchada, você tira ela, amassa, mete na água e espreme e deixa ela seca no forno. Meu amor, um mingau, olha, daqui! Meus filhos era tudo “escadinha”, tá forte até hoje, né?!

SR. JOAQUIM ARAÚJO DA PAIXÃO, QUILOMBO CURIAÚ / AP



TINHA O DOUTOR XAVIER, QUE ERA DO CAPÃO ALTO, Dona Evangelista que eu nem conheci, e os escravos vinham de lá, três ou quatro, com dois na frente e a cargunda no ombro, um pra cá e outro pra trás e um guarda-chuva, pra não pegar sol e levava pra cidade (...) ela contava que ela vinha na cidade, outra cidade do outro lado do rio, aí eu conheci a cidade ali (...) então a casinha é tudo de boi. Pra passar pra lá daquela ponte dos lado do hospital, tinha o (...) caiu quando atravessou o rio, ela contava – passava pra lá um tapiã, tinha muito porco-do-mato –, então ela contava que na fazenda do Capão Alto tinha um santinho, (...) foi uma da cidade, to contando diz que foi na cidade e roubaram o santo (Santo Antônio) e ficaram lá as moças, cercaram e ficaram na frente e daí saíram, assim elas contavam, saíram e perderam o santinho ali e foram embora. E daí aquele criado (...) santinho, aquele negrinho aqui, esse é o santo, o São Benedito, daí então, que a Dona, então conhece que entraram aqui na igreja e pegaram e derrubaram ali, então é uma história que a Dona Maria Luiza (conta). Os escravos trabalhavam pra ela e tinha que está lá pra ver que era ali que o escravo comia, tinha um poço de cimento, que punha comida e eles comiam ali, tá lá, dá pra ver, eu fui lá. Eles surravam os escravos, tinha a (...) que fizeram de pedra, que os escravos pegavam.

SR. MANOEL PEDRO RODRIGUES DA SILVA, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR



COMO EU LEMBRO E EU FALEI ISSO, LÁ NO MACUCO e a maioria dos quilombos daqui se misturou com os quilombos lá do Macuco, a família dele, deles, aqui vieram de lá, são primos, são sobrinhos daqueles lá do Macuco. E aí é onde formou as comunidades, hoje, através da associação, com muita luta como eu tenho dito, a gente consegue esses projetos, pressionando as autoridades lá, o poder público e é que estamos aqui. Porque naquela época tinha aqui, na comunidade do Pinheiro oito famílias, hoje somos quarenta e três famílias, comunidade do Pinheiro, apesar de ter poucos aqui, mas são quarenta e três famílias na comunidade do Pinheiro.

SR. GERALDO JUNTO COM BETINHA, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



DEPOIS, PASSADO O TEMPO, AUMENTOU A FAMÍLIA dos Teixeiras e Magalhães, então foi assim: Pereira Braga, Teixeira Magalhães e Pereira Dutra, mas tudo já da família dos Teixeiras, o Pereira Dutra já fazia parte dos Pereira Braga, Pereira e Teixeira e do Lisboa da Costa é se chamava a família de Antonio Grilo. Esse Antonio Grilo casou com a senhora aqui do Quilombo, só que ele não era descendente daqui do Mesquita. Veio de Portugal e casou com a senhora daqui, que esta família é a Lisboa da Costa. Depois dos casamentos que foi tendo as misturas, que nem eu e minha esposa: ela é filha de Luís Pereira Braga, e eu já sou filho de Benedito Antonio, mas o meu pai é filho de Nonato, que é Pereira Braga, Nonato é filho de Aleixo que é irmão do pai da filha, entendeu como que é? Nós somos primos, então assim, tá lá longe, mas estando perto tá bom. Por que Nonato é irmão do Aleixo e mãe do meu pai, que é Benedito Antonio, e Antonio Benedito a parte de papai, porque o pai dele que chamava João Benedito, pai do meu pai chamava João Quente, apelidado, que se chamava João Benedito, aí eu fiquei João Antonio Pereira, que também sou Benedito, chamava João Benedito Antonio, mas aí eu casei no civil, aí tirou uma parte, então depois dos casamentos aí vai mudando né, aquelas misturas de Pereira, Teixeira.

SR. JOÃO ANTONIO PEREIRA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO

Centro Memorial de Matriz Africana 13 de Agosto / RS



# CULTURA E TRADIÇÃO



Egbe Ile Iya Omidaye  
Obalayo / RJ

É TORNAR O TERREIRO UM  
ESPAÇO HOSPEDEIRO MESMO,  
OS TERREIROS TÊM QUE TER  
ESSA NOÇÃO, NÃO DE GRANDEZA,  
NÃO DE LUXÚRIA, PORQUE OS  
VALORES NÃO PODEM SER TROCADOS  
POR VAIDADE. VOCÊ NÃO PODE  
INVERTER, O LUXO É BONITO, MAS ELE  
NÃO PODE SER TROCADO PELO VALOR,  
O VALOR TEM QUE SER OS VALORES  
DA NOSSA RELIGIOSIDADE,  
DA NOSSA CULTURA.  
MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE  
IYA OMIDAYE, SÃO GONÇALO / RJ



Quilombo Curiaú / AP



Centro Memorial de Matriz Africana 13 de Agosto / RS

POR QUE A RODA? POR QUE  
O JEITO DE DANÇAR? POR QUE  
O ARRASTA-PÉ? NA HISTÓRIA,  
LOGO NO PRINCÍPIO, LOGO NOS  
PRIMÓRDIOS, PORQUE É ASSIM:  
- OS NEGROS, OS ESCRAVOS NA  
VERDADE VIVIAM NAS SENZALAS,  
UM PAU NO CENTRO, NO MEIO,  
PARA SUSTENTAR. AÍ FICAVAM TODOS  
ACORRENTADOS, NÃO DAVA PARA  
ELE SAIR DE UM LADO PARA O OUTRO.  
ALEX ALMEIDA, QUILOMBO CURIAÚ / AP



Egbe Ile Iya Omidaye Obalayo / RJ

ERA A DANÇA DE RODA, ERA O CONGADO, ERA A DANÇA DE VILÃO, hoje não, hoje é forró de sanfona e agora nem sanfona mais é, é teclado e não sei o que é mais. Sempre eu falo isso lá no Macuco, eu acho que a gente deveria estar se reunindo com essa juventude, contando as histórias para a gente voltar aquela tradição. Não voltava não, porque não existe. Existe, mas para não acabar, para não acabar.

BETINHA, CULTURA E DANÇA, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



EU NÃO SOU MULHER DE RECLAMAR, EU SOU MULHER DE FAZER, eu tenho uma ideia aqui, eu boto no papel, mas enquanto eu não tiro do papel pra realidade, sinceramente, eu não sossego. Porque o sonho só vira realidade se você transformar ele em realidade, se você simplesmente deixar no papel você vai morrer frustrada por não ter feito isso. Pra mim a imortalidade, apesar da minha religião, eu, Mãe Márcia, acredito que você é um imortal pelo trabalho que você deixa aqui na terra. Mãe Menininha, pra mim, é imortal pelo trabalho que ela deixou. É tornar o terreiro um espaço hospedeiro mesmo, os terreiros têm que ter essa noção, não de grandeza, não de luxúria, porque os valores não podem ser trocados por vaidade. Você não pode inverter, o luxo é bonito, mas ele não pode ser trocado pelo valor, o valor tem que ser os valores da nossa religiosidade, da nossa cultura. E tem que estar se policiando, porque antes de ser conselheira e tudo mais, eu sou ialorixá, eu falo de religiosidade por conta disso, mas nós não somos culpadas que a nossa cultura tem uma religiosidade tão rica em cultura também. Então nós não podemos ser punidos por isso, porque nós sambamos, nós jogamos capoeira, costuramos, bordamos, nós esculpimos barro, esculpimos madeira, sabemos cantar e temos a alegria que talvez povo nenhum tenha. Ninguém pode tirar isso da gente.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



ACHO QUE DESDE QUE EU TAVA NO VENTRE DA MINHA MÃE eu já ia dançando e ouvindo música de Marabaixo, e cada vez que mudava, já acabava uma festa no interior lá, nem vinha pra cá. Já mudava pro outro interior, já tinha outra festa começando lá, passava algumas vezes duas ou três semanas de festa pra festa, depois que retornava pra casa. E se tinha festa nos Bois, aí dos Bois já iam pro Ambé, é um quilombo próximo de Macapá, e do Ambé já ia pra Pedreira, pra Ressaca, Casa Grande, cada município, cada vila. Eu já fui festeiro duas vezes aqui em Macapá, já. Eu faço parte de um grupo também de Marabaixo, aqui do Macapá. Marabaixo e o Batuque – não é uma dança específica do Curiaú, é de todos os pretos... é Mazagão Velho, é Pedreira, é Ressaca, é Ambé, Casa Grande, Curiaú, é Rosa, Marianu. É todos esses lugares, onde não tem Marabaixo tem o Batuque, Igarapé do Lago. Hoje em dia, o mais jovem já está estilizado, já está em outro ritmo, mas aqui tem muita gente que canta o nosso tradicional, que é o Marabaixo de lamúria, até o toque é mais silencioso, o cântico é mais dolorido, mais tristonho. Hoje em dia não, já está mais estilizado, com mais alegria, mais euforia. O Batuque, segundo informações, olhando e também pesquisando, pra poder chegar e falar isso aqui. O Batuque, quando a colheita do senhor, senhor da razão, das terras, dava uma “mão de couro”. Era o Batuque, aí pra se divertir naquele Batuque lá, foi boa a colheita. A safra de café, a cana-de-açúcar, seja lá o que for o que o fazendeiro tinha. Uma “mão de couro” é o toque do Batuque, o toque do tambor, era só isso mesmo, dava aquela noite lá, pra gente se divertir. Pras pessoas na Senzala se divertir, só porque foi boa a colheita. E quando o escravo fazia uma coisa grave lá, colocava no tronco, ele batia uma caixa de Marabaixo e cantava aquela tradicional lamúria. Quem conhece o Marabaixo vê que até o dançar, o arrastar dos pés, é o sofrimento. Então, o dançar, o arrastar dos pés. Segundo eu vi mesmo, analisei, pesquisei e concluí que era sofrimento, o Marabaixo. O Batuque já era mais alegria, aí quando a safra era boa. Agora já não. Já rodam igual pião, já salta, já pula. O Marabaixo é o arrastar do pé, a corrente não deixava que eles mudassem o passo e era na sequência. Tem os agradecimentos dos santos, tem tudo a ver. Já aos santos eles agradecem, que é o profano. O pessoal faz uma promessa para o santo envolvido no Batuque e no Marabaixo – para o ano, eu vou fazer a festa do santo tal! É realmente o que acontece. Aí ele vai, faz a festa e agradece, obteve a graça, o ápice.

SR. RAIMUNDO, NETO DE D. TERESA, QUILOMBO CURIAÚ / AP

Centro Cultural Orunmilá / SP





Centro Cultural Orùnmilá / SP

ENTÃO, NÃO BASTA VOCÊ FICAR AQUI NO MEIO DO MATO RESISTINDO CULTURALMENTE, QUE ISSO NOSSOS ANCESTRAIS NÃO DEIXARAM PREPARADO PARA FAZER. MAS AO CONTRÁRIO DISSO, SAIR DESTE PASSIVO PRA UMA AÇÃO PROATIVA DE LEVAR ESTA CULTURA COM O ENFRENTAMENTO COM A SOCIEDADE DE RIBEIRÃO PRETO, QUE É UMA CIDADE REACIONÁRIA, RACISTA AO EXTREMO.

PAI PAULO C. DE OLIVEIRA,  
CENTRO CULTURAL ORÙNMILÁ / SP

O AFOXÉ, NA VERDADE, É A PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DE CULTURA NEGRA no Brasil, quando a primeira notícia de um Afoxé foi 1891, três anos após a Abolição, que os negros se organizam e vão pra rua cantando em língua ioruba. Embora hoje tem o Afoxé Banto, – que eu não sei direito porque isso, mas, Afoxé de Angola, – até porque a palavra afoxé vem do ioruba, A é Au, a nós, Fo de encantamento da palavra e Xé, o poder de realização. Isso em Salvador, e a primeira coisa, assim que eu fundei o Orùnmilá, com essa proposta, na verdade a proposta do Orùnmilá – é, nós somos “experts” em resistência cultural. Então, não basta você ficar aqui no meio do mato resistindo culturalmente, que isso nossos ancestrais não deixaram preparado para fazer. Mas, ao contrário disso, sair deste passivo pra uma ação proativa de levar esta cultura com o enfrentamento com a sociedade de Ribeirão Preto, que é uma cidade reacionária, racista ao extremo. E aí vem esta história de ano a ano ter que se afirmar, até que 2006 eu consegui que aprovassem na Câmara uma lei criando a obrigatoriedade do Afoxé abrir o carnaval de Ribeirão Preto. Hoje, depois de 18 anos, já quase que uma aceitação, mas mesmo assim é sempre um jogo, é sempre uma tentativa de tirar o Afoxé, de descharacterizar. E o Afoxé Orùnmilá tem uma outra característica, não é só isso, além de ser Afoxé, a gente desce com meia dúzia, depende do ano, até oito faixas denunciando o racismo. Teve um ano, quando começou a UPP – Unidade Perseguidoras de Pretos, então é pauleira mesmo, concentração; tem ano que eu pego o microfone e chamo de racista, no meio do sambódromo, com todo mundo ouvindo. Então é pau, é enfrentamento mesmo. Sim, o Afoxé vai para outros lugares, com essa mesma postura.

PAI PAULO C. DE OLIVEIRA, CENTRO CULTURAL ORÙNMILÁ / SP



TRADICIONAL É A NOITE TODA, SÓ NO BATUQUE (...) SÓ NAS FESTAS DE SANTOS. Participo, a comunidade toda, até mesmo para não esquecer a tradição. A gente leva pra frente, netos, bisnetos e tataranetos, com certeza. E tudo caracterizado com uma saíndinha assim, pra dançar.

RODA DE JOVENS QUILOMBO CURIAÚ / AP: SILVANA, DIELE, DIOGO, DIRANE, CASSIA, JOICE, SARA, ANDRÉ, LUAN, ALE LUMIRA, JOAQUIM E LEANDRO.

EU... EU TIVE JÁ VÁRIAS CONVERSAS CONTANDO AGORA, aí me perguntam assim: – “Por que a roda? Por que o jeito de dançar? Por que o arrasta-pé?” Na história, logo no princípio, logo nos primórdios, porque é assim: os negros, os escravos na verdade viviam nas senzalas, um pau no centro, no meio, para sustentar. Aí ficavam todos acorrentados, não dava para ele sair de um lado para o outro. O que eles faziam era ficar dançando ao redor, acorrentado, o arrasta-pé. Porque não tinha como se mexer muito. É assim, tem diferença do Batuque e tem diferença do Marabaixo. O Batuque é como se fosse... O Batuque é como se estivesse em festa, festejando alguma coisa, como dizia meu avô, se fizesse uma colheita boa! Agora, o Marabaixo não, é uma forma de lamento, se tivesse alguma coisa triste, eles lamentavam. Por exemplo, morre um amigo, o falecimento, o cântico do ladrão, por exemplo, no Marabaixo chama ladrão. Tipo assim, aconteceu um fato, morreu uma pessoa, fazia um verso, uma rima, uma música para ela. Isso é o ladrão de Marabaixo. Mas a forma tradicional, como dizia meu avô: “acorrentado ao pé, ao centro, aí eles dançavam em forma de roda”. Nem sempre ficavam soltos. Eles poderiam dançar o Batuque ou o Marabaixo mesmo acorrentados. Só que o lamento, que é o Marabaixo, quando tiver acontecido alguma coisa triste na comunidade, pegava o ladrão, o lamento, que música a gente poderia citar, acontecia alguma coisa triste, aí a gente cantava. Aconteceu uma festa, um tempo alegre, aí eles faziam o Batuque. O cântico do Marabaixo é o ladrão, e o cântico do Batuque é a folia. Eu sempre estudei a história do Amapá. Pra ter um pouco mais de conhecimento da minha história. Falava que os índios eram muito difícil de escravizar, porque os índios conheciam a mata e os negros, não. O negro entrava numa mata dessa e se perdia; os índios, não. Aí os negros, logo quando eles chegavam aqui, para eles não fugirem, eles ficavam acorrentados.

ALEX ALMEIDA, QUILOMBO CURIAÚ / AP



Centro Cultural Orùnmilá / SP





# TAMBORZEIRO



O PRIMEIRO INSTRUMENTO QUE EU FIZ, EU TAVA INDO PRA UMA VIAGEM em Belém, aí furou a caixa, aí eu falei com papai, aí papai pediu para eu levar para o Joaquim Sassuarama. Aí eu perguntei ao papai: – “O senhor não fazia instrumentos?” E ele respondeu: – “Fazia o meu instrumento, minha caixa... Então bora fazer nós dois.” E daí eu comecei, foi meu pai que me ensinou a fazer. Aí que eu comecei a fazer as caixas de Marabaixo e tomei gosto. Afina no fogo, vai no fogo (...) faz uma fogueira, entendeu... Eu não posso estilizar o pandeiro. Se eu vou fazer a “racha” (pregar) aqui, eu já tiro a nossa origem. Tem que pôr no fogo, não o prego. Quando a gente viaja para o Sul, a gente tem que fazer estilizado, porque não tem muito como acender fogo, e às vezes, como existe aquele canhão de luz, a gente usa o canhão de luz. Pra fazer, o couro vai no sol, seca, aí quando vai tocar, acende a fogueira, põe no fogo, esquentou... E assim vai direto, quando nós temos pra rodar de Batuque, a gente passa de 12 a 15 tocadores e vai mudando, não é só certo não, cansou aqui, troca e vai tocando. Já Marabaixo, não. Marabaixo, um ou dois toca. Aqui, o caso da afinação da caixa é aqui, baixou, afinou. Quando essas cordas ficam bambas, vai folgando, aí tem que afinar.

PEDRO DOS SANTOS, PEDRO BOLÃO, QUILOMBO CURIAÚ / AP



CONHECI E CHEGUEI A IR NA CASA DA MINHA AVÓ, MEU PAI LEVOU NÓS LÁ, chamava ele de Taião, “oh, Taião leva Antônio lá”. Eu inclusive, eu fui lá, o povo ia muito, tinham as danças dos tambores e nem por isso e nem por outro. Meu avô que já fazia os tambores e já ficava tudo em casa mesmo. Essa linha minha foi do meu avô, do instrumento, que ele tinha grupo. Arthur Luiz Pereira (...) Arthur Barreiro, mas é Nogueira... Arthur Luiz Pereira dos Santos, mas eles chamavam ele de Arthur Barreiro por causa de um arerê que ele fez lá onde vocês foram aquele dia, que eu estava lá, (...) que meu avô que fez. Ele morou lá um tempo e de lá que ele veio para cá, onde é que eu moro hoje. Compadre dele que chamava Joaquim Soares arrumou uma (...) para ele trabalhar e ele veio para cá e cá ele morreu.

MESTRE ANTONIO BASTIÃO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG

EU NÃO POSSO ESTILIZAR O PANDEIRO. SE EU VOU FAZER A “RACHA” (PREGAR) AQUI, EU JÁ TIRO A NOSSA ORIGEM. TEM QUE PÔR NO FOGO, NÃO O PREGO.

PEDRO DOS SANTOS, PEDRO BOLÃO, QUILOMBO CURIAÚ / AP

Mestre Antonio Bastião, Associação dos Moradores (Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá) / MG



EU ACHO QUE O POVO HOJE ESTÁ ASSIM MAIS CUIDADOSO, NÃO EXISTE MAIS... As árvores também têm isso, tinha isso, tem isso, porque mostrando como é que é a história do ser humano. Por isso que quando eu vou no Cerrado, eu tenho um cuidado muito para poder estar mexendo com as árvores, porque ela tem que estar oferecida, ela tem que estar ocada, se ela não estiver ocada por dentro, para mim só acabar de limpar ela, (...) não posso chegar lá e cortar de tudo quanto é maneira, porque eu estou estragando eu mesmo, a gente mesmo estragando, a gente precisa pegar o (...) inteiro já bem do jeito que ele é. (...) É o cupim, o cupim entra dentro e come o miolo, porque o miolo é doce e aí só fica só por fora. É como a gente, às vezes a gente está assim em pé, mas está com uma enfermidade por dentro, as árvores não são muito diferentes da gente, ser humano, não, ela é a mesma coisa, e a árvore está aí bonita, mas ela está doente. E aí, e para você saber, porque se ela está doente (...) você vai conversar com ela com um sotaque igual o doutor faz com a gente, chegar batendo nela (...) dela e aí para você poder tirar e aí você fazendo assim e ter cuidado para não cair nas outras árvores que são os filhotes, os filhos e aí você vai estar fazendo um instrumento de qualidade e com cuidado com a natureza, isso chama prevenir, prevenção. Eu

chego num barbeiro para cortar minha barba, nesse caso eu vou falar: – “não, eu quero minha barba cortada assim, capricha aí, porque (...)” As árvores também são assim, elas querem ser felizes. Porque quando você está preparando um tronco desse para fazer uma arte nela, quanto mais você caprichar, ela fica feliz. Então, por isso que eu amo (...) eu aproveito tudo, (...) fazer alguma coisa eu faço, eu completo, exemplo: uma dona vai no salão de beleza, ela gosta de mudança, ela fica feliz quando melhora. É por isso que eu faço; esse tambor daqui eu fiz um trabalho, porque ela queria ser isso, então eu fui obrigado a fazer, do jeitinho que ela queria assim, (...) feminina e é uma ser humana em forma de um instrumento.

MESTRE ANTONIO BASTIÃO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



AQUELA ROSQUINHA, FAZIA A NOITE TODA... quando era de manhã nós levantava, e aí que ia dar pra todo mundo comer. Rosquinha era feita da carimã (mandioca mole), torrava ela e de manhã, era o café da manhã, rosquinha com café. Hoje em dia, você já tem uma maçã, bolo, uva, mamão. Antes não tinha e não era liberado pra todo mundo, fazia só onde a gente morava... Era uma coisa quase fechada ali, hoje em dia não. Os homens da lei e da sociedade, eles agregaram, expande o valor, o folclore. Eles se movimentam também. Antigamente você ia fazer uma festa, era só você mesmo e sua família que ajudava. Hoje em dia não, tem repasses do governo, do município, da classe empresarial, político também apoia, e é aí que sai uma festa mais bonita.

SR. RAIMUNDO, NETO DE D. TERESA, QUILOMBO CURIAÚ / AP

Fotos págs. 58 e 59: Associação dos Moradores (Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá / MG)





## COMUNIDADES DO TAMBOR

POR PAULO DIAS, ETNOMUSICÓLOGO

Entre os povos bantos da África Central, tambor é *ngoma*. Não só o instrumento, porém, metonimicamente, a dança e o canto que o tambor põe em ação e, por extensão, toda a comunidade que se reúne em torno do instrumento para a celebração ritual e prazerosa. Ngoma atravessou o Atlântico, junto com seus guardiães tornados escravos, malungos do Congo-Angola e das terras de Nagô e Jeje.

“Chora ingoma, ê Angola”, canta hoje o velho capitão de moçambique numa festa do Rosário em Minas, lembrando a dolorosa travessia do Atlântico. E no Brasil a ingoma, comunidade do tambor, cria elos firmes entre o passado e o presente da gente afro-brasileira, os viventes e os antepassados, a Senhora do Rosário e Mãe Iemanjá... Ingoma aqui reinventada de corpo, alma, beleza e mistérios.

Desde os tempos da colônia, o som vibrante dos tambores afro-brasileiros ecoa por aqui, em terreiros de fazendas, pelas ruas das vilas ou nos adros de igrejas, com seu poder de arrancar os homens à dispersão forçada em que vivem. Noticiados por cronistas e viajantes a partir do século XVI, as festas e rituais dos africanos são quase sempre objetos de descrições levianas e preconceituosas. Sons “monótonos”, danças “lascivas”, ritos “bárbaros” eram alguns dos qualificativos utilizados por esses escritores e mora-

listas, sem dúvida um tanto assustados com as multidões de negros que essas festas mobilizavam – multidões que sempre podiam rebelar-se contra a minoria branca. Paradoxalmente, a festa negra também constituía uma atraente opção de lazer para muitos brancos proprietários de escravos, como acontecia nas fazendas e engenhos isolados. “As senhoras chegavam muitas vezes para a roda, assim como os homens, e assistiam com prazer as danças lúbricas dos pretos, e os saltos grotescos dos negros”, escreve Freire Alemão, em 1859, sobre um batuque que presenciara em Pacatuba, Ceará.

Os desdobramentos desses eventos musicais dos negros da Colônia e do Império vieram a configurar um grande leque de manifestações dramático-musicais-coreográficas que atualmente presenciamos por todo o Brasil, entre o sábado de Aleluia e o carnaval.

Entre a infinidade de estilos regionais das danças-músicas negras, é possível perceber alguns núcleos de sentido principais: os Batuques, executados informalmente nos terreiros recônditos e voltados à celebração da memória das próprias comunidades; as Congadas, conjuntos rituais de dança e música ligados à tradição das Irmandades Católicas Negras, os Candomblés, grupos organizados de culto às divindades afro-brasileiras; e o Samba Urbano, que se desenvolveu nas primeiras décadas do século XX, a partir de uma confluência de tradições.

Essas Comunidades do Tambor, como gostamos de chamá-las, representam distintas formas de expressão dos negros no Brasil surgidas em resposta às conjunções histórico-sociais peculiares em que evoluíram as populações afrodescendentes.

Não obstante suas especificidades, essas Comunidades do Tambor compartilham quase sempre dos mesmos atores sociais e de um universo espiritual comum. E uma parte essencial desse universo comum é o ritmo, um certo repertório de padrões rítmicos que se reproduz, em diferentes conjuntos instrumentais, através do imenso território do Brasil e das Américas negras, criando laços simbólicos de parentesco com a África distante. Linhagens rítmicas que, mais resistentes ao tempo que qualquer palavra ou canto, atualizam-se a todo instante pelas mãos que tocam e pelos pés que dançam.

Os Batuques de Terreiro hoje dançados por todo o Brasil têm suas raízes nos eventos com dança e música que promoviam os escravos fixados na zona rural principalmente – fazendas, engenhos, garimpos – mas também em algumas áreas urbanas, realizadas nos poucos momentos de lazer de que dispunham. Os batuques marcam a presença da cultura banto, trazida pelos africanos vindos de Angola, do Congo e de Moçambique para diferentes rincões do Brasil. São formas vivas dos Batuques a Capoeira Angola e Regional, praticada no país inteiro e no exterior; o Carimbó paraense; o Tambor de Crioula do Maranhão, o Zambê do Rio Grande do Norte e o Samba de Aboio sergipano; em Minas, celebra-se o Candombe, no Vale do Paraíba paulista, mineiro e fluminense, o Jongo ou Caxambu; na região de Tietê, em São Paulo, dança-se o Batuque de Umbigada, entre muitas outras manifestações... Sem falar dos primos estrangeiros, como o Tambor de Yuca cubano, ou o Bellé da Martinica, em tudo semelhantes aos nossos batuques.

Nas fazendas distantes dos tempos do cativo, as festas de terreiro realizadas nas folgas semanais e dias feriados concentravam a vivência dos escravos enquanto grupo, já que no dia a dia eles trabalhavam dispersos no eito. Tudo acontecia africanamente por meio do canto e do corpo em movimento, ao som dos tambores. Era momento de louvar ancestrais, de atualizar a crônica da comunidade, de travar desafios capazes de amarrar com a força encantatória da palavra proferida.



Os versos metafóricos entoados nessas rodas só ofereciam ao branco um sentido mais literal, inócuo... Fato que deixava perplexos os observadores brancos: tratava-se de diversão ou devoção? O mistério permanece até hoje, assim como os velhos tambores de tronco escavado, afinados a fogo, e venerados como verdadeiras divindades: Gomá, Dambá, Dambá, Quinjengue... As danças, individuais ou coletivas, mostram-se ora sensuais, descrevendo a corte amorosa que culmina no contato da umbigada – como no Batuque de Tietê e no Tambor de Crioula, por exemplo – ora de caráter sagrado, mimetizando os gestos dos Pretos Velhos, os antepassados africanos que morreram na escravidão – é o caso do Candombe dançado nas Irmandades mineiras do Rosário, e do Jongo carioca e paulista.

Desde sempre condenados pela Igreja como permissivos e temidos pelos patrões como perturbadores da ordem social, a maior parte dos batuques de terreiro mantém-se marginal, ainda nos dias de hoje, em relação à sociedade dominante, excetuando aqueles que conseguem uma penetração no mundo do turismo e do espetáculo – é o caso do Tambor de Crioula e do Carimbó.

Com a vinda das populações negras para as cidades, essas danças ancestrais passaram da roça às periferias urbanas. Conservando seu caráter intracomunitário, ainda hoje se realizam à noite em terreiros pouco iluminados ou barracões fora das cidades. As fronteiras tênues entre o sagrado e o profano ainda caracterizam algumas dessas rodas, assim como o segredo contido nos versos da cantoria desorientam os que vêm de fora. Entenda quem puder, quem souber. Lamentavelmente, esse patrimônio cultural brasileiro de alta beleza e profundo refinamento, fonte viva de história, religião, arte e identidade para muitas comunidades afrodescendentes, vem sendo sistematicamente ignorado pela “grande cultura” e pelos meios de comunicação de massa.

Ao contrário dos Batuques, os Congos ou Congadas tiveram relativa aceitação da classe dominante branca, conforme atesta Antonil já no século XVIII, sendo consideradas “diversão honesta” para os escravos. Além de importante ocasião para os catequistas de imiscuir conteúdo cristão edificante nos seus enredos, como a gesta adaptada de Carlos Magno narrando as lutas entre a Cristandade e a Mourama infiel.

As congadas originaram-se dos séquitos de atores, músicos e dançarinos que acompanhavam seus Reis Congos, representantes das linhagens nobres da África na diáspora brasileira, por ocasião das festas religiosas e oficiais. Esses cortejos eram formados por membros das Irmandades Católicas de negros banto-descendentes – São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia –, instituições que historicamente asseguraram ao negro alguma participação numa sociedade que os rejeitava como cidadãos, e se constituíram em importantes repositórios de tradições afro-brasileiras. Foi por meio dos grupos rituais ligados às irmandades católicas – os congos ou congadas – que africanos e seus descendentes passaram a participar das festas públicas desde os tempos da Colônia.

Maracatus, Taieiras, Catumbis, Moçambiques, Catopês, Vilões, Marujos são algumas denominações das diferentes formas regionais das congadas de cortejo. Algumas delas ainda preservam uma parte dramática, em que se encenam embaixadas e lutas entre reis africanos; é o caso dos Congos de sainha do Rio Grande do Norte, das Congadas paulistas de Ilhabela e São Sebastião e do Ticumbi de Conceição da Barra, no Espírito Santo.

Particularmente em Minas Gerais, as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário ainda desempenham papel fundamental na organização da vida religiosa entre os afro-

descendentes. Aí o movimento do Congado parece crescer a cada ano, reunindo suas festas milhares de pessoas vindas de diferentes localidades. Há grande diversidade de congadas nesse Estado, em termos do estilo musical e coreográfico, do instrumental e da indumentária, reflexo talvez da antiga divisão dos africanos por etnia no seio das Irmandades. Esses grupos são chamados guardas, pois têm por função puxar coroa, isto é, acompanhar os Reis Congos. Carregam tambores artesanais com duas peles tensionadas por cordas e tocados com baquetas: as caixas. O respeito que têm os congadeiros das Irmandades mineiras pelos seus instrumentos vem de sua importância germinal para a tradição do Rosário: segundo a lenda, foram os tambores feitos pelos escravos africanos que conseguiram tirar Nossa Senhora do Rosário aparecida nas águas com a força de seus batuques, após as vãs tentativas dos brancos. Assim teria se iniciado o festejo à Santa e toda a tradição do Reinado. “Madeira santa”, como dizem.

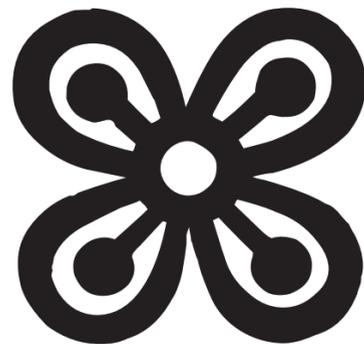
A religião afro-brasileira conhecida como Candomblé (BA), Xangô (PE), Tambor de Mina (MA) ou Batuque (RS) – nasceu dos aportes míticos e rituais de diferentes etnias ou nações africanas, com influência preponderante dos sudaneses jejes e nagôs. Trazidos da África Ocidental (Nigéria e Benin atuais) para as capitais do Nordeste e em menor escala para Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, a partir do final do século XVIII, os sudaneses trabalhavam geralmente como domésticos e negros ao ganho, tendo relativa facilidade para se reunirem segundo sua etnia. Esses escravos urbanos puderam, desse modo, rearticular no Brasil a sua religião tradicional, na qual os iaôs, sacerdotes iniciados, são possuídos pelas divindades durante o transe místico. Orixás, inquices ou voduns, nome que recebem as divindades segundo a nação ou origem étnica do candomblé, representam forças naturais e sociais.

Não obstante o preconceito e as constantes perseguições policiais de que foram vítimas nas primeiras décadas do século passado, os terreiros de Candomblé souberam preservar entre suas paredes uma série de práticas culturais africanas, como as línguas rituais, um panteão e sua mitologia, instrumentos, ritmos e cancionário, culinária, objetos de culto. Mais do que isso, perpetuou-se entre os adeptos dessa religião uma cosmovisão africana, que enxerga o mundo como uma teia de forças vitais em interação, as quais devem manter-se equilibradas através de ritos específicos.

Evidentemente, o culto aos orixás aqui sofreu diversas adaptações e reinterpretações, tornando-se afro-brasileiro. O ritual predominante jeje-nagô misturou-se a outras expressões religiosas africanas e ameríndias, gerando formas de culto miscigenadas como os Candomblés de Caboclo e, mais recentemente, a Umbanda. Permanece o conceito de nação – cultural, e não mais étnico – relacionado sobretudo à língua ritual, aos repertórios dos cânticos e aos estilos musicais.

Nas festas ou toques públicos e privados dos Candomblés, a importância dos tambores e seus percussionistas rituais, os ogãs, é decisiva para chamar as divindades a se incorporarem em seus cavalos e bailar o seu mito entre os mortais. Os ogãs conhecem grande variedade de toques das diversas nações do candomblé – Keto, Angola, Jeje – e podem dominar um repertório de centenas de cânticos.

Traços musicais peculiares aos candomblés Jeje-Nagô, como as escalas de cinco notas (pentatônicas) permanecem praticamente restritos às casas de culto, enquanto o som dos Candomblés Congo-Angola, junto com os batuques e cortejos de origem banto, participam de um universo melódico e rítmico extrarreligioso conhecido e reconhecível publicamente por todo o Brasil, entre os quais se coloca o samba. A música religiosa nagô pode ser



ouvida em ambiente público e profano através dos afoxés, como no carnaval de Salvador, chamados “candomblés de rua”, e algumas de suas referências rítmicas e melódicas transparecem na sonoridade dos blocos afro como Ilê Aiyê e Olodum.

As grandes cidades brasileiras foram o ponto de encontro de todas as ingomas, Comunidades do Tambor, e o carnaval, a data fundamental para esse congaçamento. As Escolas de Samba são o exemplo por excelência da confluência e fusão dos muitos elementos da fala afro-brasileira. A cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil a partir de 1763, concentrou ao longo de sua história uma grande população de africanos, principalmente os bantos vindos do Congo e de Angola; esse contingente de negros engrossou, após a Abolição, com a chegada dos libertos, atraídos para aquela metrópole pela esperança de conseguirem trabalho. Não só negros, mas também mestiços e brancos pobres migraram das fazendas valeparaibanas, de Minas Gerais, do sertão nordestino, de toda parte.

Nos morros e subúrbios do Rio misturaram-se tradições culturais tão diversas, mas ao mesmo tempo tão unas: expressavam alegria e devoção, continham a força do desafio e a reverência aos ancestrais, significadas por meio do corpo, da voz e do tambor.

Eram coisas de negro, herança forte daqueles que, vindos de longe, compartilhavam de um mesmo destino subproletário nos bairros periféricos e nas favelas.

Assim, foram-se agregando em mosaico as muitas memórias afetivamente conservadas. De um lado, o terreiro: o ritmo dos tambores de mão, a cantoria improvisada dos velhos batuques como o Caxambu carioca e o Samba-de-Roda baiano, a ritualidade dos cultos como a Cabula e a Macumba, a malícia corporal dos jogos como a Pernada e a Capoeira. De outro, a rua: os Cucumbis cariocas, os Ranchos de Reis baianos, os Maracatus nordestinos, as Congadas mineiras, todas aquelas danças de cortejo características das festas deambulatórias do catolicismo popular, trazendo porta-bandeiras, reis e sua corte, mascarados, baianas, baterias de tambores portáteis percutidos com baquetas. E o gosto pelo colorido, pelo brilho e pelo luxo, que finca raízes no Barroco Católico da Península Ibérica, e uma disposição peculiar em alas a compor o grande desfile processional.

O carnaval, data maior da profanidade, veio a ser o calendário disponível para a celebração pública da festa dos negros nas metrópoles. Nos anos 20 do século passado surgem as Escolas de Samba, fala negra amplificada para muito além do pequeno terreiro da comunidade, de e para as grandes massas humanas das cidades. Pelejando para legitimar sua voz junto à sociedade dos brancos e obter a visibilidade sonhada. A ópera popular urbana vai para o meio da avenida, com orquestras de centenas de tambores, instrumentos com pele de náilon produzidos em série por uma indústria que se especializa. De repente, os desanimados cordões da classe média branca abrem alas, de uma vez por todas, para as evoluções mágicas do Samba crioulo. As avenidas viram sambódromos, e o samba, espetáculo de massas e mídias.

\*PAULO DIAS, nascido em São Paulo em 1960, é músico e etnomusicólogo. Desde 1988 dedica-se à pesquisa da música tradicional brasileira, sobretudo à de raízes africanas, trabalho que vem sendo divulgado por meio de publicações, videodocumentários, CDs e exposições. Fundou e dirige a Associação Cultural Cachuera!, voltada à documentação, estudo e divulgação da cultura popular tradicional brasileira.

Este texto foi escrito originalmente para apresentar a exposição multimídia “Comunidades do Tambor”, montada no SESC Vila Mariana, em São Paulo, durante o evento “Percussões do Brasil”, em 1999. Uma versão revista e bastante ampliada encontra-se disponível em nossa biblioteca virtual: [www.ancestralidadeafricana.org.br](http://www.ancestralidadeafricana.org.br).



Associação dos Moradores  
(Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá / MG)



Associação dos Moradores  
(Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá / MG)



Quilombo Curiaú / AP



Ilê Axé Omidewá / PB

# AS ERVAS, AS CURAS, O AXÉ E A NATUREZA



ANTES EU NÃO SENTIA PRECONCEITO. Ali não era vista como uma mãe de santo, era vista como uma benzedeira e não se fazia antigamente esta associação de religião, de religiosidade, era a “benzedeira”. Então, todo mundo, até crente mesmo, acabava benzendo a criança doente numa casa de mãe de santo. A coisa era assim, cultural, então era o chá, era puxar a barriga e eu costumava dizer que a minha avó fazia pré-natal de todo mundo porque existiam muitas parteiras naquela época e a minha avó também era parteira, puxava a barriga, acompanhava todo o tempo da mulher e depois fazia o parto. Era uma coisa muito interessante essa coisa de remédios, hoje em dia a gente chama derrame, naquele tempo tinha um nome popular, que era outra coisa e tinha aquela garrafada, que ela continua fazendo, que leva Cipó Puca, Arruda e Caatinga de Mulata, que em outros estados conhecem como Macassá, mas pra nós aqui é Caatinga de Mulata. Então vovó era isso e eu acompanhava desde pequena; ela, dentro de casa, tinha uma coisa de “Pena e o Maracá” que era uma coisa do Pará, dos encantados e de repente o encantado vinha, então ela tinha as coisinhas dela ali, que a gente chamava de “Congá”, – era o Maracá, as infusões, o Talari, que é um tipo de cigarro feito por nós mesmos. E naquele tempo era respeitado. Minha avó era como uma médica, eu digo assim, ela ia nas casas, dizia assim: – “Dona Virgínia, tô com uma dor, o que é?” – É costela montada, peito aberto, como que é aquilo que bota o copo? Ventosa, suspende a mãe do corpo, que a mãe do corpo está fora do lugar, é perna torcida, não ia para o pronto-socorro, ela mesmo que arrumava e ajeitava a perna, fazia um emplastro, benzia “Izipra”, até hoje ela benze com a faca velha, ainda tem esta história. Hoje em dia meu tempo é mais curto e eu deixei de lado, este lado deixei de lado, mas eu ainda benzo criança, porque eu digo assim: – “Quando é saúde a gente não pode dizer não, tem que atender”.

MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



ATÉ O PONTO QUE EU CHEGUEI NÃO TEVE NADA A VER, NÃO. Quando eu cheguei mesmo até o ponto que tive conhecimento, só aqui mesmo. Não tinha nada com o deus da África. O que eles lembram muito e que me passaram e eu também via, é a cultura, tem muitas plantas medicinais que eles trouxeram. Por prova a gente tem coisa aí, tem planta, é o amor crescido, que serve para fazer baque, quem tem problema de algum baque preso, aí coloca em cima. Babosa, que é pra matar vermelha, aí zipla. Tem o capimare, que é um grande calmante, erva-cidreira é o que a gente cultiva.

SR. RAIMUNDO, NETO DE D. TERESA, QUILOMBO CURIAÚ / AP



TANTAS ERVAS SAGRADAS QUE NÓS TEMOS AQUI, né, pai, fazem os trabalhos de cura, através das árvores, das raízes, aqui, tem esse conhecimento na comunidade. Tia Joana que tem este trabalho de cura através da ervas, isso é o que é reconhecimento da ancestralidade, é separar que ervas são boas... Eu conheço algumas sim, eu sou curiosa, algumas eu vou lá saber, mas o conhecimento que eles trazem é da ancestralidade e que as pessoas não valorizam isso, acham que têm o direito de chegar aqui e destruir tudo e oprimir e tirar daqui desse costume, de nos tirar deste direito, desse direito, desse direito à terra.

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO

“ERA UMA COISA  
MUITO INTERESSANTE  
ESSA COISA DE REMÉDIOS,  
HOJE EM DIA A GENTE CHAMA  
DERRAME, NAQUELE TEMPO  
TINHA UM NOME POPULAR,  
QUE ERA OUTRA COISA  
E TINHA AQUELA GARRAFADA,  
QUE ELA CONTINUA FAZENDO,  
QUE LEVA CIPÓ PUCA, ARRUDA  
E CAATINGA DE MULATA”

MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



QUANDO EU ERA CRIANÇA ERA MUITO SOFRIDO, MUITO TRABALHO, a escola era barro mesmo, não tinha grau alto, sabe, nós só estudava até a quinta série, que o professor só podia lecionar até a quinta série (...) e trabalhar aí o trabalho nosso aqui era na roça, trabalhando né. E dava pra sobreviver da roça, dava, a gente sobrevivia bem. Nós comia tudo natural mesmo, era tudo que nós fazia, não tinha química nenhuma na comida. Agora, hoje não, tá cheia de química a comida, as pessoas vivem doente, o remédio era no campo, a gente ia aprender.

SR. JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



“A ÁGUA É PRIMORDIAL PARA ESTE PLANETA, PARA OS SERES VIVOS, PLANTAS, ANIMAIS, A PARTIR DE UM INSETO, UMA FORMIGA. TODO MUNDO PRECISA DE OXUM, PARA LAVAR A SUJEIRA, PARA TOMAR ÁGUA, COZINHAR SEU FEIJÃO, ELA É A FONTE DE VIDA, OXUM É FONTE DE VIDA QUE NUNCA SE ACABA E SE ACABAR, ACABA TUDO JUNTO”

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB

O MEU REMÉDIO EU USO PORQUE APRENDI, A GENTE APRENDE, às vezes tá doente ... a gente mesmo faz e toma, nós temos alguns curativos (...), velano branco, um bocado de raízes, muitas, muita raiz (...) pessoal mais velho né, aí (...) eu não sei de onde vem este conhecimento deste povo, não, dos escravos pra cá. Da África? Pode. É, tem muita gente que tem conhecimento da raiz, tem muita gente que trabalha com a garrafada e se dá muito bem. Aqui tem um negro que se curou da cirrose, tem um monte de gente que vem do hospital pra morrer aqui, mas chegou aqui (...) e dava o remédio e tá aqui até hoje pra contar a história, eu mandava pro hospital (...). E aqui no quilombo é muito bom, é tão bom que o povo tá querendo invadir, mas nós não deixa, nós tamo trabalhando – nós trabalha com ela, não tem jeito (...) e não sabe o que que é, não sabe o que é bom e querem tirar das pessoas, nós não aceita, nós somos quilombo até o fim, não adianta.

SR. JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



A ESSÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE ESTÁ NA NATUREZA, nós sabemos mais do que nunca, a natureza é um pouco disso, que são os orixás. A gente tem um projeto, dialogando com o sítio do pai Adão, que é no Recife, sobre as plantas medicinais e sobre as plantas do Axé para os terreiros, onde se fala a causa, que plantas são, os efeitos delas e o tipo de mediação que é feito com essas plantas. E tem uns bioquímicos da Universidade Federal que propuseram essa ideia de visitar. A nossa intenção é ter algumas mudas pra cá. Lá no outro espaço, a gente tinha já diversas plantas de Axé, só que pela questão da mudança vamos ter que comprar outras, buscar outras para plantar nesse novo espaço, porque a ideia é manter a tradição de trabalhar a medicina alternativa e o conhecimento das folhas. Então a gente já vem discutindo com o Ministério da Saúde, junto com o DEGEP (Departamento de Gestão e Estratégica Participativa) que já fez uma oficina com a gente ano passado. Agora esse projeto vai ter o segundo momento que fixou o papel da Universidade Federal do Estado do Piauí com a Rede Estadual de Religiões Afro e da ASJAP e CEPI, já que seria um projeto-piloto no Piauí. E a ideia também é que a gente possa ter essas mudas para compartilhar levando para os terreiros, mas que os terreiros possam saber o significado dessas plantas, a intenção é que cada terreiro desse possa fazer multiplicadores.

PAI RONDINELE DOS SANTOS, ASPAJA – ASSOCIAÇÃO SANTUÁRIO SAGRADO PAI JOÃO DE ARUANDA / PI

AQUELE VIVEIRO LÁ É PRA REFLORESTAR A NASCENTE, pra render mais a água pra trazer pro local, então é um trabalho que vem com este projeto; nós estamos com outro projeto que é do Viveiro Ornamental e estão fazendo pro Quilombo, pra gerar renda, pra trazer alguma coisa que beneficia o Quilombo, e a Rede Bartô, que minha filha levantou esta rede, que é muito forte inclusive, a rede é forte, tem gente demais. Então, essa rede foi criada agora nestes anos atrás, começou com uma, estava com bastante gente, comunidade dentro deste projeto e pra enriquecer mais o Rio São Bartolomeu, que o que nós precisamos dentro do local é conservar a nascente e reflorestar a beira de rio, que traz um futuro pra mais, nem só pra nós como pros outros que tá morando lá na beira do rio.

SR. JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



ENTÃO TEM ESSE DITADO “SEM FOLHA NÃO HÁ ORIXÁ”, e eu acrescento mais, “sem água não tem orixá”, aliás, sem água não tem nem vida, sem água não tem nem as plantas, nem os animais, água é a base, eu sou filha de Oxum, água doce, a água é o elemento. A água é primordial para este planeta, para os seres vivos, plantas, animais, a partir de um inseto, uma formiga. Todo mundo precisa de Oxum, para lavar a sujeira, para tomar água, cozinhar seu feijão, ela é a fonte de vida, Oxum é fonte de vida que nunca se acaba e se acabar, acaba tudo junto. E aí não vai ficar só o candomblé, todos os seres e todas as religiões. Então é por isso que eu brigo muito para preservar a fonte de água, para ter cuidado com as nascentes, com os rios, é muito importante. A gente brigou muito pelo rio Cuiá, porque há vinte anos eu levava água para casa, era melhor do que a água da Cajepa, da empresa. Mas, hoje já tem uma especulação imobiliária lá onde a água não está mais, poluiu, mas mesmo poluída a gente brigou para que aquela nascente não morresse, então virou uma APP (Área de Proteção). Eu comprei esse terreno por causa desta mata, que na época estava toda devastada e depois da construção do Axé, fizemos vários trabalhos de cura, aqui nessa clareira que já existia e através disto e a espiritualidade, mandou uma pessoa da Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura até o Axé. Depois de um trabalho, nós pedimos a ela essa mata e ela, a gestora na época, descobriu o SOS Mata Atlântica e o prefeito, que hoje é governador, comprou esta área, a área mais cara da cidade e transformou num grande parque. Com a minha comunidade eu procuro fazer um trabalho de conscientização para preservar, não tirar folhas a mais do que nós precisamos, não trazer lixo para a mata. Você vê a mata, por enquanto está cheia de lixo, mas eu pegava nosso povo, nossos filhos de santo, principalmente os homens e sempre fazíamos uma limpeza na mata, só que agora depois do parque, nós vamos esperar o poder público fazer isso. Porque ele vai cercar, mas vai tirar todos os resíduos, tem coisas que não são biodegradáveis, então tem que tirar, né. O meu trabalho é esse de conscientização de preservar rios, matas e cachoeiras com os filhos da casa e a comunidade do entorno. A gente sempre faz eventos para falar do meio ambiente, se não isto aqui estava muito pior.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



E AGORA O DOUTOR DIZ QUE É PRA NÓS TOMAR REMÉDIO NA FARMÁCIA do Urbano! E aí vai tudo este remédio aqui que to falando pra tratar, trago de lá, cozinho aí, faço chá, agora eu to tomando esse remédio que você põe na chaleira e cozinha ali e toma, e o doutor diz assim: – “tem que tomar o remédio de raiz”.

SR. MANOEL PEDRO RODRIGUES DA SILVA, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR



Ilê Axé Omidewá / PB



“QUERIA DIZER QUE PRA NOSSA CULTURA E PRA ESSA VISÃO DE MUNDO, 90% DOS ANIMAIS, TENDO O ABATE SACRO E CULTUADO DENTRO DESTA VISÃO DE MUNDO, ELE É PARA O ALIMENTO DO CONJUNTO DOS ATORES QUE VIVEM NAQUELE TERREIRO OU NO SEU ENTORNO, ALIMENTA SEU PRÓPRIO TERREIRO”

TATA EDSON, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS

O PRIMEIRO PRESENTE QUE A GENTE FEZ FOI UM PRESENTE ECOLÓGICO, foi um jeito que eu achei de furar o cerco da prefeita, que era contra a festa de lemanjá – porque eu sou do Conselho de Cultura. Eu disse: engano da senhora, nós somos corretamente ecológicos, fizemos todo o barco de lemanjá de papel com goma, a lemanjá foi feita de tecido, o espelho foi feito de papel, somente frutas, flores e doces que é orgânico, os perfumes foram todos para aquelas frisqueiras, e o pai de santo e a mãe de santo deram a água de cheiro a todo mundo, pois lemanjá não quer os vidros, ela quer o aroma. Diante disso ela tinha de me dizer – é uma expressão cultural afro, então ia ter que admitir que era racismo! Com isso nós vamos também ajudando os nossos irmãos a repensarem, porque (...) não é a nossa religião que ensina, pois o axé tem esse poder, ele só entrega oferenda – se ela decompor, decompor na mata, na água e virar de novo o húmus, os pássaros carregam. Então isso é o axé, e não o que você veda no asfalto, no alguidá de barro ou de louça. Lógico que modernamente ainda vira fonte de renda, porque se os terreiros constroem barquinho de papel e botarem nas lojas os outros compram, as vasilhas, vamos botar em folhas. Eu me proponho a ser realmente piloto daquilo que eu faço porque eu sou responsável pelo meu trabalho. Mas eu vou lá e ainda replico esta ideia, já tem gente fazendo barquinho de lemanjá melhor do que a gente, e a gente já está olhando pra ver qual ficou melhor, mas a ideia saiu daqui. Então, vamos encher, no final do ano, as casas de ervas de produtos desse tipo. A própria Bahia comprou de nós, do Matrizes, cinco kit ecológico para presente de lemanjá, uma ONG de ecologia comprou o balaio, lemanjá, o espelho, tudo; só de transporte foi mais caro do que o produto, mas eles quiseram comprar.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



EM TODO CANTO TEM O RACISMO INSTITUCIONAL, às vezes não é diretamente do gestor, mas dos assessores, então, quando derrubaram aqui uma árvore sagrada, eu fiz um BO (Boletim de Ocorrência), fui nas instâncias que precisava e foi feito agora um acordo com a prefeitura e vai ter um portão na entrada, uma chave com a prefeitura e uma chave comigo justamente para que se faça nossos rituais aqui, preservando a natureza. Porque eu posso ver quem entra e explicar como deve ser e não deixar nada que prejudique, colocar na folha da mamona ou diretamente na terra, ou na folha da bananeira, sem precisar degradar o ambiente. Vai ser mais fácil ter o controle do espaço, eu espero que o poder público cumpra e, a partir de janeiro, a gente possa fazer esse diálogo de novo, porque mudou a gestão e é justamente o gestor em que nós estamos apostando, que a palavra não seja descumprida.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



ENTÃO AO LONGO DO TEMPO A MINHA IDEIA, A IDEIA DA CASA, do meu preto velho que é pai de Aruanda sempre foi essa, foi buscar sempre. Eu tenho buscado a orientação dele, que é o mentor da casa, essa partilha das ideias, das feituradas, de como é que se dá o processo da alimentação do terreiro, como é que se dá ao orixá, como é que se faz a comida, qual o sentido dessa comida.

PAI RONDINELE DOS SANTOS, ASPAJA – ASSOCIAÇÃO SANTUÁRIO SAGRADO PAI JOÃO DE ARUANDA / PI



Mãe Márcia Dória Pereira, Ilê Axé Omidewá / PB

NÓS NOS ALIMENTAMOS, MAS NUMA COMPREENSÃO DE TROCA, com todos os seres vivos, estes seres vivos que me alimentam, num futuro próximo, nós temos que construir o ciclo de alimentá-los. E eu trago como exemplo, numa discussão em especial que é vulgarmente chamado de “sacrifício de animais” – queria dizer que pra nossa cultura e pra essa visão de mundo, 90% dos animais, tendo o abate sacro e cultuado dentro desta visão de mundo, ele é para o alimento do conjunto dos atores que vivem naquele terreiro ou no seu entorno, alimenta seu próprio terreiro. E os outros 10% são divididos em duas questões, 5% deles podem, por uma situação de necessidade, em especial ou de uma ação que foi consultada a partir do oráculo, e consultada por todas as divindades que nós temos, por aquela pessoa que chega com alguma natureza de enfermidade ou não, e aquele ato ele tem que ser feito. Aquele animal vai ser levado para alimentar outro ser vivo, ou seja, os animais que estão no entorno de onde ele está colocado; e os outros 5% também é colocado na mesma natureza com outro cenário, para a sua decomposição, mas também para alimentar os outros seres, – é isto que nós entendemos. E esse animal na sua essência, se for uma ave, as suas penas, a sua carne, seus ossos, tudo aquilo que faz parte dele tem destinos e tem elementos que vão efetivamente, desde adornos corporais, desde uma pele, vai ser compartilhada – de um desenho, a partir dos tambores, a partir dos engomas, e assim consecutivamente, como também alimentar o ser vivo que é a terra. Então, esse elemento faz parte dos nossos valores civilizatórios africanos. Diferente de uma situação normal desta sociedade, aonde coloca vários animais em supermercados e outros lugares, congelados, sem uma preparação, um destino, ou sem um entendimento de como foram sacralizados ou colocado o seu princípio ativo de uma forma desrespeitosa.

TATA EDSON, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



# POLÍTICAS PÚBLICAS



Comunidades Negras Rurais de Castro / PR

O BRASIL TEM SIM UMA  
DÍVIDA HISTÓRICA COM  
OS AFRO-DESCENDENTES  
E, SE AS POLÍTICAS  
PÚBLICAS NÃO TENTAREM  
"ABATER" ESSA DÍVIDA,  
É PORQUE ENQUANTO  
NAÇÃO CONTINUAREMOS  
MESQUINHOS.  
AMARILIATC, BELO  
HORIZONTE



Comunidade Quilombola Mesquita / GO



Centro Memorial de Matriz Africana 13 de Agosto / RS

POR QUE EU VEJO QUE É IMPORTANTE AS POLÍTICAS PÚBLICAS? Porque se os quilombos existem e nós estamos lá há 300, 400 anos, todos aí: são comunidades que estão identificadas, elas estão ali pela resistência de estar até hoje resistindo. Então quando eu vejo que as políticas públicas não chegam na ponta, naqueles quilombos, nessas comunidades porque falta interesse verdadeiramente de chegar até onde deve chegar e aí foi com aquele discurso: porque a saúde não chega, a internação hospitalar não chega, a energia não chega, o saneamento básico não chega, os nossos idosos morrendo sem ter acesso ao que é adequado, ao que é de merecimento. Então quando eu chego nesses quilombos e vejo o meu e vejo os demais, todos eles (...) eu fico me perguntando que diagnóstico é este que nós precisamos ainda provar através de diagnóstico, se nós conseguimos formar isso tudo que está aqui hoje. Então quando eu vejo esta falta de política, a preservação do meio ambiente... é avassalador. Então quando você vê isso, dizem assim: – ah, os quilombos existem, mas nós não sabemos quantos quilombos ainda existem ou porque que não existe, porque não se sabe. É só procurar, porque no mapa nós constamos, estão tudo aí, maravilhosas as políticas estão aí para os quilombolas e para os indígenas, e não chega pra nós, não chega pra nós. Então isso me dá uma angústia muito grande.

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



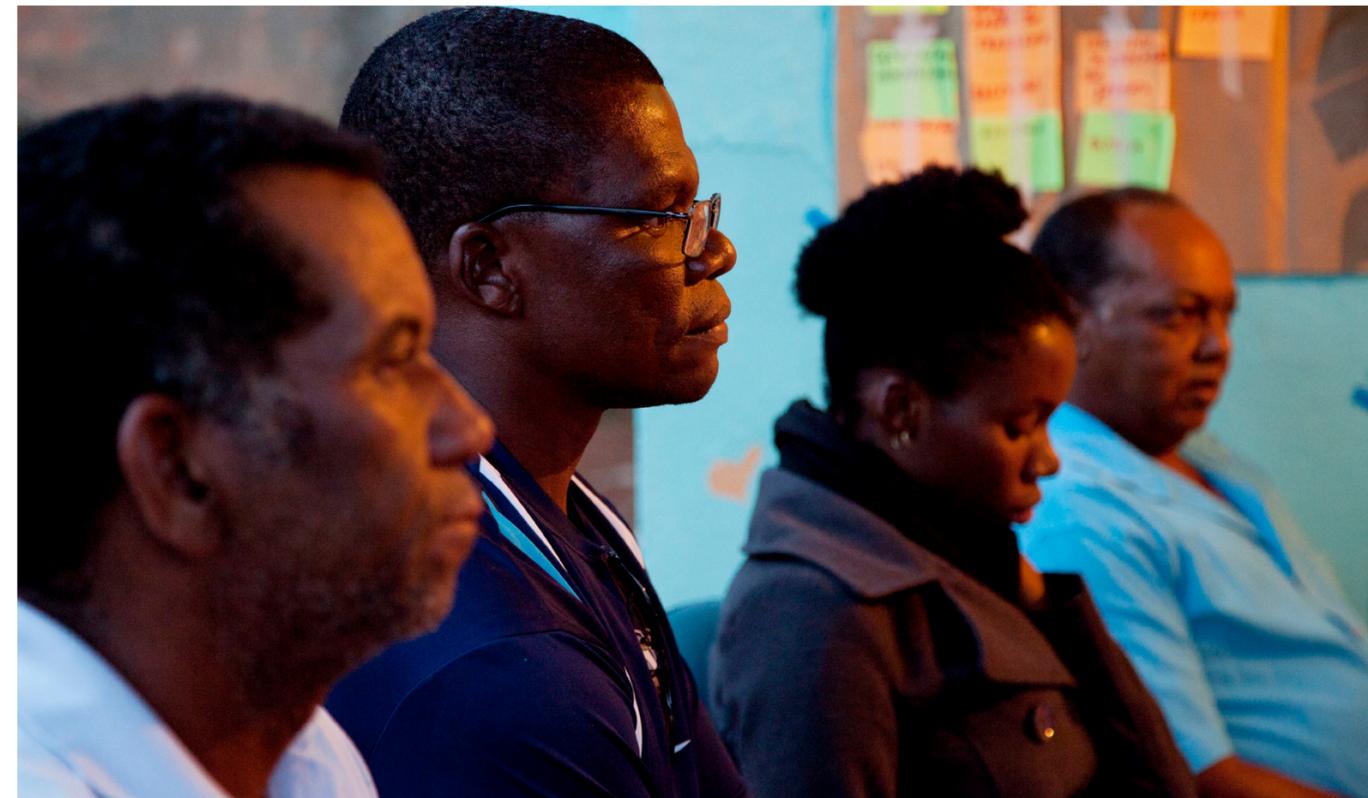
ÀS VEZES ATÉ SE ENCAMINHA PARA MÉDICO, quando se vê que não é da nossa alçada, porque não é médico, somos médicos de uma forma, não tem academia. Então, chegou muita gente aqui com problema psicológico, gerado pela sífilis, e dizendo que é macumba e eu tenho que ter muito cuidado. Indico fazer VDRL, que é um exame que detecta, eu não digo o que é, eu digo – “Vá no PSF (Posto de Saúde da Família) e depois você vem aqui, enquanto isso toma esses banhos porque está unido, o psicológico”. Eu não posso dizer: – “Você está com sífilis”, é um choque, então, eu não tenho esse direito de passar na frente do médico, mas aí eu encaminho. Aí quando ela volta, eu digo: “está vendo minha filha, isso aqui não foi espiritual, mas você está com o psicológico afetado, toma a medicação, vamos fazer uns banhos, uma limpeza”. Então, vai unir a medicina dos homens com a medicina ancestral, que é mais do que a psicológica, de apoio.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



COM A REDE DE MULHERES DE AXÉ IDENTIFICAMOS MUITOS PROBLEMAS das mulheres, por exemplo, senhoras de idade, com mais de cinquenta, sessenta anos que nunca tinham feito um exame ginecológico. Então muitas pessoas com problemas de hipertensão, muitos casos de HIV-Aids, pessoas querendo curar nos terreiros, querendo curar hanseníase, tomando garrafada, e às vezes por falta de informação, que o pai de santo não tinha. A gente começou a dizer, “pai, o senhor pode tratar com a sua forma, com a sua medicação do terreiro, com a sua garrafada, mas a pessoa precisa tomar medicação também, vamos conciliar uma coisa com a outra, não é que não possa tomar, mas vamos trabalhar junto?” E assim a gente começou o outro trabalho na área da saúde, da juventude com problemas do alcoolismo dentro dos terreiros, porque tinham uns caboclos, as entidades que bebiam muito e aí depois o jovem, como é que ficava a questão da matéria, do corpo? Então, a gente começou a fazer rodas de diálogo – qual era a compreensão que a pessoa tinha? Porque se você não cuida de si, do seu corpo, da sua alma, da sua saúde, como é que você vai cuidar do orixá?

PAI RONDINELE DOS SANTOS, ASPAJA - ASSOCIAÇÃO SANTUÁRIO SAGRADO PAI JOÃO DE ARUANDA / PI



Comunidade Quilombola Mesquita / GO

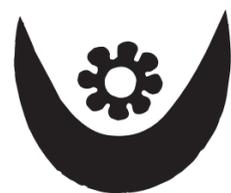
MEU NOME É GERALDO, NASCI AQUI NA COMUNIDADE DO PINHEIRO, até hoje estou aqui, saí de uma vez para a migração, migrando para o interior de São Paulo e também algumas vezes para a capital e migrei até 1983, 1987 é a última vez que eu migrei para São Paulo. Os primeiros anos que eu ia para São Paulo eram três, quatro meses, voltava, depois passavam cinco, seis meses, nas usinas de açúcar e (...) e até que chegou num ponto, mesmo problema que levou a parar, problema de saúde. Em 1988 eu adoeci, e quando foi ver era problema de chagas, a maioria é doença de chagas, que foi constatada pelos médicos. Aí eu não podia sair mais, não ia passar nos exames, não ia trabalhar nas indústrias, tivemos que aquietar aqui no lugar.

SR. GERALDO FERNANDES BARROSO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



AQUI FICA OS VELHOS QUE NÃO ESTÃO AGUENTANDO MAIS NADA, igual eu, eles não me aceitam lá mais. Tanto jovem quanto adulto, é ônibus e mais ônibus saindo todo dia. Aqui já tem um nome: é a terra das viúvas dos maridos vivos. Porque os homens estão lá e as coitadas das mulheres estão aqui. E hoje muitas mulheres estão migrando também, não só para o café, mas também para trabalhar de empregada doméstica. Tão indo pra lá em Ribeirão Preto, São Paulo e Belo Horizonte. E muitas das vezes deixam os filhos com os avós. Na minha comunidade tem três famílias que vão todo ano e as crianças pequenas ficam com os avós, ficam lá durante o ano, quando é no final do ano vêm, ficam ali dois, três meses e volta.

SR. GERALDO FERNANDES BARROSO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG





NAQUELA ÉPOCA NÃO EXISTIA APOSENTADORIA, SE ADOECIA tinha que comer o pão que o diabo amassou, como diz a história, porque não tinha recurso, assistente social não vinha nem falar, acho que não existia também. Hoje está essa chuva, pouca água. Podemos dizer tem que cavar cem, duzentos metros para poder pegar nela ou então, através da barraginha<sup>1</sup> e as caixas de prata de captar a água do telhado. Mas, a gente vê que a situação financeira melhorou, melhorou. Através de muita luta a gente está conseguindo algumas coisas, consegue projeto para construção de cisterna, você consegue projeto para a construção de barraginha. Porque se não fosse isso, a nossa comunidade do Pinheiro e várias outras vizinhas, não existia ninguém aqui mais não, poderia ter aí umas quatro ou cinco famílias.

SR. GERALDO FERNANDES BARROSO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG

DENTRO DO CANDOMBLÉ NÓS TRABALHAMOS TUDO, direitos humanos, respeito à mulher, saúde, segurança alimentar, nós trabalhamos tudo. Por quê? Porque nós temos uma diversidade dentro do terreiro a partir de filhos de santo, de pessoas que nos procuram, mas que procuram pela palavra, para uma limpeza, para um trabalho de cura, então a gente tem a diversidade não só dentro do candomblé. A gente trabalha porque é obrigado a trabalhar a diversidade. Tem que trabalhar direitos humanos, autoestima, a autoestima de uma grande maioria de afro-brasileiro, afrodescendente, afrorreligioso é muito baixa. Oxum foi uma grande rainha e eu descendo dela. Iemanjá foi uma grande rainha e por aí vai. Então a partir da mitologia do orixá se consegue trazer e levantar a cabeça dessas pessoas que andam à beira da marginalidade ou, quando não, dentro. Então levanta, tem uma filha de Omolu que está na situação de risco, a menina ainda adolescente e o terreiro através da sua ancestralidade, do respeito e da dignidade mostrando para ela quem é Omolu, o que foi Omolu – o senhor que traz a doença, mas traz a cura. Ela representa o sol, então a partir disto ela já está outra pessoa. Eu ouvi esse depoimento dela, ela bebia, ela vivia à beira de uma situação de risco muito grande e traz dignidade a partir de que ela se inicia e toma consciência de quão ela é importante.

MÃE LÚCIA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



ENTÃO ANTIGAMENTE ERA BOM EM ALGUNS PONTOS como eu disse e ruim em outros, porque não existia recurso financeiro, hoje está aí a falta de água, chuva é pouca e se não fosse, abaixo de Deus, não fosse esse programa do governo. Hoje está chegando o programa “Água para Todos” e aí já é mais ligado ao governo do estado, não tem essa burocracia que é aonde o semiárido legal não pode acontecer. Então, a gente está vendo que, da minha parte, hoje está melhor do que no passado. Hoje, como a gente já tem relatado, cada um tem o seu pedacinho de terra, apesar de ser das nossas comunidades quilombolas já ter (...) medição, aquele documento (...) relata o levantamento do território do quilombo e o povo está mais unido, mas é com muita luta e o recurso chegando mais do que chegava antes, do que aquele tempo que a gente era obrigado a trabalhar para um fazendeiro, a mulher com as crianças pequenas ficava ali sem saber o que fazer.

SR. GERALDO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG

ENTÃO HOJE A GENTE VIVE A QUESTÃO NOSSA DE LIMITAÇÃO AINDA DE ÁGUA, as pessoas usam água sem tratamento, vive numa situação precária; que não tem aposentadoria, são poucos os que têm, os mais velhos, os mais jovens trabalham serviço braçal, mas trabalham pra sobreviver, um trabalho para o outro; não existe um pequeno elo nosso, nossas pessoas, nossos quilombolas, não tem um pequeno agricultor que ele faça assim o seu trabalho, que ele sobreviva do trabalho dele, que ele venda e retorne pra ele. É tão grande a nossa área pra gente viver, pra haver uma troca, de repente trazer este alimento pra uma requisição de pequeno produtor das escolas, aderir aos programas, que a gente sabe que tem tanto programa do governo pra poder comprar essas coisas e pra merenda escolar, pra adesão.

ROZILDA CARDOSO, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR



UM PRIMEIRO PASSO QUE A GENTE CONSEGUIU FOI A QUESTÃO DA LUZ, que é o “Luz para Todos”, depois a gente foi começando a participar das coisas, por exemplo, ir em cursos de formação para os quilombolas, conseguia fazer uma caravana, pegava um grupo ou cinco, menos, ou três de cada comunidade levava pra os eventos, para as pessoas começarem a se reconhecer, a ver seus direitos, a ver um documento deste para matriz escolar, entendeu? Então a gente foi participando dos Conselhos municipais, estaduais, trazendo as pessoas para as conferências, começamos a tirar do nosso grupo mesmo. Lógico que é tudo muito limitado, porque tem que saber um pouquinho ler, às vezes a pessoa tem vergonha, não quer se expor; às vezes aquele que tem um pouco mais de condições ou tem filho, tem casa e não pode, fomos tentando incluir as pessoas, da melhor maneira possível, tentamos abranger mais pessoas para participar e conseguimos entrar em Conselhos de Saúde, Social, da Educação, entramos no Conselho de Segurança Alimentar. Quando tinha uma coisa de governo assim, por exemplo, a troca de geladeira, a troca de chuveiro, então assim eles mandavam pra gente; como era quilombola, tinha direito a receber; vinha aqui, fazia o cadastramento e tal. Foi mínimo, mas ... pra quem não tinha nada... Meu pai nunca teve a oportunidade de alcançar uma luz elétrica, de conhecer uma televisão dentro da casa dele, e hoje tem lá. Foram conquistas que pra nós temos há cinco anos, menos que cinco anos, quatro.

ROZILDA CARDOSO, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR



HOJE, PARA VOCÊS TEREM UMA IDEIA, NÓS ESTAMOS CARENTES de profissional médico, no município, pessoas sofrendo porque nós não temos o pessoal todo formado pra trabalhar, é tudo de fora, o básico que a gente forma no município é Assistente Social; algum, os filhos que tiveram herdado alguma coisa de alguém, são dentista ou alguma coisa assim neste nível, algum ou outro médico, os dois aqui na cidade não têm. Vão se formar pra fora, nós não temos faculdade aqui nesta área. Agora que tem o IMEC, que é particular, imagina, não tem faculdade pública, se quiser tem que ir pra outra cidade vizinha. Então assim, nós não temos formação dentro do município, precisamos de pessoas de fora e com mais informação e com mais pessoa se integrando. De repente, aí com mais conhecimento, quem sabe dos nossos futuramente não tenha um bom professor ou um bom médico ou o que a gente pode ser. Então veja a importância pra nós é esta informação, não só como quilombolas, mas como cidadão.

ROZILDA CARDOSO, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR

A GENTE TRABALHA PORQUE É OBRIGADO A TRABALHAR A DIVERSIDADE. TEM QUE TRABALHAR DIREITOS HUMANOS, AUTOESTIMA, A AUTOESTIMA DE UMA GRANDE MAIORIA DE AFRO-BRASILEIRO, AFRODESCENDENTE, AFRRORRELIGIOSO É MUITO BAIXA.

MÃE LÚCIA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB

André, Presidente da Associação dos Moradores (Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá / MG



1 As barraginhas resultam de um estudo técnico para construir pequenas barragens no rio, que funcionam como retenção e umedecedor do solo ao redor para o plantio. Minas Novas foi o primeiro município brasileiro a ter as barraginhas e existem seis mil barraginhas no município. Há também, atualmente, o programa das cisternas de placas.



Associação dos Moradores  
(Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá / MG)

ENTÃO, ESSA, COMO SE DIZ, É UM PROBLEMA QUE A GENTE ENFRENTOU e hoje acabou que de um ponto mudou, mas ficou pior porque fechou a escola (da comunidade) e a gente coloca as crianças, eu tenho um menino de quatro anos que já está em Minas Novas. Então é muito ruim, porque lá eles vão aprender com a cultura de lá, de Minas Novas, então eles esquecem tudo que a gente, da cultura da gente aqui do Macuco, não fala na questão daqui, da cultura daqui do Macuco. E para dizer também que é ruim porque a comunidade quando tem escola, a comunidade tem mais valor, é muito bom e agora que fechou, fica lá aquele, tirou as telhas, tudo, tirou tudo, fechou, a escola está lá desativada, não tem nada.

LENINHA, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



É TALVEZ, AQUI NO TRONCO TALVEZ AINDA FOSSE VANTAGEM, lá na Serra do Apon não é, porque é muito pouco. A demanda é enviar professor de todas as disciplinas e tudo seria muito pouco, não seria vantagem assim, o desperdício de dinheiro, não diria desperdício, mas a demanda seria muito alta, a despesa. Teria que ser uma sala muito seriada, não é viável.

PROFA. RIZALVA DE BARROS E SILVA, COLABORA COM AS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR



É MODERNO – E HOJE ELES NÃO ESTÃO CONSEGUINDO ENSINAR NA SALA DE AULA, porque a criança não o reconhece como autoridade como professor; ninguém quer ser mais professor porque é ameaçado pelas crianças, mas é porque a criança em casa chama a mãe de você, xinga os pais e os pais acham bonitinhos, e como dizia a minha avó o costume do cachimbo deixa a boca torta. E outra coisa, a família acha que o governo tem que educar os filhos. Educação se traz de casa, pobre, rico ou não, você traz de casa e independe da classe social. Eu tenho crianças de classe social alta, aqui eles são crianças, eles aqui não veem computador, televisão, eles brincam e eles nem sequer sentem falta. Os que são ricos dão os brinquedos eletrônicos para os pobres verem e ficam fantasiados com aquilo. Os pobres querem brincar de soltar pipa, botar o pé no chão, ver uma galinha de verdade, como eles disseram, isso aqui é uma galinha de verdade, então quer dizer que eles só viram no livro. Ele aprende a inventar a brincadeira pra passar o tempo, as crianças não sabem mais brincar com a roda, se eles não estiverem aqui dentro, não sabem pular amarelinha, não sabem brincar de passar o anel, nada disso existe mais na educação destas crianças de hoje. Era a base da infância, eu fecho

os olhos assim e vejo que foi tão forte na minha infância e não foi na sua? E eles não sabem o que é isso. Eles sabem ver o computador – aí o governo abriu uma precedência que eu achei maravilhosa que todos os pobres podem ter, pessoas mais simples possam ter computador. Com certeza aquilo tem que ser educado, a criança vai ter a hora, quer falar no Face, mas ele está ali principalmente pra mexer com uma ferramenta chamada computador. Que pode levar ele pra um universo, que pode ajudar em pesquisa de escola. Mas não basta dar o ponto digital, não basta que a direção não deixe se tornar um espaço de jogo, agressivos, que só passa jogos matando um ao outro e depois quer perguntar: – “Por que alguém está na escola e mata outro por acesso de loucura?”

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



NÓS TEMOS UM PROJETO INTITULADO “INCLUSÃO PELA ARTE NOS QUILOMBOS”, e nessas andanças de quilombo, um dia eu tava com uma camiseta de Zumbi, tava próximo ao 20 de Novembro. Nós fomos visitar e tinha um homem chegando lá, um senhorzinho falou assim, – “Olha, quem é este rapaz de camiseta? Aí eu falei: “Este é o Zumbi, um grande líder nosso”. “Você tem condições de trazer este rapaz aqui? Por que eu queria muito conhecer Zumbi, eu nunca ouvi falar de Zumbi”. E eu já estava com este projeto há uns cinco anos e me deu um baque, muito grande, pois eu tava achando assim, que nós estamos fazendo alguma coisa... Então quando ele fez esta pergunta, foi quando (...) no meu coração, deu um baque, porque eu disse – “Meu Deus, eu já to aqui há cinco anos e nós pelo projeto não fizemos nada ainda, vamos trabalhar dobrado a partir de amanhã”. O que a gente se deu conta é que lá, naquele quilombo, ninguém sabia da história do Zumbi, e aí nós preparamos uma cartilha, na época 12 mil, nós tivemos esta preocupação de levar nas escolas, levando por onde a gente passava e falando de Zumbi.

ISIS ALBUQUERQUE, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



NÓS TEMOS A PARCERIA DA REDE TERRA E COM A CONAB, que é do governo. Nós fizemos esta parceria que é do quilombo e hoje nós distribuimos toda a renda da comunidade, ou seja, tudo que se planta aqui se comercializa aqui, o agricultor não precisa sair pra vender em outro local e essa distribuição ela se dá pra merenda escolar, que é os 30% da agricultura familiar está indo para a merenda escolar e para as creches, escolas e instituições.

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



A GENTE TEM CONVERSADO E É PRECISO RETOMAR ISSO já, digo, com o novo governante municipal, depende muito disso, a gente já entrou na conversa, já tentamos até com a empresa de telefonia, sistemas de telefonia, um projeto. A área é muito extensa e tem muitos lugares por causa de acesso a médico, dificuldade de socorro, por tudo isso, não é só pelo acesso à internet e sim por dificuldade básica, a gente já tentou, mas ainda não encontramos um meio assim que o município. Eu queria que fosse mais abrangente, de repente, via rádio. Então, para isso, a gente precisa do apoio do governo. Então já é com todas, estadual, a Cremilda Santiago que é coordenadora das comunidades Quilombolas, ela tem me falado por telefone que a conversa agora desta secretaria tentando dialogar com todos os prefeitos pra retomar uma nova história.

ROZILDA CARDOSO, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR



Quilombo Costaneira Tronco

“QUERIA DIZER QUE PRA NOSSA CULTURA E PRA ESSA VISÃO DE MUNDO, 90% DOS ANIMAIS, TENDO O ABATE SACRO E CULTUADO DENTRO DESTA VISÃO DE MUNDO, ELE É PARA O ALIMENTO DO CONJUNTO DOS ATORES QUE VIVEM NAQUELE TERREIRO OU NO SEU ENTORNO, ALIMENTA SEU PRÓPRIO TERREIRO”

TATA EDSON, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS





Centro Memorial de Matriz Africana 13 de Agosto / RS

# PARTICIPAÇÃO POPULAR



“AH, MÃE LÚCIA BRIGA. MÃE LÚCIA NÃO CHAME PARA O EVENTO NÃO, porque ela é briguenta”, as pessoas falam assim. Eu não tenho medo de brigar, se me chamar já sabe que eu não vou falar miando não, eu falo é gritando, porque agora mesmo em Brasília eu disse – chega, aonde eu vou eu digo chega, eu sou descendente da escrava Anastácia, botaram uma mordaca de ferro na boca dela, na minha não vai botar, porque eu não vou envergonhar a minha ancestralidade, mesmo com o microfone eu falo gritando, eu falo contundentemente, porque tem que gritar. Nós, povo afro-brasileiro, não temos que baixar a cabeça, temos que gritar, eu não grito hoje com a chibata, se a chibata estivesse no meu corpo talvez eu não gritaria, – não sei, porque não levei –, então eu levo chibatada de outra forma, da intolerância religiosa eu levo, mas aí eu não me calo, eu vou com a lei. Eu tive que me empoderar. Eles dizem “a senhora é advogada?” e eu digo estou terminando meu curso, porque a gente tem que estudar, tem que ir para o doutor Google e ver as leis que nos ampara e tentar trabalhar essas leis para que o opressor e até a própria justiça, que fez a lei, faça ela ser cumprida. Quem faz a lei ser cumprida é o cidadão. Se tem a lei do idoso, eu estou numa fila, uma idosa está na fila, eu tiro ela e boto na frente, porque ela tem que fazer cumprir a lei, a lei é feita lá em Brasília e quem tem que fazer cumprir somos nós, cidadãos e cidadãs.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



EU ESTOU NO MEU TERREIRO E TIVE O PRAZER DE RECEBER muitos militantes do movimento negro e também africanos estiveram lá e Tatá Edson, que me chamou para eu assistir a reunião do Movimento Negro, e eu disse: não, eu vou arrumar um mungunzá, ou uma coisa pra servir pro pessoal... – Larga e vem aqui, – e eu fui, aí eu já gostava da história, enfim e aí eu assisti à reunião e fui indicada para compor um Fórum que chamou-se na época “FEAEN” – Fórum Estadual de Articulação de Entidades Negras, só que eu não fiquei só na composição, eu fiquei coordenando esse fórum e ali abriu uma escola pra mim. Este fórum era vinculado ao “CONEN”, que era a Coordenação Nacional de Entidades Negras, aonde abriu os espaços para que os debates ampliassem em outros estados; e aí eu comecei a participar enquanto coordenação nacional, passei a ser a coordenação nacional, da CONEN e ali foi a minha caminhada, depois já então enquanto coordenadora e lalorixá. E aí que eu digo que aqui no Sul, quando Mãe Vera assume a coordenação de um fórum de entidades negras e eu não era duas pessoas – lá no meu terreiro eu era a Mãe Vera e a Vera, e na coordenação também. Então ali ressurgiu e desponta a discussão através de um terreiro, eu sempre representei o “13 de Agosto”, ele é reconhecido nacionalmente, ficou no FNAEN. Depois quando foi construída a SEPIR<sup>1</sup>, eu fui convidada. O convite pra compor o Conselho da SEPIR, o CNPIR, na primeira gestão tinha que defender uma tese pra ver, fazer um programa de mandato da ministra Matilde Ribeiro, e uma das teses que eu fiz em relação à mulher de santo, na época, era esta a nomenclatura “Mulher de Terreiro”, e foi uma das aprovadas. Eu assumi a cadeira de Matriz Africana, no CNPIR. Eu fiquei na primeira gestão de quatro anos e isso pra nós foi uma universidade, uma militância, pois aprimora, abre os horizontes daquela ideia e daquele princípio que estava sufocado lá, por todo o modelo

1 SEPIR: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.



Comunidade Quilombola Mesquita / GO

da civilização que se tem, por toda opressão que se passou. Aquilo começou a aflorar e eu voltei para Porto Alegre com algumas tarefas, que era implementar o CNPIR aqui; e quando na I Conferência de Igualdade Racial, traz a demanda da cesta de alimentos para os estados, e eu, por ser conselheira e morar no Rio Grande do Sul, trouxe a tarefa e ali então eu disse – cheguei em Porto Alegre com 800 cestas, como eu vou fazer para entregar, não posso fazer um assistencialismo de dar uma ficha de 1 a 800 e entregar a cesta. Então pensei: o único espaço de debate democrático e que pode ter uma contrapartida dos terreiros é um fórum. Então eu mudei o FEAN para ser o FORMA, que é o “Fórum de Religiões de Matriz Africana” e que fez oito anos. E então nasce o Fórum e a partir de 2011, já no governo Dilma, nós fizemos uma Conferência de Comunidades Tradicionais, em Vitória-ES, e lá nasce a ideia de fazer um “Fórum Nacional de Povo de Tradições de Matriz Africana”, e ele vem se organizando. Quando chega na Conferência Nacional de Segurança Alimentar, que foi em Salvador – BA, o então presidente Renato Maluf, homologa e acata a ideia do fórum nacional, que aí ficou “Fonsanpot”, como sigla, hoje “Fonsanpotema” por causa das tradições de matriz africana. E então foram essas as andanças que eu fiz em nível de movimento, dá para perceber que sempre foi voltada a essa visão de mundo, que é a que eu me identifico e que é minha essência. E hoje estou na Coordenação de Mulheres do Fórum Fonsanpotema, e nesse meio tempo também o 13 de Agosto, lá na primeira gestão da ministra Matilde Ribeiro, construiu o Conselho Nacional de Asês, a cadeira que ocupou no Conselho Nacional de Asês e Egedes Negras. Hoje eu faço parte do Conselho do CONSEA, titular, do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e do CODENE, que é Conselho do Negro, no estado do Rio Grande do Sul. E também agora, em 2011, nesta última gestão do governo Tarso, nós construímos um comitê organizador, primeiro no Brasil, o comitê institucional, que vai ter sua sede, para trabalhar a questão dos direitos humanos, as questões desta visão de mundo, da intolerância, do resgate junto ao governo do estado.

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



O PROJETO DE ARUANDA, QUE ERA DE CESTAS BÁSICAS NOS TERREIROS, eram cinco terreiros. Nós trabalhamos durante três anos com cinco terreiros, depois com noventa e um terreiros, em vinte e três municípios do Estado do Piauí. E aí a gente teve o (Consórcio Social) da Juventude, do governo federal, onde trabalhamos com mais ou menos vinte instituições – é como se fosse o primeiro emprego, vários cursos de capacitação, de fotografia, filmagem, computação, montagem, manutenção de computadores, pintura, entre outros cursos. E a partir desses cursos, a juventude que também era muita juventude de terreiro, a gente começou a trabalhar a Rede Municipal de Juventude de Terreiro. Enquanto rede no Estado, comecei a fazer esse trabalho de conhecer os terreiros, chamando para conversar e apresentar a proposta nacional e a participar de formações nacionais da SEPIIR, do MinC, de outros grupos, da Unesco, do Instituto Abreu, do próprio Morhan, organizando a rede de terreiros aqui e qual foi a grande conquista? Uma delas foi quando criou essa Coordenadoria Estadual de Direitos Humanos de Juventude, junto ao governador. Outra foi realizar o nosso I Encontro Estadual pra conhecer todo mundo e depois o II e o III Encontros. Depois veio a conquista das casas habitacionais. Foram 2.500 casas que nós pactuamos quando o Ministro esteve aqui e a gente chegou dizendo que nossas comunidades de terreiro, a maioria estava com oito até mais de dez famílias morando na mesma casa, e às vezes era um terreiro muito pequeno. E comprovou isso no mapeamento. E a partir daí foi contemplado em cotas, em cada etapa que entrasse tinha direito a quinhentas casas e

nós ficamos responsáveis pelas inscrições do pessoal. E a gente conseguiu essas duas mil casas. Depois, nós conseguimos também apresentar na câmara de vereadores a isenção do IPTU e de tributos para as comunidades de terreiros, foi apresentado e aprovado, agora só faltava o prefeito sancionar. A nossa intenção também foi apresentar o projeto de titularização dos terreiros, que geralmente aqui ficam no fundo do quintal, fica na mesma casa (...) tinha um projeto de que a água, a luz do terreiro tivesse 50% de desconto. Mas para isso só se fosse o local do terreiro, que ia apresentar o diagnóstico do mapeamento. Mas tinha de funcionar só o terreiro. E aí, outra conquista foi quando a gente apresentou na gestão, a qual eu estive à frente, a questão do projeto de aposentadoria dos sacerdotes. Já existe isso, mas como é que se daria isso para os sacerdotes?

PAI RONDINELE DOS SANTOS, ASPAJA – ASSOCIAÇÃO SANTUÁRIO SAGRADO PAI JOÃO DE ARUANDA / PI



A ACIYOMI, ELA NASCEU FOI ASSIM, FOI A NECESSIDADE, a história de minha mãe Oxum. Uma coisa mais direta, mais objetiva, aqui quando eu abri a porta, hoje em dia aqui tá bem melhor, eu tinha o hábito de às seis horas, seis e meia, e eu via uns meninos aí na rua. E um bocado deles já morreram, viraram bandidos, enfim, e nesse tempo meus filhos já tinham ido embora – eu tive filhos cedo, então cedo eu me desocupeei também – e eu pensei assim: “Ai, meu Deus, eu não estou fazendo nada” e quando eu olhei, aí eu olhei e falei “a gente precisa fazer alguma coisa”. Com uma vizinha, de tanto a gente conversar, pensei em fazer até creche pensei em (...) mas só pra trazer aqui essas crianças e estas histórias. Então nisso a gente começa a procurar e veio também, antes da rede, o rapaz do MOPS – Movimento Popular de Saúde e me convidou: – Mãe Nalva, vem participar do MOPS, e também da ANEPS – Articulação Nacional de Saúde da Rede... E eu comecei assim. Nisso veio o projeto Atoirê. Essas histórias foi na rede, quando o projeto se solidificou e ficou mesmo forte, minhas amigas disseram: – “Mãe, a senhora tem que transformar em associação, ter oficina, ter CNPJ, essa coisa “OSCIP”. Por conta de que precisa ter ajuda, porque vocês fazem o seu trabalho e não têm nada”. É que a gente já fazia o trabalho de saúde, encontros de saúde aqui, palestra e tal; e nisso já tinha a Aciyomi, que começou com saúde mesmo.

MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



COM ISSO GEROU OUTRAS OPORTUNIDADES E A GENTE FOI VENDENDO mesmo com o povo da comunidade e assim vai atrás e não se limitou só a saúde, a comunidade está precisando disso e quer isso, e tem nós vamos atrás.

EKÉDI RITA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



NÓS AQUI, QUANDO VEIO AS CESTAS DE ALIMENTOS, QUE NÓS CONSEGUIMOS pelo Fome Zero, nós fizemos um questionário, aplicamos, escolhemos, mapeamos mesmo, fizemos um mapa no entorno até onde cabia, o quantitativo de cestas e nós fizemos um mapeamento. E este questionário tinha, e tem até hoje guardado, o perfil socioeconômico mesmo da área, da casa: como era, o velho, o novo, crianças, quantos que recebem, se tem força biológica – é um questionário bem amplo e neste meio a gente pergunta o que queriam que a Associação oferecesse pra comunidade, que foi assim uma coisa interessante que o que eles pediram foi aula de informática, e puxa vida! Uma

Ilê Iyaba Omi Aciyomi / PA



coisa tão mais, naquela época tava uma coisa assim bem distante da nossa realidade, o computador era uma coisa de luxo e aí não demorou tanto e veio este projeto; quer dizer, demorou, mas quando a gente se animou e já está aí todo esse tempo com este projeto e não saiu da gaveta, esta gravidez ainda está na barriga, o Telecentro. E está aí encapado as mesas, com as cadeiras embaixo, computadores guardados porque falta a antena, mas a comunidade pediu isso, mas aí a gente acabou trazendo. Depois nós fomos descobrir que aqui o bairro da “Terra Firme” é um dos maiores focos de tuberculose e da hanseníase, o bairro é o foco maior aqui, pelo menos era... Aí procuramos a coordenação estadual, que veio e fez um trabalho com a comunidade e nós procuramos nos aproximar da unidade básica de saúde daqui de “Terra Firme” e eles responderam; e começamos a fazer um trabalho junto e teve a vacina de hepatite, e outras coisas assim e o pessoal da SESCO respondeu também pra gente, vindo fazer todos esses testes, e também nós tentamos fazer a campanha da aids, que é todo ano, palestra e o teste.

MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



ÁREA DE ATUAÇÃO FICA DIFÍCIL DIZER, PORQUE SÃO TANTAS E TÃO VARIADAS, dentro da tradição de matriz africana, e a cultura negra de um modo geral, espaços de Conselho de Cultura, vários Conselhos que nós estamos aí presentes, atuando, acho que é basicamente isso. Começou com aquilo que nós tínhamos que era da tradição, que era Dança-Afro que as minhas filhas dão, qualquer uma das minhas filhas dão, qualquer uma das três nasceram dentro, então cantam, tocam, faz qualquer coisa dentro da tradição, percussão, capoeira, que eu sempre tive próximo, sempre teve gente que frequenta aqui, capoeirista, tudo de forma voluntária. E capoeira foi sempre um carro-chefe pra agregar comunidade. Mas começa basicamente com estas, aí já bem mais pra frente, coisa de uns 15 anos, entra hip-hop, porque era essa rádio antes “Periferia Norte”. Aí fizemos uma parceria e a rádio veio pra cá e incorporamos uma programação mais extensa e eles continuaram fazendo programação de hip-hop, mas aí começaram a fazer de mulher negra, de capoeira, fizemos uma programação toda voltada pra cultura negra, em geral o dia todo, à noite e o debate. E montamos o projeto, acho que está no 18º ano, chama “Rapolitizando a Periferia”, não sei se ouviu falar, que é a conexão, eu fiz aqui com Deckster, com o Hamilton, o Alê, que é um ativista lá de Salvador, e o Gogui, transmitido pela rádio, ao vivo, junta os manos, e no final eles fazem um show e vira aquela festa, já trouxemos aquelas meninas do hip-hop mulher, foi uma opção e discutir: cultura, sexismo, machismo, homofobia, que os manos eram homofóbicos pra caramba... e aí não tem mano gay, aí? Deve ter... para com isso... Mas a discussão no começo nesta época aí, que o hip-hop era muito mais politizado com enfrentamento, hoje é mais politizado em outras questões e quase todo hip-hop nacional já passou por aqui.

PAI PAULO C. DE OLIVEIRA, CENTRO CULTURAL ORÜNMLÁ / SP



QUANDO EU CRIEI TUDO ISSO, EU CRIEI UM SÍMBOLO que o símbolo da matriz é aquele monte de mãozinhas, mãozinha clara com mãozinha preta porque eu acredito muito nesta coisa de dar as mãos. E a intenção era isso, é o Matrizes que faz geração de renda, Matrizes que fazem cultura, e o Matrizes vem por causa das matrizes africanas mesmo: o que as matrizes africanas fazem? É o Matrizes que faz educação, que faz ponto digital, é o Matrizes que faz a leitura, entendeu? Quer dizer, quando eu criei este nome Matrizes, é porque eu sempre sonhei com as matrizes africanas, desenvolvendo o

“NÃO IMPORTA NO QUE EU ACREDITO, NÃO IMPORTA SE ELLES ACHAM QUE É CERTO OU ERRADO, SE É BONITO OU FEIO, IMPORTA É QUE ESTA FÉ ME ESTIMULOU A HOJE ESTAR FAZENDO UMA LUTA POLÍTICA E SOCIAL, A PONTO DE SER CANDIDATA, EU FUI CANDIDATA COM UMA BANDEIRA QUE ERA DE DIZER QUE O MUNDO COM TOLERÂNCIA ERA POSSÍVEL”

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS

que elas já fazem na prática, mas elas se percebendo que isso tudo tem um valor, além do que a gente faz no terreiro, que isto precisa ser exposto.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMI DAYE ASE OBALAYO / RJ



EU NASCI E ME CRIEI DENTRO DO RIO GRANDE DO SUL, e é um estado bem racista e eu quero que todos ouçam isso, porque meu estado tem que ter vergonha de ser racista, tem que abolir com o racismo, tem que abolir com a intolerância, porque se o Brasil assumiu que é um estado “laico”, ele realmente tem que ser laico pra brancos e negros, pra negros e não negros. Cada um tem a fé que tem, eu aprendi que cada um tem o seu, cada um tem a sua fé, eu quero respeitar a do próximo, mas eu exijo que o próximo respeite a minha. Não importa no que eu acredito, não importa se eles acham que é certo ou errado, se é bonito ou feio, importa é que esta fé me estimulou a hoje estar fazendo uma luta política e social, a ponto de ser candidata, eu fui candidata com uma bandeira que era de dizer que o mundo com tolerância era possível. Há 20 anos atrás, era muito difícil porque as pessoas olhavam, riam, outros pareciam que estavam passando do lado de um “ET”, ou qualquer coisa horrorosa e isso foi uma luta, mas aos poucos nós fomos juntando 1+1, +1. Construímos um primeiro grupo, eram todas lãs, ou iniciadas, eram mulheres negras que vinham do morro, então nós nos juntamos e o primeiro lugar a sermos aceitas foi no carnaval. Então nós fomos primeiro um grupo de baianas independentes – éramos 85 mulheres, negras e todas do Axé. E isso se chamou “Clube de Baianas Independentes”, quando começou a sair pra rua e dali passou o carnaval, eram três dias e depois do carnaval a gente fazia o “chazinho” no terreiro de uma, no terreiro da outra e manteve aquele grupo ali. E a partir de então começamos a fazer formação, primeiro entre nós, a falar da própria maneira de fazer os nossos axés, nossos ebós, depois começamos a pensar que deveríamos usar roupas parecidas na rua e aí fomos fortalecendo aquela identidade, começamos a ser convidadas a participar de outros debates em nível de Movimento Negro, fomos amadurecendo a ideia e hoje estamos aí com o Fórum, construímos um “Conselho Nacional de Asês”. Claro que há muitos anos atrás ainda éramos vistas como as religiosas, e isso tudo é um avanço, é uma construção, a gente vai se achando enquanto identidade e abrindo portas, quebrando muralha, quebrando barreira, porque até um tempo atrás a gente era o bolinho da festa, bota a saia de armação, bem bonito e vem, e era hora de bater palma, hora de levantar, “papagaio de pirata”, hoje não somos mais. Hoje a gente já tem uma discussão, uma identidade própria, a gente tem uma perspectiva, a gente faz uma política propositiva.

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



NÃO TEM RELIGIÃO MAIS POLÍTICA QUE A MINHA, desde pequenininho você aprende a fazer política, você aprende quem é o senhor, quem é o mais velho, quem é o bonzinho, quem é o mau, quem tem paciência e quem não tem, qual é o que tem mais acesso à mãe de santo, como é que eu vou chegar nela. Isso é fazer política, não é? Aí você vai falar de política com o pai de santo, ele vai falar: – “Não quero falar de política”... Como não quer falar de política, se não tem ninguém que sabe fazer mais de política do que nós? Você só tem que entender que esta atitude dele é política. Agora tem que ter um grupo de boa vontade como eu, que vá conversar com eles, alcançar, e quando ele está bem moldado ele vai e replica a ideia para mais meia dúzia. Só que o tempo tá correndo contra a gente.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMI DAYE ASE OBALAYO / RJ



Fotos: Centro Memorial de Matriz Africana 13 de Agosto / RS



# CULTURA



Foto pág. 86:  
Comunidades  
Negras Rurais  
de castro / PR  
pág. 87:  
Centro Cultural  
Orùnmilá / SP

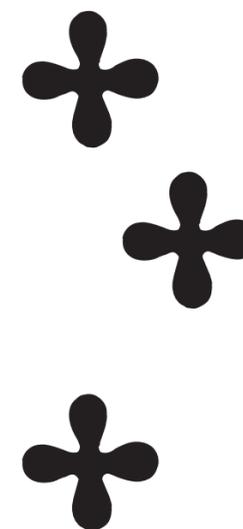
ISSO NUNCA SE MISTUROU AQUI DENTRO, NUNCA HOUE PROSELITISMO, entendeu, dali de dentro tem dois que são de terreiro e dois que não são. 90% das músicas que os meninos compõem e produzem, é, têm alguma coisa a ver, lógico que existe uma influência, mas não há nenhuma vinculação entre uma coisa e outra. Os Povos Tradicionais de Matriz Africana felizmente estão se tornando atores políticos numa outra arena pra além da resistência cultural, eu acho que este é o novo dado. Eu acredito que nos próximos cinco anos este será o Movimento Negro no Brasil, porque isso que a gente tem visto do Movimento Negro tradicional, a pauta está vencida, com erros ou acertos, tudo que foi proposto é cotas, é o Estatuto da Igualdade Racial, embora não seja Estatuto que nós queríamos, mas eles mesmos que aprovaram e forçaram a barra pra ser aprovado, tá aí. A grande demanda hoje vem exatamente desse segmento da população negra que manteve uma África viva neste país, que hoje estão reivindicando direitos e políticas públicas que nunca foram contemplados.

PAI PAULO C. DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



NÓS DIZÍAMOS QUE NA ÁFRICA NÃO EXISTE NENHUM PAÍS ou nenhuma estrutura que chama "terreiro" – essa questão é oriunda do processo da escravidão, ela se deu no Brasil, ela é uma resistência aqui. Então, se eu for lhe dizer, a articulação política ela nasce em todas estas esferas, a nossa presença – e isso é muito importante para nós – é que você tem que sair de um ponto e sair de dentro do terreiro. Então, hoje o que nós dizemos, o que é Povos Tradicionais de Matriz Africana, que alguma época as pessoas chamavam de "Povo de Terreiro". Agora, esta resistência ela pode ser pensada e organizada a partir de ser o "embrião da resistência", e pode ser formada uma nova opinião, como um grande consulado desses povos – esta é a grande expectativa futura.

TATA EDSON, OSASCO, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS





EU SEMPRE SOUBE QUE FAZER CULTURA, QUANDO SE CRIAVA UM AXÉ, um terreiro, casa de Orixás, uma roça, sabia que ia ter problemas políticos. Sabia que para resistir aquilo além da religiosidade, tinha que ter uma adição, que ao mesmo tempo seja cultural e política, que diga Mãe Ciata, Mãe Ciata de Oxum, uma casa belíssima, tem um livro bastante interessante, que chama *A Magia dos Invencíveis*. Enquanto um Centro Cultural que luta pela preservação e emancipação da cultura negra. Preservação no sentido tradicional da palavra, mas criar e recriar e acompanhar o desenvolvimento contemporâneo. O Centro que é eminentemente político porque é cultural, essa concepção de cultura, as pessoas dizem, e eu acredito que é do Gandhi, de fato o Gandhi tentou falar isso.

PROF. SILAS NOGUEIRA, CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



A PARTIR DO MEU TERREIRO, HÁ UM BOM TEMPO ATRÁS, a gente não pensava, não tinha consciência, vamos dizer assim do real papel que, para além da fé, nós praticávamos através de ações. Hoje a gente tem um outro olhar e nós temos um papel a cumprir, e foi com este pensamento, com este raciocínio que a gente começou a conversar com outras pessoas que também já tinham este pensamento e eu decidi a sair pra rua, enquanto dirigente de terreiro. Enquanto representante desta visão de mundo, reconhecida como religião de matriz africana e começar a brigar com o olhar discriminador da sociedade. E entender que nós superamos a questão da religião, a partir do momento em que nós começamos a botar a cara no mundo e dizer pra este mundo e pra essa sociedade: que nós existimos, o que nós pensamos e que nós temos um valor civilizatório, que é o único que eu acho que poderá realmente fazer a mudança real que essa sociedade brasileira precisa. Ali dentro do meu terreiro, e acredito que em todos os terreiros, nós sentimos a falta e a dívida que este país, esta civilização, esse sistema eurocêntrico ocidental fez com o nosso povo. Porque nós temos uma origem oriental com outros valores civilizatórios. Então esse período de adaptação que não passou, eu me sinto no direito e no dever de dizer isso. Eu não acredito que isto tenha passado, acho que nós avançamos sim com muita luta, com muito suor, com muito estresse entre nós mesmos, porque uma das coisas é que este modo globalizado hoje, mas também num passado, este passado aonde foi plantado essa desigualdade tão grande. Eu diria que começou a discussão mesmo de terreiro, de legitimidade, de identidade, a tirar o terreiro só do centro, só da religião, que parecia que ele queria competir, era uma religião excomungada, uma religião que tinha que ser escondida, que não professava o bem, que tinha o poder de matar, uma religião que tinha o poder de enfeitiçar, uma religião mágica que tinha todos esses poderes e era vista como danosa. Eu, até em respeito aos meus antepassados, penso que muitas falácias que tiveram naquelas décadas passadas por uma questão de proteção, então muitos dogmas que foram criados aqui no Batuque.

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS

“ALI DENTRO DO MEU TERREIRO, E ACREDITO QUE EM TODOS OS TERREIROS, NÓS SENTIMOS A FALTA E A DÍVIDA QUE ESTE PAÍS, ESTA CIVILIZAÇÃO, ESSE SISTEMA EUROCÊNTRICO OCIDENTAL FEZ COM O NOSSO POVO. PORQUE NÓS TEMOS UMA ORIGEM ORIENTAL COM OUTROS VALORES CIVILIZATÓRIOS”

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



Quilombo Costaneira Tronco

DA HORA QUE EU IDENTIFICO ISSO AQUI COMO UM CENTRO CULTURAL, eu levei 15 anos pra conseguir passar num projeto tendo sustentado com o meu grupo, mas nenhum contrato, se eu não fosse Mãe Márcia de Oxum, se não fosse o estatuto do terreiro. Por isso eu tive que primeiro mostrar um trabalho muito grande para que politicamente os políticos reconhecessem isso, e fizessem emenda parlamentar para ajudar, porque viu o número de grupos de pessoas que a gente junta aqui. Então meu grande esforço é pra isso, eu casei, tenho minha única filha Aretuza, eu realizei o primeiro casamento com legitimidade civil no terreiro, ela casou realmente com livro legalizado e registrado do terreiro, quem sancionou o casamento fui eu, não veio juiz de paz, não veio nada disso. Reconheceu no cartório, tudo direitinho, reconheceu a certidão do casamento, e o livro, a página da certidão dela foi retirada do livro. Então, por exemplo, muitas pessoas já casavam na religião, mas assim o juiz vai lá e faz a parte dele e o cartório faz a parte dele e o livro não é como na igreja cristã, nem católica e nem protestante, faz só a celebração. O que nos mantém com a garantia de um templo religioso e com a identidade, também, porque se eu viro um Centro Cultural hoje você estaria aqui dentro de um Centro Cultural e não dentro de um terreiro; sendo que na segunda instância o terreiro desenvolve, dentro do próprio estatuto, educação, meio ambiente, esporte, todas as outras coisas que nós compreendemos que o terreiro pode fazer. Então você não perde a sua característica principal porque o IBGE vai lá e fala quem é de Axé, diz quem é de Axé, a gente faz essa campanha. Quando o IBGE vai no terreiro diz: – “É um instituto cultural, é um centro cultural” – aí ele vai botar lá centro cultural. Chega no IBGE, quantos terreiros têm? Nós somos 3%. Nós temos que repensar. Os grandes pensadores da nossa cultura, da nossa religião, que têm pós-graduação, que são doutores, têm que repensar, porque cada passo deste que nós damos, andamos para trás, regredimos. Mas o maior prazer que eu tive foi assinar isso enquanto terreiro; não tem nenhum sentido pra eu lutar por uma dessas causas se não for para que o terreiro seja reconhecido pelo trabalho que ele faz de fato e de direito. Porque me dizer que reconhece só de fato, não me basta, eu sei que todas as autoridades reconhecem o trabalho que os terreiros fazem, mas por que nós não vamos ter o direito de ser reconhecido?

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMI DAYE ASE OBALAYO / RJ





# DIREITO DA TERRA

ESTRATEGICAMENTE, OS NOSSOS ANTEPASSADOS FORAM SÁBIOS DEMAIS, porque aquilo que era ruim no passado pra muitos, mas pra eles era um ponto de estratégia e eles escolhiam o lugar. Só que na maioria dos quilombos com água, com a preservação, que tinha que ter a reserva, tinha que ter a mata, tinha que dar a terra pra plantar. A sobrevivência, eles tinham que ter algo pra plantar, pra colher.

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



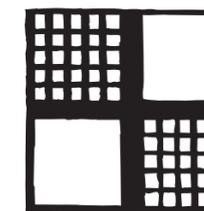
OS ANTIGOS NÃO, OS ANTIGOS DEIXARAM A TERRA AÍ SEM VENDER, agora de uns tempos pra cá, os mais novos é quem vendeu, venda para os holandeses, foi ditado lá... que foi quem vendeu era meu pai porque bebia, meu pai era bêbado, eles esperavam sair bêbado primeiro, via os que estavam bêbado e falava que queria comprar a terra e aí vendia, então eles vendiam bêbados e ninguém sabia por quanto eles vendiam, eles não contavam pra ninguém e nem por quanto. Às vezes vendia um pouco e outro bastante e estão tudo empilhado aqui, num pedacinho pequeno por causa disso, e não saiu documento nenhum por sorte, não saiu nada, sabe por causa do quê, quando meu pai vendeu a terra o pai (...) morreu, sabe, e daí ficou sem fazer documento, ainda bem, por sorte, ele morreu e não saiu o documento feito, aí veio um holandês aqui pra eu assinar e eu não assinei. Agora, no projeto que tá, diz que agora vai ser, eles vão ser indenizados e entregar a terra pra nós, vai ser indenizado e vai ter que entregar outra terra, vai ser indenizado quem tiver aqui que não for dos parentes, vai ser indenizado e vai ter que entregar a terra. Pois o benefício que ia sair pra comunidade aqui, era um dinheiro que saiu pras comunidades, mas aqui ninguém pegou, não chegou aqui este dinheiro, nenhum, saiu até advogado neste dinheiro e ninguém pegou.

DONA VANIR RODRIGUES DOS SANTOS, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR

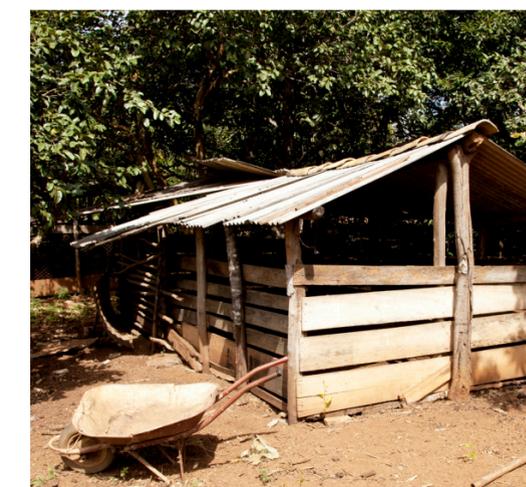


HOJE, POR EXEMPLO, NO CASO NOSSO AÍ TEM A SUA DIFERENÇA, assim muita gente fica assim, preocupado, por exemplo, ele não entra e não mora, não é do sangue dos quilombolas. Mas se ele no caso, por exemplo, se ele no caso casou com uma menina que é quilombola, ele passa a ter o mesmo direito que a minha filha tem aqui, dentro da comunidade. Se, por exemplo, a moça de fora casar com rapaz aqui, com filho meu, por exemplo, que é quilombola e ela não é, ela continua sendo, fazendo parte do quilombo, quilombola porque ela entrou na origem, entrou na família e não tem discriminação e aí muitos dizem assim: "Mas eu não sou quilombola, eu vim da Bahia, eu vim de um estado tal". Não, não tem nada a ver, eu digo: - "Lá você casou na documentação, já mudou alguma coisa nela, então cuida dela pra você fazer o casamento. Então no que você mudou, você tem um certificado, um registro que você more aqui no quilombo, então você já faz parte do quilombo". Então a gente tá brigando esse esclarecimento pra mostrar pra muita gente que ainda não conscientizou, ainda, que tem que ser desta maneira, mas é muito importante. Se ela separou, ela não quis o convívio com ele porque ela não está mais interessada naquilo ali. E se ela, por exemplo, no caso a parte da terra ficasse pra ela, vai vir outro lá de fora que não tem nada a ver. Então isso é que a pessoa tem que ter uma noçãozinha um pouco, tem o conhecimento e uma explicação por isso, se ela está com ele ou enquanto ela tá com ele o direito existe a ela, agora, a partir do momento que ela separou, vai ter direito os filhos dele, porque não pode ser mais vivido, aquilo ali é de geração pra geração, entendeu. Aí, no caso, se ela arrumar um outro, um outro pé de chinelo e ela ali vai já querer e chegar e mandar e vai mudar a estrutura.

SR. JOÃO ANTONIO PEREIRA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



Fotos págs. 90 e 91:  
Comunidade Quilombola Mesquita / GO

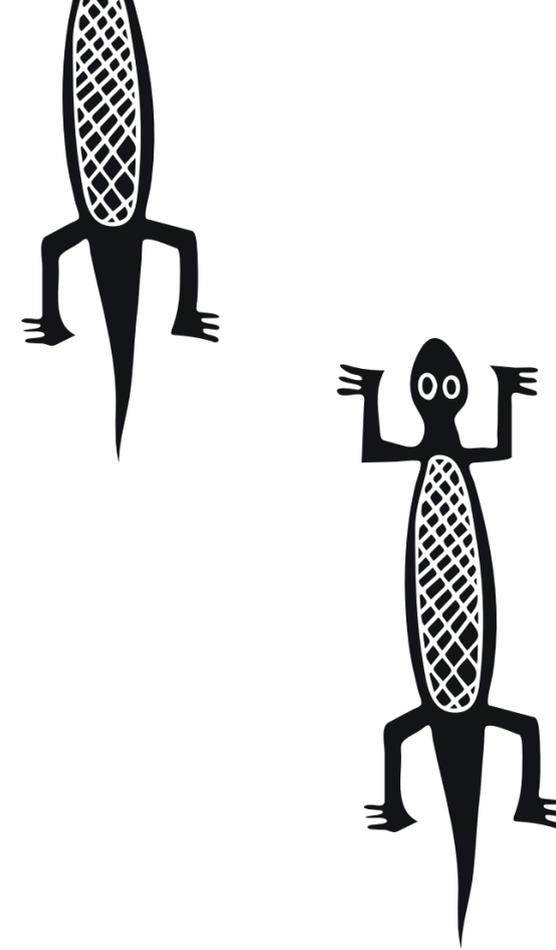


Comunidade Quilombola Mesquita / GO



**“ COM AS TRÊS ESCRAVAS INICIOU  
O MESQUITA QUE CONHECEMOS ”**

REGISTRO OFICIAL  
DO QUILOMBO



É SÓ UMA SÍNTESE ASSIM A IMPORTÂNCIA QUE EU VI de que todo mundo se falava que é um quilombo, é um quilombo, e na história da família já se sabia que aquilo era um quilombo, mas não bastava ser só um quilombo, era preciso mais, muito mais, era buscar o reconhecimento, ou seja, o registro oficial do quilombo, pra ter direito a essas políticas públicas e se ter um documento. Porque se falava, mas não tinha um documento, e aí nós então fundamos esta associação, que precisava ter uma organização na comunidade, porque a que tinha aqui era uma associação que não era pelos quilombolas, era uma associação que outros comandavam e aí a gente tinha que referenciar os quilombolas, de um ente que os quilombolas pudessem ser representados, legalmente falando. E aí nós buscamos o registro oficial dos quilombos, demos entrada em 2002, em 2003 na verdade que é que foi justamente quando o presidente Lula assumiu, e daí pra cá nós tivemos um reconhecimento, pedimos, e em 2006 saiu o reconhecimento oficial da comunidade, diz aqui 9 de maio de 2006, leva tempo. Tem que ter o tempo de organização, também da comunidade. Porque depois desse reconhecimento vem uma longa trajetória de reconhecimento, levantamento territorial, levantamento de quantas famílias, tem uma história que se levantou (...) que hoje tem já o TRTD da comunidade. Hoje já se tem a delimitação do território, então assim são passos que nós só conquistamos depois deste reconhecimento, e pra demarcação é necessário tudo isso aqui primeiro – quantos quilombolas, o limite da área, quantas famílias existem aqui, quantas famílias, quantos jovens, quantas crianças, é importante ter este registro. E quando se diz assim: – “Ah, mas por que que quilombola quer terra, por que tanta terra para os quilombolas?” Ao contrário, se realmente você for avaliar as fazendas que têm aqui por este Brasil, então assim, é muito pouco para os quilombolas realmente ter uma vida digna, plantar, ter acesso às políticas públicas, precisa muito... Depois do reconhecimento é um



passo agora que vai se trabalhar pra demarcar, titulação, aí este processo de desapropriação com os não quilombolas, pra que todos os quilombolas possam ter o seu espaço de direito, e os que estão retornando, também os que estão fora e que querem retornar, que estão aí já no processo e que é um direito deles também. Mas, paralelo a isso, a gente já tem conquistas, então já tem que celebrar as conquistas, conquistas de intercâmbio com outros quilombos, saberes, trocas de saberes é importante, várias oportunidades, viagens, como estivemos na Rio+20. O Quilombo Mesquita teve quarenta e duas pessoas participando da Rio+20, intercâmbio com Cavalcante, intercâmbio com o Encontro Afro na cidade de Goiás, que é muito interessante lá o evento todo ano, intercâmbio com a Fundação Banco do Brasil, que nos trouxe aqui a parceria do viveiro, pra trabalhar a educação ambiental e o reflorestamento das áreas degradadas do quilombo. Então assim, são muitas conquistas, na agricultura familiar, estamos os produtores já vendendo, já comercializando e o grande anseio nosso é de conseguir mais, conseguir os tratores, conseguir as patrulhas mecanizadas pra comunidade, porque todos os quilombolas querem plantar, estão com o gosto da terra novamente. Os quilombolas ajudaram a construir este país, nós somos estes afrodescendentes que estamos aí até hoje; mas, para a legislação sim, tinha que ter, tem que ter esse reconhecimento oficial, que é o processo de reconhecimento, processo e por aí vai. Não adianta eu ficar aqui achando que tá

tudo muito bonito porque aqui não é. O problema está lá na outra ponta. Então, eu fico muito triste quando eu vejo que as coisas não estão acontecendo, as demarcações de território não estão acontecendo ou muito devagar, e o processo está lá, aí você vê que as comunidades estão lá, existem teoricamente, ricas em material e põe material que já não tem mais aonde. Os históricos estão lá pra contar suas histórias, está tudo provado. E o que falta, que esta demarcação não acontece? Se nós estamos até hoje porque somos resistentes, então porque estamos garantindo esta resistência, aonde está, falta realmente a vontade política, a vontade que não está sendo verdadeiramente; nós não estamos tendo o respeito verdadeiramente com aquilo que nós temos, e a gente está participando de todo o processo. E aí vem o outro, ameaçaram outras lideranças quilombolas, todos sendo ameaçados, (...) ameaçados por estar ajudando as comunidades com seu esclarecimento, ajudando porque tem que trazer estas políticas públicas para a comunidade, aí quando você vai pra esse esclarecimento pra avançar nisso, aí sim, você é ameaçado porque você está sabendo demais, porque você tá querendo buscar algo que está incomodando, alguém não quer que estas pessoas realmente venham saber de seus direitos de fato, e aí fica uma situação, você diz: – “Meu Deus, a quem recorrer?”

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



Fotos págs. 94 e 95:  
Comunidade Quilombola Mesquita / GO



# ATIVIDADES DAS COMUNIDADES



Quilombo Curiaú / AP

VAMOS, FAZEMOS VISITAS AOS TERREIROS ONDE VAMOS FALAR DE HIV E AIDS E TODAS AS DOENÇAS: ANEMIA FALCIFORME, AS DOENÇAS EM GERAL, ATÉ DO Aedes Aegypti, POR CAUSA DAS ÁGUAS PARADAS SE EXPLICA PARA O PESSOAL PARA DIZIMAR O MOSQUITO, SOBRE A ÁGUA, SE USA MUITA ÁGUA, TER CUIDADO COM AS ÁGUAS PARADAS, ESSAS COISAS. MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



Comunidade Quilombola Mesquita / GO



Comunidades Negras Rurais de Castro / PR

AQUI NÓS TEMOS CAPOEIRA, TEMOS PERCUSSÃO, DANÇA-AFRO, SAMBA -ROCK, CIRANDA, TEM VÁRIAS ATIVIDADES AQUI. RENATA RIBEIRO, COORDENADORA/ PRESIDENTE DO CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



Ilê Iyaba Omi Aciyomi / PA

TEM A QUESTÃO DA RESERVA, DA PROTEÇÃO AMBIENTAL, tem todo um trabalho muito bonito lá, que não é a realidade das outras. As outras são extremamente pobres, têm uma estruturazinha que hoje o pessoal está melhorando as casas. Não estão mais naquele modelo antigo, colocando cimento e colocando tijolo. Mas tem a estrutura do estado atuando nas comunidades. Uma boa escola, um bom centro de saúde, um lugar para eles se confraternizarem – são poucos que têm. Sem falar também os projetos das festas tradicionais, as várias lutas antes mesmo de ter a Associação Estadual, a gente vem acompanhando o Curiaú e seu desenvolvimento na questão dos conflitos que têm, na questão ambiental.

NÚBIA DE SOUZA, CONAQ, SOBRE QUILOMBO CURIAÚ / AP



A “REDE MOCAMBOS”, JÁ OUVIU FALAR DA REDE MOCAMBOS? Implementou em vários quilombos esta estrutura. O importante é que se deixe, é que se saia dessa essência de que é o ministério, que é isso, que é aquilo, esta instituição e que vá lá no povo. A gente reclama muito, mas vem pra comunidade, vem pra comunidade é ensinar, capacitar, então essa coisa que tem de estar capacitando, de estar qualificando, isso tem que ser mais verdadeiro por parte do governo, por parte dos órgãos.

ISIS ALBUQUERQUE, COMUNIDADE QUILOMBO MESQUITA / GO

A ORQUESTRA É TIPO ASSIM, O MAESTRO QUER FAZER UMA COISA DIFERENTE, quer implementar a nossa música, a nossa cultura, numa orquestra sinfônica, de ritmos, até se você procurar no Google, sobre a orquestra do Quilombo, é uma coisa muito legal, muito linda de se ver. A gente tem instrumento doado por uma organização, pela Oi. Tocar o instrumento, aprender aquelas letrinhas que tem lá, aquelas notas musicais. Olha, a maioria são jovens do tamanho dele, esse rapazinho aqui, acho que o maior que tem na turma; sou eu, a Diana e os professores, têm umas vinte pessoas, não? Tem muito mais... Tem instrumento pra todo mundo? Não, tem instrumento pra algumas pessoas; estão tentando, estão fazendo, esperando patrocínio, como a nossa (...) que teve foi ótimo, não foi regular, a gente fez tudo certinho, a gente está esperando mais patrocínio, pra ter mais instrumentos, pra botar mais crianças, pra ter mais gente na orquestra, entendeu? E o professor tá com o projeto de fazer um coral, todo pessoal do Curiaú, só dos mais velhos cantando.

LUAN, RODA DE JOVENS DO QUILOMBO CURIAÚ / AP



A GENTE TEM A ARCA DAS LETRAS QUE TAMBÉM JÁ DEU MUITO CERTO aqui e vamos trabalhar a questão do incentivo maior porque a leitura é um mundo desconhecido, né? Nós já tivemos grandes avanços depois dos intercâmbios, depois da Arca das Letras, jovens que eram tímidas e não queriam estudar e depois da Arca das Letras nós tivemos uma grande melhora. Então a intenção agora é trabalhar pra que o Ponto de Leitura seja um multiplicador e incentivador pra vários outros processos e até mesmo os idosos; nós precisamos e pretendemos também abrir a alfabetização de jovens e adultos e eu já fiz um contato com a fundação. A Fundação Banco do Brasil tem este programa, então a gente tá buscando agora uma jovem da comunidade pra trabalhar também a questão da alfabetização de jovens e adultos e nós já estamos ampliando, lá aquele espaço que eu mostrei pra vocês, pra que a gente possa tá fazendo estas rodas de leitura que serão ministradas nos finais de semana.

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBO MESQUITA / GO



O ORÛNMILÁ TEVE AÍ SEU O SEU TELECENTRO DE INFORMÁTICA, onde eu ministrei as oficinas de informática também, assim como as oficinas de DJ's e me envolvi mais um pouco na rádio, aí a rádio se tornou Rádio Orùnmilá, isso aí em meados de 2007, e aí eu já administrava mesmo toda a programação da rádio, já como diretor de programação da Rádio Orùnmilá.

MAICON, RÁDIO ORÛNMILÁ, CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



A PARTIR DESSE QUESTIONÁRIO QUE A GENTE NOTOU QUE A MAIORIA são as mulheres, que são chefes de família, negras e a maioria está no mercado informal de trabalho e outras, empregadas domésticas. Então, surge a necessidade de se fazer também um pouco de geração de renda e a gente vai buscar parcerias em supermercados, porque necessita do material pra poder fazer oficina, pra poder trabalhar pra que se gere coisas. Então começam a partir destes links dos amigos da casa do Ilê, pra fazer essas redes sociais.

EKÉDI RITA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA

ENTÃO A INTENÇÃO AGORA É TRABALHAR PRA QUE O PONTO DE LEITURA SEJA UM MULTIPLICADOR E INCENTIVADOR PRA VÁRIOS OUTROS PROCESSOS E ATÉ MESMO OS IDOSOS; NÓS PRECISAMOS E PRETENDEMOS TAMBÉM ABRIR A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

SANDRA PEREIRA BRAGA,  
COMUNIDADE QUILOMBO MESQUITA / GO





A GENTE COMEÇOU A DISTRIBUIR CESTAS NA COMUNIDADE QUE É POBRE, tudo bem, mas eu usei pra intolerância religiosa, o combate. Eu não faço assistencialismo, tudo tem uma condição, por exemplo, quando a gente vai pra um evento, vamos tocar tambor, é visibilidade pro nosso povo.

MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



AGORA ASSIM, VOLTANDO PRAS ATIVIDADES DO TERREIRO, nós temos umas pontuais, começando em março, tem o dia estadual da religião africana e sempre tem uma atividade alusiva a isso, em março, é o Dia Estadual da Umbanda e de Todos os Atos Religiosos. Na Associação tem um terreiro e nós fizemos lá dentro, e tem antes o Dia da Mulher, dia 8 de março, a gente faz o café da manhã pras mulheres.

EKEDI RITA E MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



NO DIA 18 DE MARÇO, AS ATIVIDADES SÃO COM TODOS OS TERREIROS. Dia 15 de novembro, que agora foi instituído o Dia Nacional da Umbanda, umbandista não... É porque a Dilma não entende de macumbeiro. Dilma ela não tem obrigação de entender. Eu disse, com certeza ela pensa que todos nós somos macumbeiros, ela não fez só pro povo da Umbanda, porque tem aquela divisão, eu não sou umbandista. Eu me sinto contemplada, eu sei que ela fez para nós assim como também para o povo do candomblé.

MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



EM SETEMBRO NÓS TEMOS TAMBÉM O “FESTIVAL DA CRIANÇA”, tem o “Dia de São Cosme e Damião” (no Festival das Crianças). Tem a mesa do caruru, das comidas e das frutas e tem também a distribuição de brinquedos e de bonecas.

EKEDI RITA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



OUTUBRO TEM O “PRÓ-SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA”, dia 28. É palestra, é roda de conversa, profissional também e a gente tem também no dia 1 de dezembro que é o trabalho do HIV. Tem o dia 7, que é o “Dia da Saúde”, a gente aqui é muito ligado com o tema da saúde, a gente faz parte do Fórum de ONGs e aids, e tem a “Rede de Saúde”, e no dia 1 de dezembro é pontual a gente fazer uma atividade. Mas como 8 de dezembro, 7 de dezembro que é comemorado o “Festival de Iemanjá”, na praia do Botelho, a gente faz um trabalho lá, que começa no dia 7 e vai até amanhecer o dia 8, que é da Nossa Senhora da Conceição. Eles tocam lá na praia do Botelho, vamos tocar o tambor lá, vamos dançar macumba lá na praia.

EKEDI RITA E MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA

JÁ FIZEMOS AQUI COM O CTA COAS, O TESTE RÁPIDO PARA HIV E AS HEPATITES, FOI MUITO BOM, NO SITE TEM AS FOTOS. VAMOS, FAZEMOS VISITAS AOS TERREIROS ONDE VAMOS FALAR DE HIV E AIDS E TODAS AS DOENÇAS: ANEMIA FALCIFORME, AS DOENÇAS EM GERAL

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB

A GENTE FEZ O I E O II ENCONTRO, A GENTE FEZ TAMBÉM AQUELE NACIONAL que foi na Beira-Rio, que foi “Aids e Comunidades de Terreiro”, que nós fomos discutir a história da lavagem... foi fechado. E aí a gente percebeu que neste encontro, eles foram mais como ouvintes das outras religiões, nesta história mesmo... aí parar de tomar o coquetel, de tomar os remédios, que Jesus vai te curar da aids, e muita gente morreu por causa disso. Tem uma coisa pra falar, pra não esquecer que também é pontual, que são as visitas nos terreiros. Não é data, essas visitas de sexta, que é quando o terreiro fecha, aí é pré-agendado aquele terreiro, já sabe que a gente vai lá.

EKEDI RITA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



AS AÇÕES SÃO VÁRIAS: DA SAÚDE, a partir da Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde, que o Núcleo da Paraíba é aqui no Axé Omidewá, através das cestas, as cestas que o MDF destinou para o povo de terreiro, têm uma grande força. Ela não vai resolver o problema da população de terreiro, mas ela traz a população de terreiro para a ação. Então sempre em uma dessas entregas se faz uma ação. Já fizemos aqui com o CTA COAS, o teste rápido para HIV e as hepatites, foi muito bom, no site tem as fotos. Vamos, fazemos visitas aos terreiros onde vamos falar de HIV e aids e todas as doenças: anemia falciforme, as doenças em geral, até do *Aedes Aegypti*, por causa das águas paradas se explica para o pessoal para dizimar o mosquito, sobre a água, se usa muita água, ter cuidado com as águas paradas, essas coisas. E fazemos também de direitos humanos, quando o terreiro é aviltado, por mais que haja a Federação, as pessoas sempre ligam para mim para pedir orientação e eu estou junto das pessoas, porque como eu viajo muito, já me empoderei um pouquinho politicamente, eu tento passar para as pessoas menos empoderadas o que eu vejo por aí afora e trago. Através das cestas, sempre se faz uma reunião, sempre se fala de um assunto, não é só entregar a comida. Essa entrega é mensal, são oito meses e nós estamos lutando para que seja doze, eu espero que nesse ano 2013 a gente possa conquistar, é promessa, vamos esperar que o governo, que a SEPPIR e o MDF vejam essa situação porque as pessoas que recebem cestas são as mais necessitadas e por isso mesmo são as menos esclarecidas.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



AS CESTAS SÃO DISTRIBUÍDAS AQUI NO AXÉ, agora veio uma orientação da SEPPIR que serão dois pontos de entrega, então eu dividi para aqui, para o Planalto da Boa Esperança e lá na Comunidade de Mãe Penha, no bairro de Mandacaru, que é um bairro também tido como muito violento – estão até fazendo um trabalho de humanização e respeito ao bairro, a polícia, o ministério público, a justiça através da prefeitura está tentando moralizar o bairro, trazer dignidade para o bairro, porque lá moram pessoas, também, que estão dentro deste contexto; a população não pode responder por erros de alguns, pela criminalidade. Então eu, através da minha intuição, a partir dos orixás, porque a gente não faz nada sem perguntar a eles, me foi orientado a passar para a Comunidade de Mãe Penha, porque é uma comunidade de alto risco também. Então precisa empoderar essa comunidade até para ganhar o respeito da população e não ser aviltada também, né? A cesta também faz isso, ela traz um pouco de dignidade, contribui para o respeito com a comunidade, com a comunidade do entorno.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB





Egbe Ile Iya Omidaye Ase Obalayo / RJ

O NOSSO SONHO ERA EM TER O NOSSO ESPAÇO e isto aqui está sendo uma felicidade para nós, porque é pequeno, mas já é um espaço que já deu para gente dar uma cara de Aciyomi. Temos os projetos e a gente já pensou, estamos com uma programação imensa – e tem a história do cinema para crianças, mas não é só o cinema, tem também uma palestra em cima, então a Rita é pedagoga e a mãe dela gosta destas historinhas e é pedagoga também, aí a gente já tem isso... Tem uma moça que é amiga da Nazaré, a Lívia, que às vezes vem aqui, é uma simpaticante nossa e ela fala inglês fluentemente, fala umas quatro línguas e ela é amiga mesmo e devagarinho... aí veio na biblioteca ver o curso de inglês para crianças e a gente já teve a ideia, porque aqui ninguém sabe e dá para ter uma boa noção para nossas crianças. E aqui é a nossa preocupação.

MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



AQUI NÓS TEMOS CAPOEIRA, TEMOS PERCUSSÃO, DANÇA-AFRO, SAMBA-ROCK, ciranda, têm várias atividades aqui. São todas envolvidas com o pessoal aqui da periferia, com o pessoal de Ribeirão mesmo, de outros bairros, eles vêm aqui pra participar. Inclusive nós tivemos aqui uma época, um cursinho pré-vestibular e este cursinho surgiu assim também e nós conseguimos 15 professores, todos voluntários. E aí este cursinho durou alguns anos e a gente não teve mais fôlego por quê? Porque os professores no mínimo precisavam ter o transporte, e nem o transporte têm, entendeu?

RENATA RIBEIRO, COORDENADORA/PRESIDENTE DO CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



A PRINCIPAL PREOCUPAÇÃO DE CRIAR UM ESTÚDIO AQUI DENTRO do Centro Cultural Orûnmilá foi pela nossa dificuldade mesmo, porque assim todos nós aqui dentro somos músicos, temos atividades para serem gravadas, até mesmo as “Cantigas do Afoxé”, que precisavam ser gravadas. Estamos desenvolvendo atividades com a molecada, através de oficinas também, eles vêm aprender “Oficinas de Estúdio” transmite para eles, gravação com os grupos de rap, com escolas de samba, o próprio afoxé, os talentos da periferia que vêm também, querem gravar suas músicas, sua cantigas, às vezes é uma frase ou outra, o estúdio está ajudando muito a gente nesse ponto, nessa parte. Na verdade é um estúdio pra comunidade, não é um estúdio comercial que a gente vai chegar e falar assim: “Pra gravar o seu trabalho a gente vai cobrar assim”. Não tem como, às vezes a pessoa não tem, mas tem aquele sonho...

MAICON, RÁDIO ORÛNMILÁ, CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP

A GENTE SEMPRE TRABALHOU, O TERREIRO É PROMOTOR DA SAÚDE e da questão da segurança alimentar, sempre foi, porque por mais pobre que se seja, sempre tem alguma coisa para comer, mesmo que a comunidade seja muito pobre. Por quê? Porque ali vai existir, cada um traz uma coisinha.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÊ OMIDEWÁ / PB



NA ÁREA DA SAÚDE, POR EXEMPLO, A GENTE CONSEGUIU implantar o teste do pezinho, pra verificar anemia falciforme, já no teste. Então foram avanços significativos na área da saúde, na área cultural, enfim.

MÃE NEIDE RIBEIRO, EGBÉ AHÔ AŞÊ YÁ MESAN ORUN E CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



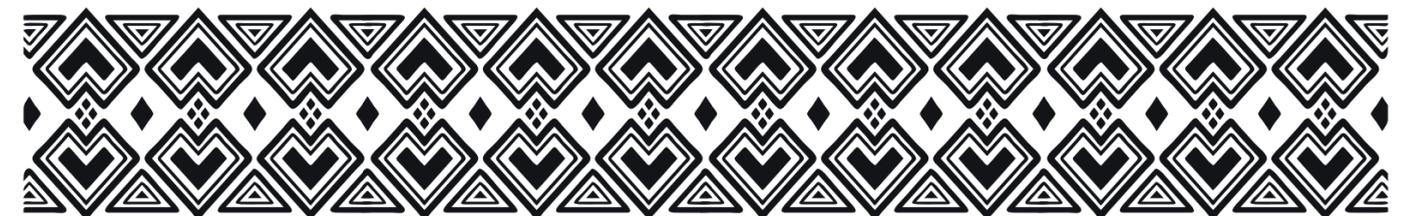
ELA, MÃE MÁRCIA, CONTOU DESSA POSSIBILIDADE DO PROJETO MATRIZES, por conta que ela queria ensinar as oficinas e que ela via que tudo que se faz aqui daria renda lá fora, que as mulheres que estavam aqui sabem muita coisa e acham que não sabem, então tem essa coisa de valorar seu conhecimento, a arte de fazer um bordado ou uma costura, arrumar o cabelo, de fazer os seus colares e dizer “juntei as miçangas lá e fiz assim, assim”. Na verdade elas montam coisas maravilhosas e que o comércio nem sabe, trabalhamos muito tentando parcerias, até que vingou o projeto em 2011 e 2012, foram dois anos e agora está vindo a segunda parte dele. Sempre foi o sonho dela (de Mãe Márcia) porque na verdade ela queria que as crianças do terreiro aprendessem alguma coisa ou soubessem que aquilo que eles sabiam tem valor, tem valor no comércio e dá pra ganhar dinheiro com isso. Bom, agora sim, a gente está conseguindo, recebemos um prêmio pelo Pontinho de Cultura e foram desenvolvidas atividades, e eu aproximei os jovens com as crianças e aí chamei uma outra educadora, que também é mestre de capoeira lá de Santa Teresa e nós fizemos aqui um conjunto de ações do Pontinho de Cultura, aonde os jovens aprenderam a lidar com as crianças.

MARÍLIA FERREIRA, MATRIZES QUE FAZEM, EGBE ILE IYA OMI DAYE ASE OBALAYO / RJ



TER A OPORTUNIDADE DOS QUILOMBOLAS FAZEREM UM INTERCÂMBIO com os outros quilombos é de suma importância este trabalho, é de suma importância esta troca de saberes porque, se você observa, são todos os quilombos, mas existe a particularidade de cada quilombo, mas é interessante esta troca, este olhar para com os outros irmãos fortalece mais a rede.

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



# RACISMO

Comunidade Quilombola Mesquita / GO



HOJE EU TENHO UMA  
SOBRINHA, E ESTES DIAS  
FALARAM QUE CHAMARAM ELA  
DE "FILHA DO DIABO", NA ESCOLA,  
UMA OUTRA CRIANÇA DA MESMA  
IDADE DELA. ENTÃO FIQUEI  
PENSANDO: COMO UMA CRIANÇA  
DE 5 ANOS CHAMA A OUTRA DE  
"FILHA DO DIABO", O QUE LEVOU,  
SERÁ QUE FOI O CABELO DELA?  
RENATA RIBEIRO, CENTRO  
CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



Associação dos Moradores  
(Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá) / MG

Associação dos Moradores  
(Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá) / MG



## “A GENTE FOI HUMILHADO DESDE OS ANOS PASSADOS, POR CAUSA QUE OS OUTROS TINHAM (...) DE FALAR ASSIM, “NEGRO FEDORENTO, NEGRO É ISSO, NEGRO É AQUILO”

BETINHA (ELISABETE COSTA MACHADO), ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG

ATÉ HOJE, NÃO SEI AGORA OS JOVENS, MAS O NEGRO mesmo, se você chegar aqui mesmo, no nosso município, no seu estado em Macapá. Você chega lá e você é um negro, eles vão tirar uma rede que tá no baú guardado, vão lhe dar pra você passar a noite, vão lhe dar mosquitoireiro e vão fazer janta para você. É que até hoje quando a gente chega num lugar onde dá pra dormir, muito da raça negra, ainda tem aquele acolhimento.

SR. RAIMUNDO, NETO DE D. TERESA, QUILOMBO CURIAÚ / AP



NO HOSPITAL AGORA TEM UM MÉDICO, ELE É PARENTE DA GENTE, aí a gente já sabe, (a gente já fala), “ah, eu também posso chegar porque agora (...)”, foi lá e estudou, por quê? Porque as condições da pessoa eu acho que é a pessoa estudar e poder estudar e ter as condições de estudar. (...) será? A gente não vai dar valor, não, porque é preto? A gente foi humilhado desde os anos passados, por causa que os outros tinham (...) de falar assim, “negro fedorento, negro é isso, negro é aquilo”, até hoje tem aquele (...) para a gente falar com o público, aqueles que têm coragem mesmo; aí a gente começa a animar, mas se for para falar assim, aí a gente fica assim, todo mundo vai olhar (...) pensei que era outra pessoa.

BETINHA (ELISABETE COSTA MACHADO), ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



NAQUELE TEMPO, EU LEMBRO MUITO BEM QUE QUANDO PASSAVA UM PRETO, não existia esse tal de carro, passava cavalo – o povo preto não tinha cavalo, tinha que andar a pé e aí a gente gritava lá do alto: “oh, morreu algum animal, morreu a criação”, “ah, por que, fulano?”, “tem urubu passando por aqui”. Urubu eram os pretos, era discriminação. Mas, graças a Deus que isso hoje está quase, quase, não está ainda 100%, não, mas depois os brancos começaram a sentir inveja dos pretos, do quilombo. A associação dos quilombolas tem direitos, apesar de a gente ainda não estar recebendo, mas tem direitos, 50% a mais na merenda escolar, 50% a mais na saúde. E com isso começou a unir preto com branco e tem muitos que a gente vê que às vezes discriminavam os pretos, hoje quer ser quilombo também por causa disso, mas foi com muita luta para poder chegar a esse ponto.

SR. GERALDO, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



HOJE EU TENHO UMA SOBRINHA, E ESTES DIAS FALARAM QUE CHAMARAM ELA de “filha do diabo”, na escola, uma outra criança da mesma idade dela. Então fiquei pensando: Como uma criança de 5 anos chama a outra de “filha do diabo”, o que levou, será que foi o cabelo dela? Fiquei me perguntando, será que ela ouviu alguma coisa em casa, e aí minha sobrinha respondeu: “Eu sou filha de Oxum”. Mas e se fosse outra criança? Sabe, então vai criando com naturalidade pra ela também, pra que ela também cresça entendendo qual é a importância daquilo.

RENATA RIBEIRO, COORDENADORA/PRESIDENTE DO CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



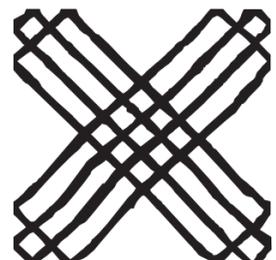
TEM A ESCOLA NO SUTIL, ELES REJEITARAM A PROFESSORA NEGRA mesmo, porque era negra e eles disseram: “A gente não quer”, e a gente ajuda a escola porque uma parte é mantida por eles e a parte de professores é mantida pelo Estado. Tem uma



Quilombo Curiaú / AP

parte que a “Castrolândia” ajuda, mas tem outra parte que é mantida pelo Estado, que é o envio dos professores e o pagamento dos professores. Então, eles podem escolher os professores que eles querem e não querem, de uma certa forma. Isso é Brasil, e ainda vai levar um tempo pras coisas... e não adianta a gente brigar, bater pé assim de imediato, você tem que formar a consciência deles, de nós negros, vamos dizer, que é pra saber onde se posicionar como negro e saber como buscar o seu espaço, porque na cabeça de muitos aqui não tem o racismo, tem a questão social, tem a questão cultural. Não, a gente não tem racismo, é que a gente não tem cultura, não tem condições de chegar até aqui, ele não sabe vender, ele não sabe a, ele não sabe isso, ele não sabe aquilo. Mas também não se oferece condições pra que ele chegue lá. Você vai na maioria das escolas públicas aqui, pouquíssimos negros dentro das escolas. Tanto como profissionais, tanto como estudantes, se vê quando pequenininho ainda tá lá, mas chega na oitava série e já não tem mais... não se mantém, é muito pouco. Pois é, eu agora to observando mais este lado porque isto que me chamou a atenção, quando chega no ensino médio, você procura um negro, dá para contar nos dedos – eu digo será? – tem tanto negro nas comunidades, tanto negro espalhado por aí... e quando você vê está tudo trabalhando, precisa ir pras roças, eles têm que largar mesmo, não consegue. Então você vai incentivar numa das escolas; por exemplo, eu trabalho em duas escolas aqui, uma fica bem na periferia ali, perto do hospital e outra que fica bem no centro, o Vespasiano, as duas escolas atendem os quilombolas, mas nem a escola sabia que atendia, quando eu falei: “Vocês atendem os quilombolas porque o núcleo ligou perguntando, quantos quilombolas têm aí?” A diretora disse: “A gente não tem nenhum aqui”. Eu disse: “Como! Vocês atendem, o ônibus traz aqui, a comunidade do Tronco, tá tudo aqui”. Fui buscar um na sala e disse: “Vai se apresentar ali pra diretora”. Ele se apresentou: “Eu sou quilombola!” Se apresente pra ela ali... Aí ele foi... ela disse: “Eu não sabia”. “Então aprende que a sua escola atende e recebe por isso...”

PROFA. RIZALVA DE BARROS E SILVA, COLABORA COM AS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR





“O TOQUE ATÉ PARA AS PESSOAS QUE NÃO TÊM DOENÇAS PATOLÓGICAS, MAS TÊM AS DOENÇAS PSÍQUICAS, DA SEGREGAÇÃO, A HUMILHAÇÃO, O RACISMO, O RACISMO RELIGIOSO, A INTOLERÂNCIA GERA DOENÇA MENTAL, GERA, NÃO É UMA LOUCURA, MAS UM DESCONFORTO E ESSAS PESSOAS PRECISAM SER MESMO ABRAÇADAS, BEIJADAS”

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB

OS TERREIROS TINHAM QUE TIRAR LICENÇA NUMA DELEGACIA chamada “Delegacia de Costumes”, onde atendia meretriz, vadiagem e todo este perfil das pessoas e era lá que estavam as questões dos terreiros e da população negra. O terreiro do meu pai, Pai Ivo de Ogum Onira de Obi, ele foi deserdado da Ilhota pra morar em outro lugar. Era um terreiro que foi desterritorializado, e ele foi pra Tristeza (bairro), e lá na Tristeza ele viveu todos esses anos. Ele teve que sair deste espaço, porque eles (poder público) desmancharam. Então o que acontecia... se o delegado estivesse de bom humor e dissesse: – “A senhora pode tocar até tal hora...”, tinha que fazer. Se ele dissesse: “Não é pra fazer, não tinha”, e se teimasse entrava a polícia a cavalo e destruía tudo. Então foi sendo desterritorializado com a história da cidade. Tinham alguns casarões, onde é hoje o Largo Zumbi dos Palmares, que aglutinavam os grandes terreiros ali, de algumas mães. Mãe de Oxalá de Pocum – ela abrigava a eles dentro dos terreiros, tinha uma concessão. Não era um direito daquele povo, era uma concessão, porque a mãe dela lavava roupa pro tal coronel que tava no poder, então, o terreiro dela podia porque o tal coronel era “bonzinho” e assinava uma autorização, de tal hora a tal hora pode fazer, se passar, a gente fecha. Em compensação o terreiro que estava do lado não tinha concessão alguma, ele não podia fazer. Então, na história da matriz africana, no Rio Grande do Sul e em Porto Alegre, tem esta história da repressão. Difícilmente irá encontrar um babalorixá ou uma ialorixá que tenha sido iniciado num único terreiro. Por todo esse processo, muitos terreiros que como o meu foram despejados, muitos terreiros se perderam nisso. Quando foi novembro (2012), eu estava num espaço em Belém Nova, e tinha o maior interesse de comprar, porque era um terreiro enorme, cheio de árvores, só que eles me pediram um valor exorbitante. Porque o proprietário do terreno era evangélico e ele disse que entre ele vender para que botasse coisas do demônio lá, ele preferia doar pra qualquer igreja. Se não me engano parece que vai ser construído um templo. Eu não tirei, eles entraram na minha casa e tiraram todos os meus santos, e me chamaram e eu trouxe pra cá e quero refazer essa história. Eu agora quero um terreiro, eu quero a minha natureza, minha essência, meus herdeiros, meus filhos de santo.

MÃE VERA SOARES, CENTRO MEMORIAL DE MATRIZ AFRICANA 13 DE AGOSTO / RS



ENTÃO, AQUI DENTRO DO AXÉ TAMBÉM, o toque até para as pessoas que não têm doenças patológicas, mas têm as doenças psíquicas, da segregação, a humilhação, o racismo, o racismo religioso, a intolerância gera doença mental, gera, não é uma loucura, mas um desconforto e essas pessoas precisam ser mesmo abraçadas, beijadas e eu tenho que empoderá-las, dizer a elas que têm que ir para o enfrentamento, estamos com uma guerra santa instituída dentro do país e têm que ir para a luta, não tem que correr, não. É melhor morrer lutando do que morrer de braço cruzado, porque isso aí é falta de dignidade, de força, de fé e falta de fé no orixá.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB



AQUELE TEMPO EU NÃO CONSEGUIA ENXERGAR A INTOLERÂNCIA, agora hoje ela agride, às vezes não é mais intolerância, é violência, então não dá nem para comparar, disparou. Hoje em dia a intolerância que a gente sofre é muito grande, grande mesmo, está preocupando os afroreligiosos e particularmente eu aqui onde eu vivo. A gente já está conversando e já estamos pensando inclusive em preparar uma pessoa para ir, para ser um representante afroreligioso na Câmara de Vereador. Porque a gente já está sentindo,

eu digo que não dou nem 10 anos para que a gente tenha que fechar terreiro, digo a nível de Brasil por tudo que eu ouço, que eu convivo por aí. Por mais incrível que pareça, o que eu observo hoje em dia, a leitura que eu faço, é que naquele tempo era mais fácil, porque assim, naquele tempo eu não lembro de ninguém ter sofrido intolerância e como a mãe de santo e o pai de santo eram os médicos, que a distância da medicina pra esta comunidade, que era a periferia, é muito grande.

MÃE NALVA VIRGINIA ALMEIDA, ILÊ IYABA OMI ACIYOMI / PA



IGUAL O SEU GERALDO FALOU ALI, VEM O MINISTRO DA CULTURA cuidar da gente. Eu acho assim que a prefeitura em si, ela já acha que a gente está tomando a frente, para mim, eu tenho esse pensamento, por quê? Eu acho assim, igual mesmo a nossa comunidade, nossa comunidade está fazendo (pelas) comunidades vizinhas, ela está fazendo muito mais do que a prefeitura está fazendo. Igual o seu Geraldo falou, até o prefeito ficou assim com cara de, como se diz, aí você fala assim, “se o prefeito, o prefeito da cidade fez isso, você imagina o que os outros não vão fazer”. Então, é assim, igual mesmo, aí a gente já fica, tem receio, se a gente vai procurar a associação “ah, a associação quilombola”. Presta bem atenção, se ele fez essa cara de riso com o ministro, imagina o que eles não vão fazer com nós que estamos, vamos dizer que estamos mais embaixo. Então, a associação, por mais que a associação esteja unida, que nem está, mas assim, ela ainda não tem o reconhecimento que teria que ter aqui no lugar. Às vezes, a associação tem mais valor para um órgão lá fora do que pela prefeitura aqui, o que eu sinto é isso.

LENINHA, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



NÓS SABEMOS QUE É UMA JUVENTUDE NEGRA, POBRE, o acesso à escolaridade ainda está muito distante, até porque as escolas ficam muito distantes, até porque a discriminação ainda é muito forte pelo fato de que você é de terreiro e é jovem, e começa aquela chacota na escola, de brincadeiras, de piadinha de amiguinho, de colega de dizer “ah, o filho do macumbeiro, olha o macumbeiro”. Então o jovem termina saindo da sala de aula. E começamos a discutir isso no Estado, com a Secretaria de Educação, com os colégios, nas palestras e assim por diante. O papel do Santuário hoje é combater todo e qualquer tipo de discriminação independente de ela ser religiosa ou preconceito racial ou intolerante, as pessoas sejam intolerantes ou pela questão de gênero e raça ou pela questão da opção, orientação sexual. Então aqui é um espaço onde a gente acolhe todo mundo, a intenção é um projeto que possa atender. Nós também aqui no Estado fomos o único terreiro a ter a coragem de fazer o primeiro casamento gay no Estado, dentro da nossa religião porque as pessoas tinham medo de fazer isso e nós abrimos para dialogar sobre isso – por que não? PAI RONDINELE DOS SANTOS, ASPAJA – ASSOCIAÇÃO SANTUÁRIO SAGRADO PAI JOÃO DE ARUANDA / PI



ESSAS PESSOAS EU ACHO QUE SOFRERAM MUITO DE RACISMO, aí fica assim, não sabe assim direito o que é, não procura saber, ser quilombola é se autorreconhecer como na comunidade, reconhecer sua cultura, antepassados.

RODA DE JOVENS, (WELLINGTON, MANUEL, FELIPE PEREIRA, WALISON, LARISSA, NATÁLIA, DANILO, NELCI), COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



FACE A FACE, MUITAS VEZES VOCÊ NÃO VÊ A DISCRIMINAÇÃO, mas quando a gente vai na assistência social, você chega lá, talvez tem uma moça lá atendendo, aconteceu isso mesmo com o pessoal do Macuco. Você chega lá quando era para fazer seu cadastro, que era para a gente ir lá mudar que era a comunidade quilombola, tinha uma mudança lá (...). A gente chegou lá, a mulher faltou mandar a gente sair de lá de dentro, xingando, não sei o que tem, sabe, trata a gente com aquela indiferença, quando eles têm um cargo ali, mais ou menos. Agora na rua é tipo assim de igual para igual, cada qual passa para um lado, passa para o outro, você não vê aquela discriminação, mas quando você chega a procurar ela, que ela está trabalhando num órgão, aí que você sente, mesmo ela sabendo que ela está ali para atender todo mundo, ela faz aquela distinção do branco e do negro, de quem mora na cidade, de quem mora na roça, tem essa distinção, tem essa discriminação.

LENINHA, ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES (MACUCO, MATA DOIS, PINHEIRO E GRAVATÁ) / MG



ENTÃO, O QUE EU OBSERVO NO QUILOMBO DO MESQUITA, EXISTE UM ASSÉDIO muito grande, pela proximidade dele com Brasília e assim aquela provocação de não deixar o quilombo reluzente, de deixar o quilombo sempre como pedra bruta e não deixar que ele transcenda, da forma que ele tá transcendendo. Eu tenho orgulho de falar na comunidade do Quilombo do Mesquita, mas a gente observa que assim, em termos políticos, em termos de interesse eles querem soterrar o povo, de qualquer forma.

ISIS ALBUQUERQUE, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO

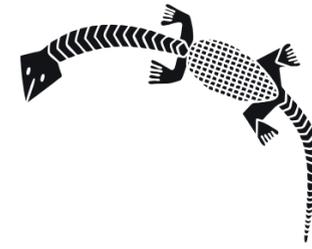


NÃO VAI DIZER QUE AS OPORTUNIDADES SÃO AS MESMAS, você vai se inscrever no trabalho: “Onde você mora?” “Moro no tal lugar”. E se o lugar for de risco eles já te olham meio assim, já tem ali 80% de chance de não estar empregado, é preto, outra porcentagem de não estar empregado, puxa sua ficha e se seu tio era traficante, isso ou aquilo, você também paga o preço disso. Gente, é um preço muito alto a ser pago. Nós falamos de democracia e ditadura. Da ditadura, todas as viúvas e mães que perderam os filhos correram atrás de uma indenização que recebem até o dia de hoje, direito delas. Eu acho que é isso mesmo, tem o direito. Agora, onde estão nossos direitos quando nossos ancestrais trabalharam anos de graça nesta terra, e nós nunca fomos indenizados por nada e até hoje, muito pelo contrário, pagamos o preço de ter sido escravo. Quem indenizou eu ou você ou alguém? Ninguém. E os anos que os nossos ancestrais trabalharam de graça nessa terra?

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



SE A ESCOLA TIVESSE POR MEIO DE ENSINAR A RELIGIÃO NAS ESCOLAS pela educação, eu acharia maravilhoso. Por quê? Porque é educar, é ensinar que no mundo existem os indígenas que cultuam Tupã, a lua, a água e Yara; os negros, que cultuam Oxalá, o cristão, que cultua Deus e o Cristo, e que o criador Deus não importa o nome que tem, existe em todas as religiões. Também diferenciar que nós não temos vários deuses, nós temos um criador e várias divindades – os orixás são divindades e não são deuses. São divindades abaixo de Deus o que nós cultuamos. E que maravilha ter uma divindade pra cada um dos problemas da nossa vida, que bom que nós somos sempre abraçados. Que esse Deus não é tão distante e pode abraçar a gente, pode falar com a



gente, então isso nos faz mais ricos em cultura. O que é a renovação da atual igreja? A renovação da atual igreja é copiar a gente. Já nos roubaram a identidade, já roubaram a liberdade, hoje nos roubam até a nossa cultura, que eles se apropriam da cultura e criam lá, pagode da tal igreja que eu não vou citar aqui denominações, o samba do tal padre. Mas o samba, isso tudo se bate muito além do racismo, na minha opinião, é na religiosidade. Sim, porque na religiosidade vai mostrar que o demônio não faz parte da nossa cultura, o anticristo já está dizendo, é anticristo de Cristo. Então se eles se acham tão proprietários de Cristo e de Deus, o diabo também é deus porque a nossa filosofia de vida vê isso tudo como um equilíbrio, o bem, o mal, o dia, a noite, isso é comum, uma harmonia. Agora o livre-arbítrio, Deus ou Olodumare deu a todos os seres humanos decidir se vai ser bom, se vai ser honesto, se vai seguir o bem. Isso é do ser humano, não tem nada a ver com a religiosidade. Mas, admitir que toda essa cultura do terreiro foi o grande celeiro que manteve guardada toda essa cultura, até os dias de hoje, pelos nossos ancestrais. Eles no fundo acabavam a festividade – vamos fazer um samba de roda, as yubamas com os pratos, todo mundo sambava e se divertia pra dizer: “Olha, comemoramos toda parte religiosa, correu tudo bem, vamos ficar aqui e as tias que vieram do terreiro, as lalorixás”. Aí eles querem se apropriar do samba, mas não querem admitir que ele foi guardado dentro do terreiro, pela capoeira, o fragmento foi guardado no terreiro. Então hoje vamos reconhecer isso que tá aqui, basta reconhecer que o celeiro disso tudo foram os terreiros e toda cultura que pertence a ele. Não tem nada demais eu cantar uma música gospel e achar ela bonita, mas eu digo que é gospel, ela vem de uma igreja cristã, eu não posso dizer que ela pertence a minha cultura, mas nem por isso deixa de ser bela. O problema nosso é que nós perdemos sem ter o reconhecimento.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



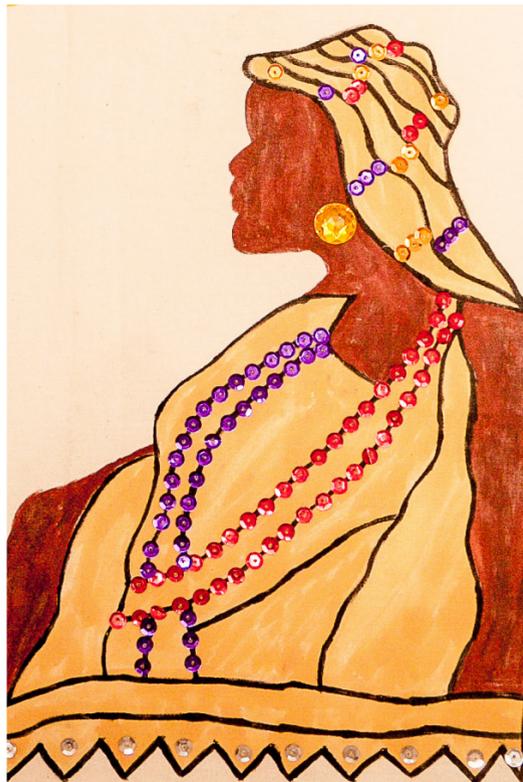
PRECISA REPRODUZIR QUE NÓS ESTAMOS LUTANDO É PELOS NOSSOS ESPAÇOS e que nós somos tratados diferente, que eles é que nos tratam diferente, nós não tratamos o branco diferente, mas eles mesmos querem que a gente reproduza isso, que nós somos diferentes e nós não somos diferentes, às vezes simplesmente pela questão da pigmentação da pele. A ideia do Projeto do Santuário é realmente trabalhar a formação dos terreiros, é o que a gente tem percebido ao longo desses 10 anos, desde 2004 pra cá que desenvolve um trabalho de conscientização e de valorização da cultura afro-brasileira e principalmente do resgate e a valorização. E pra mim que sou hoje do candomblé, que venho de toda uma transição de umbanda para o candomblé, tenho aprendido ao longo desse tempo dentro do candomblé: nós temos a hierarquia de respeito aos mais velhos e da nossa tradição e do respeito aos conhecimentos dos nossos antepassados. Então a intenção também é fazer com que as pessoas partilhem essa coisa, que nós temos do candomblé, de um ajudar o outro.

PAI RONDINELE DOS SANTOS, ASPAJA – ASSOCIAÇÃO SANTUÁRIO SAGRADO PAI JOÃO DE ARUANDA / PI

AGORA, ONDE ESTÃO  
NOSSOS DIREITOS QUANDO  
NOSSOS ANCESTRAIS  
TRABALHARAM ANOS  
DE GRAÇA NESTA TERRA,  
E NÓS NUNCA FOMOS  
INDENIZADOS POR NADA  
E ATÉ HOJE, MUITO PELO  
CONTRÁRIO, PAGAMOS O  
PREÇO DE TER  
SIDO ESCRAVO.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA,  
EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ

Ilê Iyaba Omi Aciyomi / PA



# PONTOS DE LEITURA



Egbe Ile Iya Omidaye Ase Obalayo / RJ

UMA BIBLIOTECA É IMPORTANTE DENTRO DO TERREIRO DEVIDO À ORALIDADE; É A ORALIDADE, SEMPRE A ORALIDADE, TODO MUNDO FALA E FICA MEIO PERDIDO. ENTÃO ISSO NOS INCENTIVA A ESCREVER, INCENTIVA AS CRIANÇAS A ESTAREM LENDO. MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMDAYE ASE OBALAYO / RJ



Egbe Ile Iya Omidaye Ase Obalayo / RJ



Egbe Ile Iya Omidaye Ase Obalayo / RJ



Egbe Ile Iya Omidaye Ase Obalayo / RJ

**PEGA UM LIVRO, EU TRAGO, VOCÊS LEIAM – QUEM FOI ZUMBI DOS PALMARES?** Aí eu digo, a coragem daquele negro, então vocês têm que ler, gente, então vê a coragem daquele negro de chegar e comandar... porque você chegar e comandar esse povo aqui tá fácil, você dá a liberdade, você chama e todo mundo concorda... mas chegar aqui e comandar o povo pra sair do limite de escravidão, para ir morar no espaço de alta liberdade, ser livre, é a coisa mais complicada. Mas Zumbi lutou e lutou e criou o Quilombo dos Palmares .

EDSON GOMES, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



**E ELE AQUI É ALGUÉM, PORQUE MUITAS VEZES ELE NÃO SABE NEM QUE É NEGRO,** nunca se deu conta que teve um avô negro, bisavô negro, tataravô negro que apanhou e foi escravo, que ele não deve ser capturado por outro segmento. Não é por nada não, é por honra a esses ancestrais que deram a luta, a vida, o sangue nos pelourinhos e hoje nem tem noção do que era o pelourinho. Por isso é importante uma biblioteca ancestral, pra se entender qual é a história deles, porque não tem presente sem passado, futuro sem passado. Então será que se os negros conhecessem bem isso nas escolas, eles seriam mesmo de outros segmentos? Eles veriam o terreiro como um lugar. A minha opinião é que a (lei) 10.639 não se implementa nas escolas, na maioria das vezes, porque vai ter que chegar na educação à religiosidade. Pois, não tem como você falar da cultura de um povo, sem falar na religiosidade dele. Como o demônio ficou atribuído a nós, deixa a pessoa pensar nisso; é muito mais conveniente do que chegar lá e ver que a cultura dele tem uma religiosidade que contempla a ancestralidade e a natureza.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ

**O PONTO DE LEITURA, NÓS RECEBEMOS E NÓS ESTAMOS AINDA NO PROCESSO** agora de equipar e de montar; lá vai ser a biblioteca, que é o Ponto de Leitura, associada ao viveiro pra tá fazendo a interface, a educação ambiental. Então, nós vamos trabalhar todas estas questões pra que o jovem não venha só ele, a vivência, também o estudo, a busca. E paralelo a isso, nós vamos também solicitar o Ponto Digital, é a inclusão digital, isso porque lá nós temos um espaço, e aí o grande sonho agora é associar a isso o Ponto Digital com a biblioteca, o viveiro e os cursos que nós vamos promovendo.

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



**EU ACHO ESSE PONTO DE LEITURA MUITO IMPORTANTE** porque muitas crianças não têm acesso. Às vezes eles só vêm, mas não sabem o que significa. Esse Ponto de Leitura, com história infantil pra criança, acho que pode permitir que elas saibam um pouco mais do que é a nossa religião, mais do que história infantil, alguns ensinamentos, histórias que tem dos Orixás.

WILLIAM CAMARGO, RODA DE OGÃ, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



**EU VEJO ESSA BIBLIOTECA TRAZENDO HISTÓRIA DOS NOSSOS ANCESTRAIS,** pros nossos filhos, nossos netos e bisnetos, pra que eles possam entender e também se educar. Como nós somos educadores, como a senhora mesmo disse, pra você educar dentro da religião, sabendo o que ela é, entendeu? Não o que falam sobre ela. Porque esta livraria ela vem passando histórias, a cada dia que passa você conhece mais uma história.

DOUGLAS DOS SANTOS, RODA DE OGÃ, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ

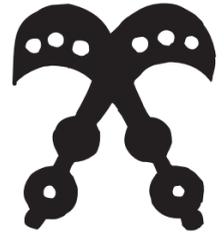


**É MUITO IMPORTANTE ESSE PONTO DE LEITURA** porque a pessoa busca uma afirmação na sua identidade, para se comportar, para não ter vergonha, para se conter quanto à discriminação que existe lá fora. Então aqui a gente está formando adeptos capazes de superar estas dificuldades. E acredito que este primeiro passo que está sendo montado, este Ponto de Leitura, valeu (...) não só para as crianças, mas a todas as pessoas que tiverem vontade de se conhecer, as pessoas que quiserem somar e de repente trazer alguma coisa a mais. É muito interessante, muito interessante pra cultura local, pra casa, não só pelos filhos, pra comunidade de modo geral e eu vejo que é um grande passo que a casa tá dando.

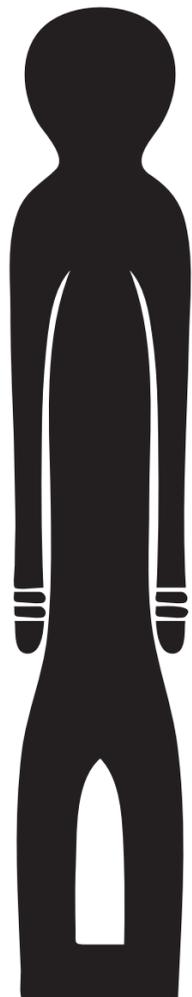
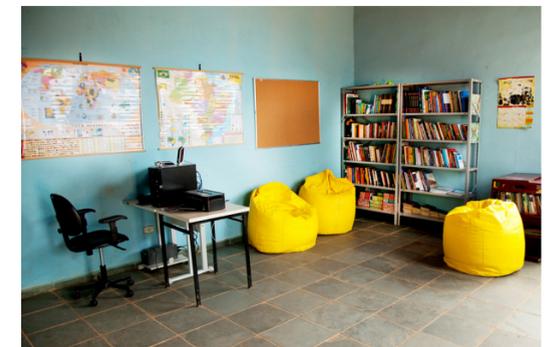
CARLOS ALEXANDRE, RODA DE OGÃ, EGBE ILE IYA OMIDAYE, SÃO GONÇALO / RJ



**EU TENHO CERTEZA QUE CONTRIBUI E CONTRIBUI BASTANTE,** quanto mais pessoas tiverem esta chance, esta oportunidade de ter este espaço eu acho fantástico pra criança porque as pessoas hoje estão cada vez mais com a tendência de perder o hábito de ler e eu tiro por mim mesma, pela própria internet, que as pessoas estão diminuindo as palavras. Eu acho que já era ruim a leitura num país, e com a internet eu acho que está piorando. Eu acho isso fantástico de recuperar a recreação que foi feita ontem aqui, me lembrou muito a minha infância e eu achei maravilhoso, as crianças curtiram, ficaram extremamente felizes e satisfeitas com isso. Acho que isso



Associação dos Moradores (Macuco, Mata Dois, Pinheiro e Gravatá) / MG



é um trabalho bem legal, e pro adulto também. Eu não consigo atingir a língua (o entendimento) de todo mundo com a mesma mensagem, mas o que eu posso fazer é dizer: – “Olha, você gosta de ler, então vai lá e eu posso indicar um autor, um livro legal”. Porque até hoje vêm pessoas neste terreiro e diz: “Nossa! Mas é assim? eu pensava uma outra coisa”. Em pleno século XXI, com tanta informação, com tanta batalha que a gente tem, ainda sempre tem aquela influência do que eu pensava que era assim. Então a biblioteca tira muito esta questão, até porque já está se deixando bem claro que biblioteca não é algo restrito somente para os filhos da casa, é todos que queiram. Entrar aqui, participar, perguntar, entender um pouco mais da cultura, a gente pode indicar: “Olha é este livro, aquele livro”, então se dá a chance de você quebrar um pouco deste preconceito. Eu acho que aprender é a única coisa, porque eu aprendi com meu avô, que Deus o tenha, que é uma pessoa muito especial, que tudo demais na vida é ruim, amar demais é ruim, odiar demais é ruim, ter dinheiro demais é ruim, ser pobre demais é ruim, a única coisa que não é ruim é aprender demais, é uma coisa que você pode somar constantemente e vai morrer sem saber tudo.

ARETHUZA, FILHA DE MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



ÀS VEZES VOCÊ CHAMA O JOVEM PRA UMA LEITURA, ELE NÃO QUER, mas se você levar, chama ele numa leitura e ao mesmo tempo você tem um caminhar ao olhar no viveiro, onde ele vai lá, ele planta suas sementinhas, daqui a pouco ele vai lá regar e ele vai vendo esta muda crescendo paralelamente e nesta interface você usa a leitura. A comunidade foi a primeira a receber e nós estávamos trabalhando associar o Ponto de Leitura com as atividades interativas que a comunidade e os visitantes que também vêm nos visitar conheça o programa; eu acho que vai ser muito legal pra nós e todas estas pessoas que também estão construindo junto conosco esse sonho. Nós recebemos muitas escolas hoje aqui na comunidade, escolas de Brasília vêm visitar o quilombo, e a ideia é de estar trabalhando mais com a escola, mais com a educação e fazendo esta interface dos alunos virem conhecer o viveiro, de conhecer a biblioteca... Então assim, é um trabalho de formiguinha, cada dia você tem lá um desafio, e é um processo constante, né? E aí eu penso que a gente precisa trabalhar nas comunidades, porque é legal o conhecimento, sem ele nós não vamos mudar esta realidade; a educação é tudo, o conhecimento é tudo e nem sempre a escola alcança tudo isso, tá precisando que nós façamos também a nossa parte, os movimentos, as associações, os movimentos sociais, você clama tanto por uma educação de qualidade, mas eu vejo que poucas pessoas investem nisso. Antigamente eu fico vendo assim, mesmo os mais idosos eles não tinham aquele tempo, não tinha aquela sabedoria, mas os pais sentavam com seus filhos, os pais tinham diálogo, os pais tinham uma conversa, os avós. Hoje ninguém quer mais parar pra ouvir ninguém. Hoje são jogos, é a internet, cada dia mais a família ficando distante, né, ter este olhar então a gente precisa resgatar muita coisa.

SANDRA PEREIRA BRAGA, COMUNIDADE QUILOMBOLA MESQUITA / GO



A DISSEMINAÇÃO DESTES PONTOS DE LEITURA, não só como armazenamento de acervo e divulgação da leitura, ele tem que divulgar a leitura, mas ele tem que provocar a criação a recriação, a renovação. A questão da igualdade racial, a questão do respeito, a questão da discriminação, enfim, nós estamos embutidos dentro disso.

SIRENA BATALHA, RODA DE CONVERSA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



Comunidade Quilombola Mesquita / GO

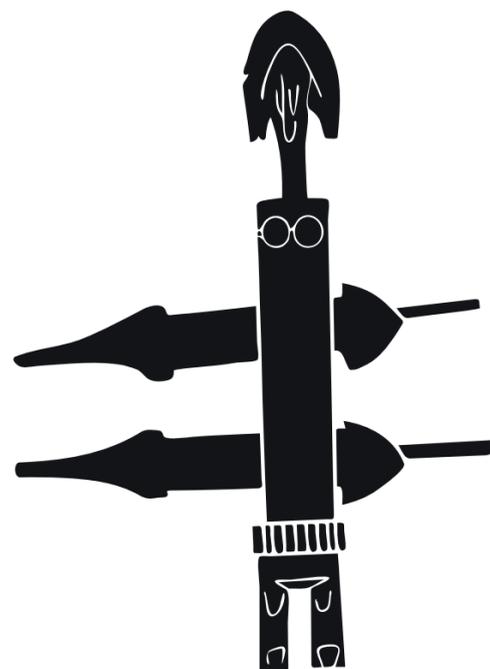
COM O PONTO DE LEITURA TEM COMO TREINAR mais a sua própria leitura e aprender mais sobre a nossa história do candomblé.

CAMILA, RODA DE CONVERSA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



CONTRIBUI PORQUE AGORA A GENTE TEM MAIS UM MOTIVO de convidar as pessoas para vir até aqui. Ah, não conhece, então vamos lá, não quer ver ninguém pegando o santo. Já pode vir por outros motivos também e pode ler, porque se as pessoas não aprendem ouvindo, pode aprender lendo também ajuda bastante.

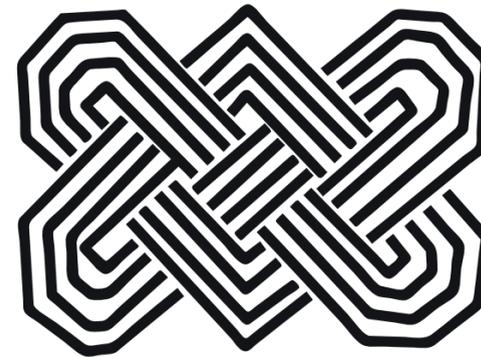
SABRINA, RODA DE CONVERSA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ





Egbe Ile Iya Omidaye Ase Obalayo / RJ

# ACESSO À LEITURA E ACERVO TEMÁTICO



QUANDO EU FALO ASSIM: – “ELES NÃO SABEM LER, MUITOS NÃO SABEM LER”, não importa se os adultos não sabem ler, mas os pequenos estão aprendendo e é pra esses, esses futuros adultos que a gente tem que dar mais cultura possível. Um fato interessante: quando eu estava fazendo a seleção pra trabalhar no telecentro, veio um rapaz pra fazer o teste comigo e daí eu perguntei: “Se você for selecionado pra trabalhar aqui no telecentro e lidar aqui com os computadores, você vai receber um treinamento, o governo vai te dar um treinamento específico e tal, mas se você for selecionado, o que você vai fazer com isso aqui?” Aí ele falou assim: “Eu vou ficar pouco tempo, professora”. Eu disse: “Mas, por quê?” Ele disse: “Porque eu quero sair daqui, eu quero trabalhar fora, eu quero ser alguém”. Foi isso que ele me falou, quando ele me falou isso, eu quero ser alguém... Me veio na cabeça, eles não têm acesso a livro, são poucos que têm dinheiro pra comprar o livro e daí eu falei assim: – “E o que é ser alguém?” Por que pra mim você é alguém, eu posso te tocar, você é alguém, a partir do momento que eu te toco, eu sinto você, que você é alguém. Aí ele disse: “Não, professora, mas não é isso, é assim, ter uma profissão”. Eu disse: “Isso mesmo, você precisa e eu sei que do jeito que está não consegue”. Mas pra isso ele precisa ter acesso à leitura, a um computador, ter acesso, porque todos os que eu fiz o teste nunca tinham sentado em frente ao computador, então é muito fácil você descartar esta turma no mercado de trabalho. Então a gente tem investido neste Giovanni, tem investido numa outra menina lá e eles desistem muito fácil também, então é uma luta constante e esta luta a gente tem dentro das escolas com eles. Porque eles desistem muito fácil porque eles precisam comer e se vestir.

PROFA. RIZALVA DE BARROS E SILVA, COLABORA COM AS COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR



ESSA BIBLIOTECA (ARCA DAS LETRAS) NÓS GANHAMOS, QUE É DA COMUNIDADE, aí nós trouxemos para a comunidade faz tempo já que está aí, (...) e em casa, na cidade, está aí é pra emprestar para os alunos, porque se quiser ler, pega o livro empresta pra este, depois pega um e leva o outro, estavam vindo e agora deram uma parada, num sei porque parou, eles vinham no começo e agora pega um livro e leva, assina o nome e leva o livro, aí depois traz um e leva outro. E daí agora não vieram mais, não vieram mais emprestar o livro. Então nesta sala ficam os livros e nesta outra sala o Piau dá aula pros adultos, então tem aula aqui pra adultos, dois dias por semana. É ligada à escola da cidade.

DONA VANIR RODRIGUES DOS SANTOS, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR

A GENTE É CARENTE NO MEIO DE UMA CIDADE TÃO GRANDE, TÃO RICA, uma bacia inteira e nós vivemos numa situação precária, de pobreza, de miséria, de pouca coisa, enquanto que a gente sabe que é muito mais por falta de conhecimento, de estudo, de não termos informação, não temos nem curso técnico (...) não só como quilombola, mas como cidadão. Então pra nós, vir um Ponto de Leitura, quando eu fui ver o que de fato tinha neste Ponto de Leitura: os livros, a importância da renovação, os últimos lançamentos que estavam pra gente na biblioteca, é uma coisa muito rica. Porque você pode perguntar pra mim, têm pessoas que é analfabeto e que não sabe nem o que significa este livro, é verdade, não sabe mesmo... Só que têm os filhos, têm os netos, estão vindo aí e tem a população e seus professores, que também precisam estar informados e saber o que eles estão ensinando; então para nós é uma coisa que complementa a outra. Quando oferecer, ah tá, nós abrimos de colocar lá na comunidade para vocês, nós temos estes visitantes de outras escolas, pessoas que vêm buscar informações com a gente e não é só vir aqui, olhar pra mim e me fotografar e me levar lá no livro de história... a gente também quer receber. E se têm informações que desconhece, desconhecemos a própria história, de onde a gente veio, e o sofrimento e tudo mais. Daí a gente também quer que esses professores possam compartilhar com a gente coisas boas, de um gibi que a gente não teve, que as crianças nossas do interior não têm, que possa sentar, ler e conversar e mostrar para as crianças, isso é muito importante. Vamos poder, não só nós, os quilombolas, os negros, mas sim a comunidade em geral, os pobres, as pessoas que moram na periferia, e quem sabe um dia algum chegue na faculdade, mas aqui é limitado.

ROZILDA CARDOSO, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR

Mãe Lúcia de Oliveira, Ilê Axé Omidewá / PB



A MAIORIA DOS EXEMPLARES DA BIBLIOTECA QUE TEM AÍ É POR DOAÇÃO. Mas mais voltada para essa temática racial, esse foi o início da proposta da biblioteca. A biblioteca (do Orùnmilá) ela nasceu na verdade com a necessidade mesmo, que a gente colocava muito a questão da educação e cultura, que se entende que são situações que têm que estar diretamente ligadas à cultura e à educação. E para as atividades aqui fazia necessário uma biblioteca e as pessoas procuravam também. Ela é aberta pra comunidade. A gente recebe aluno aqui, mas é o professor que conhece nosso trabalho e vai, e briga com a secretária de educação que é resistente, mas... e aí a gente recebe, mas já tentamos por várias vezes fazer parcerias com o projeto da Secretaria de Educação, mas ainda não consegue – tem uma resistência muito grande. Na verdade o atual governo, a prefeitura aqui, a gente passa uma dificuldade enorme. Algumas questões na gestão anterior que era uma assessoria de Promoção da Secretaria da Igualdade Racial e um cargo na Secretaria de Educação que foi desenvolvido o Projeto Baobá, e foi que conseguiu ainda dar alguns passos ao que a gente quer mesmo, que é a criação da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial na cidade, mas teve alguns avanços na gestão anterior; aí mudou a prefeitura, parou tudo.

RENATA RIBEIRO, PRESIDENTE DO ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB, FALA SOBRE A BIBLIOTECA



A PARTE LITERÁRIA, A BIBLIOTECA AJUDA, POR ISSO que as pessoas começam a ler, começam a ter conhecimentos sobre os Orixás, a ter outra visão sobre a religião. Então é onde a parte acadêmica favorece, às vezes a pessoa não tem o tempo, não consegue se locomover até aqui; é bom a biblioteca por causa disso.

RAFAEL, MEMBRO DO EGBÉ AHÔ AŞÊ YÁ MESAN ORUN, CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



AGORA, QUANTO AOS PONTOS DE LEITURA TEMÁTICA, É UMA NECESSIDADE principalmente para essas comunidades tradicionais de matriz africana. É pela perda dessa memória ancestral e pra ter mais contato com informações sobre relações etnorraciais principalmente. Espero que um dia não haja necessidade de ter uma biblioteca temática, e que todas as bibliotecas incluam esta temática. O que nós sabemos é que, por enquanto, não existe esta preocupação, nem do poder público, e nem de quem faz gestão pública para a área de biblioteca de incluir essa temática.

PAI PAULO C. DE OLIVEIRA, CENTRO CULTURAL ORÛNMILÁ / SP



AQUI É O ESPAÇO, FORA DO AXÉ, FORA DAS NOSSAS ÁREAS DE TRABALHO espiritual que vai ser o nosso Ponto de Leitura, para a comunidade, para a universidade, para quem quiser vir estudar sobre a religião e outras coisas, tem vários livros. Eu tenho aqui no meu acervo pessoal. Eu como livros, eu me alimento também de conhecimento ancestral, então eu tenho muitos livros comprados, alguns eu ganhei e alguns foram comprados. Então esse aqui é o meu acervo particular que ao longo dos anos ... eu tenho fita sobre orixás, tenho várias coisas sobre orixás que eu já mandei botar em CD, porque é muito importante, eu tenho muita coisa gravada.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB

TÊM PESSOAS QUE É ANALFABETO E QUE NÃO SABE NEM O QUE SIGNIFICA ESTE LIVRO, É VERDADE, NÃO SABE MESMO... SÓ QUE TÊM OS FILHOS, TÊM OS NETOS, ESTÃO VINDO AÍ E TEM A POPULAÇÃO E SEUS PROFESSORES, QUE TAMBÉM PRECISAM ESTAR INFORMADOS E SABER O QUE ELES ESTÃO ENSINANDO

ROZILDA CARDOSO, COMUNIDADES NEGRAS RURAIS DE CASTRO / PR



Ilê Axé Omidewá / PB

# TRADIÇÃO ORAL



UMA BIBLIOTECA É IMPORTANTE DENTRO DO TERREIRO devido à oralidade; é a oralidade, sempre a oralidade, todo mundo fala e fica meio perdido. Então isso nos incentiva a escrever, incentiva às crianças estarem lendo. No local onde os outros terreiros devem ser ajuda na contrapartida do esvaziamento da escola, porque aqui você faz reforço escolar, grupo que não tem dinheiro pra pagar o vestibular, os que já têm nível superior fazem um grupo de estudo, pra tentar o vestibular junto, você está entendendo? E a oralidade que fica na oralidade, apesar dos erros que se cometeram, dos ancestrais pra cá, pois foi só ouvir. Eu vou falar do ioruba porque é o meu segmento, eu não posso falar dos outros. Eu vi pessoas muito mais velhas se trair pelo ouvido até pela pronúncia, porque uma mesma palavra quer dizer várias coisas, depende de onde ela está colocada para que você possa interpretá-la. Se isso vai pros livros e cadernos nunca mais vai ter dúvida desta pronúncia. Então a importância em dizer o terreiro não ensina, o terreiro educa.

MÃE MÁRCIA DÓRIA PEREIRA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



COM RELAÇÃO AO PONTO DE LEITURA ANTES A GENTE SÓ ESCUTAVA, as pessoas escutavam os mais velhos, como eu que escutei. Hoje até vem como as crianças que estão, pega o livro já vai e já vê, fala alguma coisa de Oxum, tem história, aquilo vai trabalhando a educação da criança (...) religião.

GUIOMAR, RODA DE CONVERSA, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



Ilê Axé Omidewá / PB

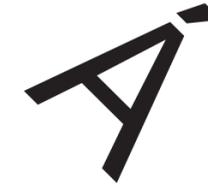
CONTAR E RESGATAR PEQUENOS CONTOS, pequenas lendas, é maravilhoso porque você vai mudar a visão da criança e ela vai ter um lúdico. Antigamente era só a oralidade, quando muito uma brincadeira de bonecas, bonecas de pano.

MARÍLIA FERREIRA, MATRIZES QUE FAZEM, EGBE ILE IYA OMIDAYE ASE OBALAYO / RJ



A GENTE FAZ RODA DE CONVERSA E AÍ EU BOTO UM QUADRO-NEGRO e explico as palavras em (...) mais usadas na liturgia, ali tira dúvidas com as pessoas, também têm pessoas que não sabem ler e também não adianta dar livro. Então eu passo, vou falando como os nossos antepassados faziam, vou passando para quem não sabe ler, conversando, explicando quem é o seu orixá, porque o seu orixá é assim, essas coisas que a gente tem que passar oralmente. E este tipo de atividade é só com os iniciados, porque no dia de aula, que a gente chama de aula, vai ter coisa que quem não é iniciado não pode saber que é o (auó), o segredo; eu faço a roda, é um domingo sim e outro não, como foi o Osé ontem a gente fez aquela atividade, mas sempre depois de (Osé) que se toma café, senta todo mundo no barracão, quem sabe ler com o caderno e quem não sabe vai escutar e tentar gravar.

MÃE LÚCIA DE OLIVEIRA, ILÊ AXÉ OMIDEWÁ / PB

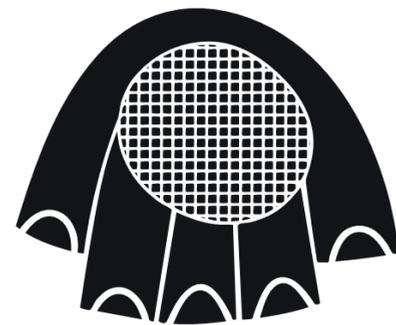


A TRADIÇÃO ORAL NO MEIO DO POVO NEGRO não atrapalha a pesquisa de outra forma, o povo negro não tem este preconceito, ao contrário, o povo que domina a escrita é que tem preconceito com o conhecimento oral, com a oralidade, tem dificuldade de entender. Os caras não escrevem, têm caras que você conversa a vida inteira com eles e eles não têm isso publicado. Esse desenvolvimento e acesso, a disseminação do livro contribui, ela é a solução? Não, não temos as soluções baratas, nem rápidas, mas é uma grande contribuição. Então o fato é: o Orùnmilá tem uma biblioteca temática. Passa também por esta discussão as políticas afirmativas e como reforço à história oficial, ao que se aprende nas escolas; têm escolas que já são um pouco mais avançadas nessa leitura dos Movimentos Sociais, Negra, (poucas) aí você tem lá uma leitura. Por exemplo, a respeito dos grupos específicos, dos escritores específicos de uma biblioteca temática, você tem um processo que é extremamente relevante pro Movimento Negro, Indígena, que é a colocação das contradições, a leitura histórica da história, como foi construída a desigualdade? Pega um texto de Aílton Krenak, por exemplo, indígena, cursa história indígena, e ele foi pra universidade, o Krenak, porque, diferente do povo negro, teve criação das universidades indígenas e de cotas indígenas. Todas as discussões que nós participamos eu faço questão de falar da luta do Movimento Negro, Movimento Indígena, porque as pessoas vão armadas contra o Movimento Negro. É o seguinte, até porque fisicamente você não vê índio aqui na região, por exemplo, em São Paulo talvez um pouco mais, tem aldeia lá perto, a miséria, mas é invisível, é invisível como força política, ao passo que o Movimento Negro, se superasse suas inúmeras divisões tem um potencial, uma potencialidade, uma força política, capaz de fazer transformações neste país. Nossa referência maior que são as Casas de Raiz Africana, as Comunidades Tradicionais de Raiz Africana, eles não tinham livros para se manter até hoje. Mas hoje, o embate se dá também com o livro, eles se mantiveram com a oralidade e formaram os grandes bastiões da resistência negra, porque preservamos uma cultura, preservamos um modo de ver o mundo, preservando uma concepção de mundo diferenciada, mediante aquilo que o Ocidente entende como religião, mas nós dizemos Filosofia, Culturas Negras. Ela faz um embate e proporciona identidade pra além da cor da pele, ela proporciona as identidades na qual as pessoas se colocam, se conhecem, para fazer a luta política. Então são causas ao mesmo tempo, causas políticas. Por mais que isso seja complicado para o pensamento tradicional, a própria preservação dessas casas é um ato político, eles fazem embates, cada um com a sua maneira, com as suas armas. Hoje, que se pensa nesta possibilidade de unificação de uma luta em torno da preservação com uma bandeira muito interessante, que vocês mais novos vão colocar nos livros, talvez pra chegar às bibliotecas temáticas futuras, que é a possibilidade desta leitura do mundo, desta concepção de mundo reeducar o Ocidente.

PROF. SILAS NOGUEIRA, CENTRO CULTURAL ORÚNMILÁ / SP

HOJE, O EMBATE SE DÁ  
TAMBÉM COM O LIVRO,  
ELES SE MANTIVERAM COM  
A ORALIDADE E FORMARAM  
OS GRANDES BASTIÕES  
DA RESISTÊNCIA NEGRA,  
PORQUE PRESERVAMOS  
UMA CULTURA,  
PRESERVAMOS UM  
MODO DE VER O MUNDO,  
PRESERVANDO UMA  
CONCEPÇÃO DE MUNDO  
DIFERENCIADA

PROF. SILAS NOGUEIRA,  
CENTRO CULTURAL ORÚNMILÁ / SP



## MEDIAÇÃO E LEITURA: TECER OS PONTOS

POR FRANCISCO GREGÓRIO FILHO

“Que a água seja refrescante.  
Que o caminho seja suave.  
Que a casa seja hospitaleira.  
Que o mensageiro conduza  
Em paz, nossa palavra.”  
Prece Ioruba

**M**eu querido avô dizia: peça licença, consentimento, sempre que adentrar em um espaço sagrado de sabedorias. Peça permissão para o convívio com os sábios e os seus saberes.

Pois, meus amigos leitores, repito aqui esse aconselhamento de meu avoengo para iniciar uma conversação de pé de ouvido com vocês.

De partida, trago-lhes uma história que ouvi muito em minha infância, contada por minha avó. Tempos depois fui ouvi-la, também contada por senhor José Azul, leiteiro, magarefe e vendedor de mel em Rio Branco, no Acre. Conteí com frequência essa narrativa que considero do gênero dos mitos de origem, encontrados no repertório popular afro-brasileiro e repetido com certa constância.

Aconteceu que em determinado período de minha trajetória como contador de histórias e oficina das práticas leitoras, a memória falhou e não conseguia lembrar mais a história inteira. Só de alguns trechos. Então um grupo de mulheres-estudantes<sup>1</sup> de pós-graduação do curso de arte-terapia me ajudou durante uma de minhas oficinas a recuperar uma das muitas versões. Hoje, a conto de cor – de coração. Gosto dessa prática das pessoas se ajudarem na recuperação de uma história. Ela ganha caráter coletivo, conquista solidária, identidade de grupo.

### A ÁRVORE QUE PRENDEU A MULHER DO ENTALHADOR

*Era uma vez, há muito tempo atrás, numa antiga aldeia, um fato muito estranho aconteceu, nenhuma mulher mais conseguia engravidar. Não nasciam crianças. Os homens não teriam mais descendentes, aquele povo ia desaparecer por falta de gerações, pois sem crianças um povo morre. Todos estavam desesperados. Remédios e ervas de todo o tipo foram usados, mas nada funcionou.*

*Foi então que as mulheres resolveram consultar Ifá, o adivinho que sabe de tudo, porque na vida se repete. Para Ifá, basta saber entre tantas histórias, qual é aquela que está sendo revivida. Ifá logo desvendou o segredo, a causa da tragédia, e recomendou às mulheres: “Levai presentes para Iroco, e tudo voltará ao normal, como antigamente”.*

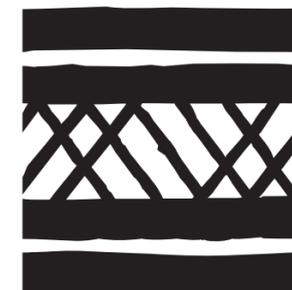
*Perto da aldeia, havia uma árvore enorme. Era uma gameleira branca, onde habitava Iroco, o orixá. Iroco era muito querido pelo povo daquela aldeia, que ele protegia e ajudava, mas já fazia um bom tempo que a aldeia se esquecera de Iroco. Ninguém mais ia visitá-lo com oferendas, ninguém enfeitava o tronco da gameleira branca com belos laços de tecido colorido, guirlandas de flores, ricas comidas e bebidas, como era costume antigo. Iroco estava triste e ressentido. Iroco se vingava nas mulheres, secando suas barrigas.*

*Segundo as instruções de Ifá, as mulheres prepararam as mais ricas comidas, as mais deliciosas bebidas, muitos laços coloridos, flores, enfim, todo tipo de presente que pudesse agradar Iroco. Aos pés da gameleira branca, a árvore sagrada onde habitava Iroco, as mulheres juntaram-se em círculo e entregavam seus presentes e falavam com Iroco:*

*“Aceita esta oferenda, meu pai, e me dê filhos!”, dizia uma. “Eis aqui uma comida de sua predileção, querido orixá. Faz crescer minha barriga”, dizia outra, suplicando. “Dá um filho ao meu marido”, mais uma implorava. E assim, uma depois da outra, todas as mulheres foram fazendo seus votos. Cantavam e dançavam em torno da árvore sagrada, prestando suas homenagens e prometendo sempre levar-lhe oferendas.*

*Então, chegou a vez de uma mulher chamada Olorumbi, que nada trazia de presente a Iroco, e que disse: “Orixá da árvore, estou de mãos vazias, porque nada tenho em casa hoje que te possa oferecer. Meu marido é entalhador e há semanas não vende nada, porque todos nós estamos tristes, tão desesperados, que ninguém quer comprar nenhum adorno desses que meu marido faz. Dá-me um filho, senhor, e te darei depois o que me for mais caro e precioso”. Iroco aceitou as oferendas de todas as mulheres, inclusive a promessa de Olorumbi. Nove meses depois, a aldeia alegrou-se com o choro de muitos recém-nascidos. As mães, felizes e gratas, foram levar a Iroco suas prendas. Em torno do tronco de Iroco, depositaram suas oferendas.*

*Olorumbi, a mulher do entalhador, ficou de longe segurando nos braços trêmulos, temerosa, o filho tão querido. Olorumbi sabia que estava em dívida e foi consultar Ifá, o adivinho, que disse: “Sei por que está aqui. Sente que*



está em falta com Iroco. Prometeu levar-lhe o filhinho de presente e não cumpriste.” Ao que, prontamente, Olorumbi respondeu: “Não, não prometi dar meu filhinho querido para Iroco.” E o adivinho retrucou: “Prometeste dar o que te foste mais caro e precioso, não?” e, ainda, “Não é o filho que tiveste, o bem mais caro e precioso que tens?” “Não, não darei o meu filhinho, ele não,” disse Olorumbi e saiu correndo apavorada.

Olorumbi não podia dar o filho adorado a Iroco, seu marido jamais consentiria. Não, nunca!

Então, ela passou a evitar a gameleira branca. Sempre se desviava da árvore, pois sabia que estava em dívida. Prometeu e não cumpriu. Recebeu e não deu a sua parte. O menino crescia forte e bonito, cada vez mais amado pelo entalhador e sua mulher.

Mas, certo dia, Olorumbi se descuidou e passou nas proximidades da gameleira branca. Iroco imediatamente saltou à frente de Olorumbi e disse: “Tu me prometeste o teu bem mais precioso e não cumpriste com a palavra dada. Transformo-te então num pássaro, para que vivas sempre aprisionada na minha copa.”

Assim, Iroco transformou Olorumbi num pássaro, que ficou cativo em sua copa, para ali viver para sempre.

O entalhador procurava a mulher por toda parte, mas não a encontrava. Triste e sozinho foi criando o filho querido e cada vez mais amado. Muitas pessoas que passavam pela gameleira branca escutavam um pássaro cantando:

“Ai da mulher que prometeu um menininho,  
Não deu e Iroco fez dela um passarinho.  
É seu destino ficar presa, sempre presa.  
Ai da mulher que prometeu um garotinho.”

Esta história logo chegou aos ouvidos do entalhador e ele entendeu tudo imediatamente. Sim, só podia ser Olorumbi, transformada em pássaro por Iroco. Ele precisava salvar sua mulher. Mas como, se amava tanto seu pequeno filho? Se não entregasse a criança, a mulher continuaria prisioneira. Libertando a mulher, perderia a criança. Afinal, foi consultar Ifá, que o aconselhou: “Meu caro entalhador, há poucos mistérios na vida, amigo. A vida ensina. Aprende com ela. Usa a tua arte e tudo se resolverá. Nada mais posso te dizer. Segue teu caminho”.

O entalhador ficou intrigado e questionou: “O que Ifá está querendo me dizer?” “Qual a solução para o meu dilema?” Chegando em casa, pensativo, sentou-se no cantinho onde costumava trabalhar, procurou com muito cuidado um bom lenho de gameleira branca e com sua faca de entalhador começou a trabalhar, vigiando de perto o filho. Enquanto trabalhava, lembrava das palavras de Ifá: “Usa a tua arte e tudo se resolverá”. “Usa a tua arte e tudo se resolverá...”.

Aos poucos, movido por um profundo sentimento de angústia, esperança, determinação e esforço, foi esculpindo na madeira uma figurinha querida,

com feições muito familiares, o retrato do menino! Havia entalhado o boneco mais perfeito que já fizera na vida. O boneco de pau de gameleira era a cara do menino de carne e osso e o pai se emocionou ao constatar a incrível semelhança. Depois, poliu o boneco e pintou em seu rosto o mais gentil sorriso. Perfumou-o com a água das ervas sagradas e vestiu-o com as melhores roupas do filho. Depois, resoluto e esperançoso, caminhou em direção à gameleira, pôs o menino de madeira aos pés da árvore e disse: “Meu grande pai Iroco, eis nossa oferenda. Aqui está o menino que minha mulher prometeu. Liberta Olorumbi, meu pai Iroco”.

Enquanto isso, lá do alto da copa enorme e sombria, o passarinho cantava:

“Ai da mulher que prometeu o menininho,  
Não deu e Iroco fez dela um passarinho.  
É seu castigo ficar presa, sempre presa.  
Ai da mulher que prometeu o garotinho.”

Iroco olhou para o boneco de pau e se encantou com o presente. Era o menino que ele tanto esperava. Imediatamente, Iroco devolveu à Olorumbi a forma de mulher. Aliviada e feliz, Olorumbi voltou para o marido e para o filho.

Iroco aceitou a oferenda e teve razões especiais para isso. Achou o menino muito parecido consigo mesmo, pois era feito do mesmo material de seu corpo, o pau de gameleira. Além disso, tinha o cheiro de suas folhas, hum, que delícia! Aceitou-o como filho seu, legítimo. Carne de sua carne. Lenho do seu lenho. Ficou encantado com o sorriso perene da criança. Iroco adorou o fato de que o menino não chorava nunca. Sempre silencioso, sempre em paz com a vida! Que pai não deseja ter um filho parecido consigo?

Alguns dias depois, Olorumbi, seu marido e seu filho foram até Iroco levar muitas oferendas para adornar o tronco da árvore. Todas as pessoas da aldeia ficaram felizes e contentes com o retorno de Olorumbi e também levaram oferendas para Iroco, porque Iroco dá o que as pessoas pedem e todos dão para Iroco o prometido.

Seguindo nossa conversa, considero uma boa iniciativa essa de promover os pontos de leitura em diversas comunidades, nas diferentes regiões e territórios do Brasil (aldeias, terreiros, quilombos, colônias, praças e areias, vilas, arraiais, ilhas e florestas). Pontos de leitura que desenvolvam um conceito de respeito e valorização dos diversos contextos culturais.

Claro que entendemos a importância e até mesmo a necessidade de livros, computadores e outros materiais de leitura, bem como todas as possíveis ferramentas das novas tecnologias disponibilizadas nos mais diferentes espaços – sejam urbanos ou rurais – do País. Porém, reafirmamos a necessária pertinência da presença dos mediadores de leitura. Pessoas especialistas e/ou apaixonadas pela leitura, que atuem com desenvoltura pelas linguagens artísticas, como o teatro, o audiovisual, as dramatizações e os folguedos, a música e a dança, as artes plásticas e o artesanato. Mediadores que incentivem as falas, os pensares e os fazeres de todos os envolvidos e que ainda possam apresentar novos materiais publicados e que estabeleçam interesses e conexões com o dia a dia

das pessoas e suas histórias de experiências individuais e coletivas. Conexão com seu contexto cultural em diálogo aberto com os outros contextos.

Passo a exemplificar com uma das vivências que me fazem pensar assim: em um artigo<sup>2</sup>, publicado no jornal *A Voz da Serra*, de Nova Friburgo, divulguei o lançamento do livro da professora Sônia Rosa, *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta*, que conta uma interessante história. Após a publicação recebi muitas correspondências com comentários repletos de elogios e/ou críticas, alguns coerentes e muitos outros contraditórios. O fato é que repercutiu e despertou curiosidade e debate sobre a importância de apresentar materiais desse tipo, que suscitem boas conversas, mesmo que divergentes, mas que registrem ocorrências ao longo da história das lutas dos povos e as suas diversas maneiras de narrá-las.

O livro conta um fato que existiu mesmo. A carta original está em Portugal, compondo os registros sobre a história colonial brasileira. A descoberta de uma cópia desta carta pelo historiador Luiz Mott foi tão importante, que o dia 6 de setembro se tornou o Dia Estadual da Consciência Negra no Piauí, e Esperança Garcia se tornou nome de maternidade e de alguns grupos culturais voltados para a africanidade em Teresina.

A carta é datada do dia 6 de setembro de 1770 e dirigida ao governador da capitania do Maranhão e do Piauí, Gonçalo Lourenço Botelho de Castro.

Não se sabe onde a escrava Esperança nasceu, nem o ano. No entanto, ela se destacou por sua coragem em escrever a primeira petição para um governador, relatando os maus-tratos sofridos nas mãos do capitão Antonio Vieira do Couto, inspetor de Nazaré, hoje município de Nazaré do Piauí. Por ser escrava de fazenda jesuíta, Esperança Garcia foi certamente alfabetizada e catequizada por eles.

*“Ela, Esperança Garcia, continua esperando a resposta da carta que escreveu ao governador porque uma Esperança de verdade nunca desiste de esperar. E assim, nessa incansável espera, Esperança Garcia entra para a história como a escrava corajosa que redigiu a primeira carta-petição no Brasil afro-brasileiro”,* escreveu Sônia Rosa, felicíssima pelo resultado de seu esforço em pesquisar e compartilhar essas notícias que tanto nos orgulham e nos lembram das vozes de nossos ancestrais inquietos e que denunciavam as injustiças.

*“A História mostrou que a força da voz de Esperança Garcia foi um grito de libertação! E que não foi em vão. Esperança Garcia – um grande exemplo de vida! Uma mulher realmente inesquecível!”*

Transcrevo aqui essa carta, adaptada à linguagem atual, e que ficou sem resposta:

*“Eu sou uma escrava de V.Sa. da administração de capitão Antonio Vieira de Couto, casada. Desde que o capitão lá foi administrador, que me tirou da Fazenda de Algodões, onde vivia com meu marido, para ser cozinheira de sua casa, passo muito mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho, uma criança, que lhe fez extrair sangue pela boca; em mim não posso explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que*

*caí uma vez do sobrado abaixo apeada; por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar há três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Pelo que peço a V.Sa. pelo amor de Deus e do Seu valimento ponha os olhos em mim ordenando, digo, mandar o Procurador que mande para a fazenda onde ele me tirou, para eu viver com meu marido e batizar minha filha.*

*De V.Sa. sua escrava,  
Esperança Garcia”*

Sônia, a autora, é professora, pedagoga, com especialização em leitura, cultura e história africana. A autora dá nome a várias salas de leitura no Rio de Janeiro. Já Luciana Justiniani Hees, a ilustradora, é brasileira e vive em Moçambique desde 2003. Tem ilustrado livros cujos temas são a cultura africana e a afro-brasileira, trabalhos premiados.

Dessa experiência posso registrar que foi a que mais causou polêmicas entre os leitores. Reafirmo então o papel do mediador como um animador de diálogos em torno das narrativas faladas e escritas nos textos, nas imagens e nas vozes dos que apresentam em escrituras ou as leem em voz alta.

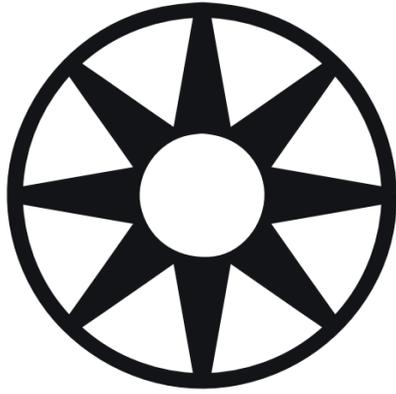
Exerço em sociedade um papel que me alegra e me move intensamente. Como contador de histórias, estou sempre em movimento com o outro – com os outros. Considero então o valor dos contadores de histórias contemporâneos que têm uma função social mobilizadora para gerar transformações – então aí um mediador de leitura. Um mediador de debates, de leituras, de informação e de conhecimentos. Especialmente um promotor de escutas entre diferentes gerações. Escutas tão necessárias para refletirmos o que nos dizem para o presente e para o futuro as narrativas de nossa ancestralidade.

O país é grande, imensas são as possibilidades de se escrever uma promissora história de incentivos e investimentos na produção da leitura. Muitas são as iniciativas merecedoras de registros e de difusão em nossa sociedade, metodologias e políticas públicas plurais que operam hoje essas ações. Tenho confiança nas intenções de instituições, entidades e profissionais comprometidos com a causa. Viva o ponto! Vivam os pontos! Viva a leitura! Precisamos de mais, muito mais. Vamos tecer mais pontos e integrá-los em rede.

Posto e proposto, vamos em frente: como mediadores, contadores de histórias, arqueólogos, antropólogos, cantadores, poetas e educadores sociais. Todos nós promovendo a interação do que fomos, do que somos e do que seremos. Conectar as novas vozes com as dos ancestrais. Construir um grande acervo e um rico e democrático repertório, em que cada um dos participantes se sinta protagonista de sua história e da de seu grupo/povo/nação. Instaurar aí a capacidade de interagir com respeito e crédito de valor com as culturas e as histórias dos outros, dos diferentes. Enriquecer a qualidade cidadã com a autonomia e o exercício mais paciente e vigoroso de discernimento.

Agradeço a atenção dos amigos leitores e suspendo temporariamente minha fala para ouvir as considerações de vocês, sim?

1 Clínica Pomar, turma 71, Rio de Janeiro, formada por Angela Ludolf Pulcherio, Carla Neves Gonçalves, Gersira do Espírito Santo, Lúcia de Fátima Bandeira de Castro, Marco Antonio Soares Resende, Rose Belém e Zulêde Mesquita Feitosa.  
2 Espaço de Leitura, Caderno Light, Jornal *A voz da Serra*, Nova Friburgo, RJ. Edição de 10 de novembro de 2012.



## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de (Org.) [et al]. Territórios quilombolas e conflitos. *Manaus*: UEA Edições, Cadernos de debates Nova Cartografia Social do *Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia*, 2010, Disponível em: [http://www.novacartografiasocial.com/index.php?option=com\\_phocadownload&view=category&id=2&Itemid=69](http://www.novacartografiasocial.com/index.php?option=com_phocadownload&view=category&id=2&Itemid=69) Acesso em 2 dez. 2012.

ANJOS, Suelen G. dos. *Cultura e tradições negras no Mesquita: um estudo da matrifocalidade numa comunidade remanescente de quilombo*. Revista Padê v.1, n.1, 2006.

ANUSZEWSKA, Ewa. *A imigração alemã no Brasil à luz dos relatórios dos cônsules do Império Alemão no início do século XX*. Estudos Latinoamericanos 7, 1980. PL ISSN 0137-3080, "Audiência discute demarcação de terras aos quilombolas em Castro".

BASTOS, Ivana S. *O perfil dos terreiros de João Pessoa*. – ABHR, Mapeamento dos Terreiros de João Pessoa, Paraíba.

BOSI, Ecléa. *Cultura e desenraizamento*. Revista de cultura Vozes, São Paulo, v. 77, n. 7, p. 508-512, 1983.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1987.

CAMPOS, Nezilda J.L. de. *Curiaú – estórias e histórias sobre a história de uma Vila*. Campinas: Dissertação de Mestrado, Depto. de História, IFCH, Unicamp, 2002.

CASTRO, E. Viveiros de. *Cosmological deixis and Amerindian perspectivism*, The Journal of the Royal Anthropological Institute, 4 (3), pp.469-487, sept. 1998.

COMUNIDADE: SERRA DO APON. Terra: Serra do Apon, Município/UF: Castro – PR, População: 22 famílias. Titulação: processo em andamento no INCRA:

DESER Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais. Regularização de comunidades quilombolas avança no Paraná, s/data [www.deser.org.br](http://www.deser.org.br)

FARIA, Antonio Carlos Soares. *A Resistência dos Cativos em Ribeirão Preto (1850 a 1888)*. s/d.

FREIRE, Roselene S. e MEZZOMO, Frank A. *Formação histórica e experiências contemporâneas de Comunidades Quilombolas no Paraná*. [Este texto apresenta parte das discussões realizadas no trabalho final, entregue como requisito parcial para conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná (PDE/PR), turma 2009].

GANDUGLIA, N. *Historias de Montevideo mágico*. Montevideo: Ed. Planeta, 2006

\_\_\_\_\_. *País de magias escondidas*. Montevideu: Ed Planeta, 2010.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. *Nascidos no Curiaú*. Belém: NAEA/UFPA, 1997. Publicado Ed. UFPA, em 1999.

KUBASKI, Derek. Projeto vai fortalecer memórias de grupos quilombolas. *Gazeta do Povo*. Londrina, 12 mai. 2012, Vida e Cidadania, Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1253788>>.

\_\_\_\_\_. Área pode voltar a ser comunidade quilombola. *Gazeta do Povo*. Londrina, 18 mar. 2013, Vida e Cidadania, Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1354598&tit=rea-pode-voltar-a-ser-comunidade-quilombola> [Microrregião de Ponta Grossa - Castro - CRQ Serra do Apon].

CRQ Comunidade Remanescente Quilombola da Serra do Apon].

LIMA, Gerson D. e GIANASI, Lussandra M. *Etnoterritorialidade Quilombola de Macuco no município de Minas Novas e chapada do Norte/Vale do Jequitinhonha*. Minas Gerais, Brasil: mapeamentos e análises. Goiânia: Ateliê Geográfico v. 5, n. 13 mar/2011 p.37-63 disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/13824> , Acesso em 28 jan. 2013.

MAM'ETU Nangetu Uá Nzambi e Pai Luiz Tayanô (orgs.). *Afro-religiosos na cidade de Belém*. Da Série Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia, Fascículo 3. Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-brasileira – INTECAB-PA.

MARTINS, Tarcísio J. *Irmandades, cortes, festas e manifestações católicas*. Revista Raiz, 30 nov. 1999.

MINE, Gisele O., TUBALDINI, Maria A. dos S., RODRIGUES, Ludimila de M. *O Vale do Jequitinhonha em seus múltiplos aspectos: História, Campesinato, Artesanato e Seca nas Comunidades de Coqueiro Campo e Pinheiro/Minas Novas – MG*. In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, Uberlândia-MG, 15 a 19 out. 2012.

OLIVEIRA, Edna dos Santos. *Da tradição oral à escritura: a história contada no Quilombo de Curiaú*. Campinas: Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, [s.n.], 2006.

QUEIROZ, Silveide. *Território quilombola do Curiaú e área de proteção ambiental do rio Curiaú: interpretações dos conflitos socioambientais pela economia ecológica*. Belém: Dissertação de Mestrado, NAEA/UFPA, 2008.

Revista Dikamba nº 1, abr. 2011, pp. 34 a 42. CELACC Centro de Estudos Latino-Americanos de Cultura e Comunicação, ECA-USP.

Revista Raça, Raça Brasil: Movimento: 3 nov. 2008.

SILVA, Sebastião, M. *Curiaú: a resistência de um povo*. Macapá: Secretaria do Estado de Meio Ambiente, 2004.

\_\_\_\_\_. *Curiaú: sua vida, sua história*. Macapá: FUNDECAP, 2000. 34 p.

TRINDADE, Joseline B. *No tempo das águas cheias: memória e história dos negros do Curiaú/AP*. Florianópolis: UFSC, *Dissertação de Mestrado em Antropologia Social*, 1999.

TUBALDINI, Maria A. dos S. e DINIZ, Raphael F. *Gênero, agricultura familiar e (RE) organização do espaço rural em comunidades quilombolas de Minas Novas e Chapada do Norte – Vale do Jequitinhonha/ MG/Brasil*. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, Año 2011.

UNESCO. *Convención para la salvaguardia del patrimonio cultural imaterial*. 2003 <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540s.pdf>>

Toda a pesquisa pode ser acessada pelo site

**[www.ancestralidadeafricana.org.br](http://www.ancestralidadeafricana.org.br)**

